ELSEVIER

MICHAEL JACOBS

Mesmo autor de *Como não aprender inglês*

Como não ensinar Inglês

Erros comuns e soluções práticas comentadas

CAMPUS

Indicado também para o aluno



Preencha a **ficha de cadastro** no final deste livro
e receba gratuitamente informações
sobre os lançamentos e as promoções da
Editora Campus/Elsevier.

Consulte também nosso catálogo
completo e últimos lançamentos em
www.campus.com.br

© 2009, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Carolina Godoi
Editoração Eletrônica: Estúdio Castellani
Revisão Gráfica: Carolina Godoi

Projeto Gráfico
Elsevier Editora Ltda.
A Qualidade da Informação.
Rua Sete de Setembro, 111 – 16° andar
20050-006 Rio de Janeiro RJ Brasil
Telefone: (21) 3970-9300 FAX: (21) 2507-1991
E-mail: *info@elsevier.com.br*
Escritório São Paulo:
Rua Quintana, 753/8° andar
04569-011 Brooklin São Paulo SP
Tel.: (11) 5105-8555

ISBN 978-85-352-3277-6

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação à nossa Central de Atendimento, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.

Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

Central de atendimento

Tel.: 0800-265340
Rua Sete de Setembro, 111, 16° andar – Centro – Rio de Janeiro
e-mail: info@elsevier.com.br
site:www.campus.com.br

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

J18c Jacobs, Michael A. (Michael Anthony), 1944-
Como não ensinar inglês : erros comuns e soluções práticas comentadas / Michael Jacobs. – Rio de Janeiro : Elsevier, 2009.

ISBN 978-85-352-3277-6

1. Língua inglesa – Estudo e ensino – Falantes de português.
2. Língua inglesa - Erros. I. Título.

08-4208. CDD: 428.24
CDU: 811.111'243

Dedico este livro com imensa gratidão ao Bill e ao Dr. Bob, por terem me colocado nesta viagem sem destino. Sem destino, pois percebi que a viagem *é* o destino.

Aos meus filhos, Michael, Christian (*in memoriam*), Bianca, Chantal e Julian.

À Cláudia Rodrigues, pelo título deste livro, pela fé e pelo amor.

À Daize Lellys, por ter aberto meus olhos. Hoje acredito em anjos.

Aos meus pais, por terem sobrevivido a duas guerras mundiais e, mesmo assim, me proporcionado uma vida muito melhor do que a deles.

O autor

Nasci em Londres em 1944 e vim para o Brasil em 1967. Como engenheiro, atuei em várias multinacionais até 1989, quando comecei a lecionar inglês e a fazer traduções para a língua inglesa. Tenho quatro filhos brasileiros e moro em São Paulo.

Acho que fui o pioneiro ao escrever e publicar em português para ajudar o aluno brasileiro a melhorar seu inglês (depois de muitas pessoas dizerem que essa idéia jamais daria certo!).

Publiquei *Como não aprender inglês* em 1999, aquele com as torres gêmeas do WTC e o Cristo Redentor na capa. Em 2001, saiu o volume 2 do mesmo título, com o avião subindo por cima das mesmas torres, Big Ben, minha foto, etc. Esses dois livros foram publicações independentes.

Aí veio 11 de setembro. Além dos estragos e destruição provocados por Osama bin Laden e seus comparsas, ele também fez a proeza de acabar com as duas capas.

Em 2002, a Editora Campus/Elsevier adquiriu os direitos dos dois livros e publicou a "Edição Definitiva", com o melhor dos dois volumes anteriores. Assim, os primeiros dois volumes saíram de catálogo, mas juntos venderam quase 150 mil cópias até a data.

Em 2003, a Disal Editora lançou *Tirando dúvidas de inglês*,eaCampus, *Como melhorar ainda mais seu inglês*.

E se você acha que os livros são caros, quero informar duas coisas: primeiro, não sou eu quem estabelece o preço; segundo, o custo de aulas de inglês geralmente varia de uns poucos reais a hora até em torno de R$100! É só comparar isso com um comentário que recebi de um leitor:

"Aprendi mais com seu livro do que em trinta aulas."

Como se vê, um ótimo custo/benefício. (E ele estava se referindo apenas a um dos livros.)

Prefácio

Embora eu tente viver minha vida um dia de cada vez, e deixar o amanhã cuidar de si mesmo, tenho a impressão de que este livro será o último que escrevo sobre o aprendizado de inglês considerando o aluno e o estudante brasileiro. Não, não é que eu esteja com alguma doença terminal, nada disso! Pode ficar tranqüilo (ou triste... sei lá!), pois pretendo continuar, da minha maneira, ajudando.

Não imaginava, nem podia imaginar, como o meu primeiro livro, *Como não aprender inglês* (1999), mudaria minha vida e, sem pretensão alguma, o mundo editorial brasileiro no segmento de educação de línguas. Antes dessa publicação independente, quase todo o material didático era escrito em inglês para atender a demanda internacional. Contrariando todos os conselhos, resolvi escrever em português para facilitar o estudo para o brasileiro, e desde então fui seguido por um sem-número de outros autores.

Em minha opinião, já existem livros em número e qualidade suficiente para cobrir todas as necessidades. Dicionários dos mais diversos tipos, listas de tudo que é natureza, que mais seriam *raining in the wet*. E não, não acho uma boa expressão para transmitir a expressão brasileira “chover no molhado”. Talvez, *Carrying coals to Newcastle*? Frase bem antiga, cujo significado é “levar carvão a Newcastle”. Newcastle, para quem não sabe, é uma cidade inglesa famosa por suas minas e produção de carvão, não havendo, portanto, necessidade de levar carvão para lá. Algo como “vender geladeiras para esquimós”.

Por isso, provavelmente esta é minha última tentativa de ajudar. Em vez de tentar converter os outros ao meu modo de pensar, o que seria muito pretensioso, quero dizer que faço o meu melhor para atender o que vejo como tentativas genuínas, porém muitas e tantas vezes frustradas, de aprender inglês. Obviamente, mesmo tantas publicações não podem abordar tudo, para todas as eventualidades e necessidades. Sempre haverá uma lacuna a ser preenchida. Um

idioma não é algo hermético, sujeito apenas a classificações e listas e mais listas, mas quando se chega o mais próximo possível desse ponto, sugiro duas palavras, não muito originais: dicionários e leitura.

Lembro de ter lido, em português, o lindo livro *O professor e o demente (The professor and the madman*), da Editora Record, escrito por Simon Winchester, que descreve como foi elaborado e publicado o maior dicionário da língua inglesa – The Oxford English Dictionary –, também conhecido como OED, que hoje já possui nova versão: OED2.

O interessante é o fato de, apesar de haver a segunda versão, a primeira ter passado a se chamar, "retronimicamente", OED1. Que palavra nova e intrigante descobri: *retronymically*, em inglês. Aconteceu o mesmo com meu primeiro livro. Depois de ter lançado o volume 2 de *Como não aprender inglês,* o primeiro tornou-se "retronimicamente" o volume 1. Chique, né?

Já tinha ouvido falar do OED antes de ler *O professor e o demente*, mas qual não foi minha surpresa quando, alguns anos atrás, finalmente bati os olhos nele. Imaginei que era grande, mas ao ver o OED à venda por um valor em torno de R$8 mil, tive uma agradável surpresa quando percebi que "o" dicionário era composto de vinte volumes!

Bem, voltando a você, e desculpe-me a divagação... Desde que come-cei a escrever para o público brasileiro tenho recebido tanta correspondência de alunos e estudantes (vide página 140 para saber por que uso essa distinção)que considero uma dádiva e um privilégio a oportunidade de ajudar, tirando dúvidas e dando orientação e conselhos. Mas percebo que chegou a hora de partir para outros campos, pois muitas perguntas podem ser respondidas com uma cópia de algo que já escrevi, ou que já está incluso em um dos meus livros. Tenho sentido certa repetição – e por que não dizer frustração? – quando perguntas que já foram plenamente respondidas nos meus livros chegam a mim, o que me faz pensar: Se essa pergunta já foi respondida, por que este leitor não leu? E a segunda parte, o segundo pensamento, deste "enigma" sempre vem à tona quando recebo perguntas a respeito de assuntos e questões tão, lamento dizer, banais. Banais porque as respostas se encontram nas publicações regulares, entre os tantos títulos disponíveis no mercado para aprender inglês.

Sumário

Assunto/Subject

1. Adivinhe!
2. Could you help me???
3. Thank you a lot
4. Dúvidas
5. Olá!
6. Preposition
7. Trancando matrícula
8. Sorry to bother you
9. Song
10. I need your opinion
11. Doubts
12. Help
13. O uso de still e so
14. Doubts! Doubts! And doubts!
15. Boa noite
16. Are you hungry?
17. Curiosidades
18. Consulta
19. Dúvida
20. Ajuda de fiteacherflpara fiteacherfl
21. Poderiam me ajudar?
22. Congratulation!!!
23. Tradução
24. Opinião sobre seu livro
25. Nascer, em Inglês
26. Se me permite
27. Question

28. Thank you very much
29. Hard and Difficult (desde já)
30. Hello Michael!
31. ?????
32. Tira dúvidas
33. Mexer
34. Doubts
35. Dúvidas de um leitor
36. The word fiGUMfl
37. Carry oneself well
38. Dúvidas
39. Dúvidas
40. A big doubt
41. Thank you
42. Guess what? Doubt... again!
43. Separação de sílabas
44. More Doubts
45. Algumas dúvidas
46. Vocabulary
47. Doubts
48. "Such"
49. Ajuda
50. If or whether?
51. Como dizer .....?????
52. Help me please
53. Adorei seus livros
54. Nem sempre o dicionário ajuda!
55. Verb + Infinitive (x) Verb + Gerund
56. Please, help me!
57. Quando precisamos usar o apóstrofe?
58. Articles
59. Good x nice
60. Inglês Americano x Britânico and more
61. Dúvida
62. Porque dentista é “dentist”?
63. Why not Brazilian sausages
64. Hello
65. Inglês com orientação
66. Oi

67. I loves your book
68. Stone in your eyes.
69. Saudações
70. Dúvidas
71. Tirando dúvidas
72. Conch
73. Garage
74. Once more (Changed!)
75. Muito obrigado!
76. Oi amigo Michael
77. Pronunciation question
78. Fun/funny
79. Doubts
80. Doubts....and so on ..lol
81. Seu português
82. Vocabulário
83. Dúvidas
84. Dúvidas
85. Dúvida de inglês
86. Metodologia
Posfácio
Apêndice
Índice

Introdução

Em 1999, escrevi o livro *Como não aprender inglês* pensando, quase exclusivamente, no aluno brasileiro. Se pensei no professor de inglês, foi muito pouco, pois minha experiência no ensino da língua inglesa era limitada a aulas particulares e escolas, nas quais predominavam professores nativos da língua inglesa e brasileiros quase tão fluentes e hábeis quanto estes.

Qual não foi minha surpresa quando comecei a receber e-mails tanto de professores quanto de alunos. Aliás, surpresa em dobro, pois nem imaginava que iria receber correspondência, menos ainda de professores. Por isso eu não esperava! E as cartas deles abriram um novo mundo para mim, um universo até então desconhecido.

Lembro-me - logo após o sucesso inicial de *Como não aprender inglês*-de estar conversando com o dono de uma grande empresa do ramo de distribuição e editoração de livros didáticos e de ele ter perguntado o que eu achava da situação dos docentes de línguas no Brasil e eu repetir o que já havia dito no livro: mal remunerados. A minha visão era muito limitada. Depois de um bom tempo entendi melhor a pergunta dele. Era sobre as dificuldades especiais que os professores tinham por não serem nativos. Eu as desconhecia, já que meu mundo era muito restrito até então.

Mas não precisei de muito tempo para perceber tais dificuldades, a julgar pelas cartas. E foi exatamente o que fiz: julgar. Mas ao longo do tempo comecei a perceber que estava em posição privilegiada para ajudar os professores da mesma maneira que tinha conseguido ajudar os alunos.

Escrevi *Como não aprender inglês* para ajudar os estudantes de inglês e acabei ajudando também os professores. Agora, escrevo para os professores de inglês, mas talvez consiga ajudar também os alunos.

Tentei me limitar a perguntas de pessoas que se identificaram de alguma maneira como professores, pois tenho um arquivo com esse título. Mas não sou muito organizado, e se porventura entraram cartas que não são de professores, por via das dúvidas eu os incluí por achar interessante em geral.

O leitor perceberá que incluí trechos autobiográficos ao longo do livro. O motivo não está relacionado ao ego do professor Michael (bem, talvez só um pouquinho, para falar a verdade), mas tem muito a ver com o aprendizado de inglês. É porque muitas vezes meus alunos se queixam da necessidade de

aprender inglês e demonstram certa inveja de mim por eu ter nascido em um país de língua inglesa, e até por este ser do “primeiro mundo”, com todas as supostas vantagens que isso traz. E eu o convido a pensar também: Qual é a sua visão da Europa? O que você tem em mente?

Quando escuto isso, minha reação normalmente é contar ao aluno um pouco da minha história, para mostrar outra realidade e tentar criar uma perspectiva diferente. Não sei se consigo, mas não me lembro de alguém saindo da sala de aula ou ter caído no sono. Pode ser interessante para você. Mas se quiser pular essas partes, entenderei (e não vou precisar de mais de três dias para me recuperar).

Este livro tem dois diferenciais em relação às minhas outras publicações. Em vez de simplesmente me limitar a responder a pergunta do leitor (ou pelo menos tentar, pois nem sempre consigo), desta vez acrescentei comentários que podem ser classificados como tudo “o que eu queria dizer, e não tive coragem, mas agora tenho”.

Outro fator é o de deixar os e-mails na forma que chegaram a mim. Não é uma tentativa de mostrar ao leitor os erros do próprio português para depois dizer: “Viu? E quer aprender inglês quando mal sabe português!”. É para mostrar o quanto pode faltar no aprendizado geral no que se refere à habilidade de se expressar. Percebo que uma pessoa com dificuldade de se expressar em inglês muitas vezes tem a mesma dificuldade em português. As cartas mostram isso. As vezes mostram confusão de idéias e falta de clareza, que acabam sendo transmitidas para o inglês. Tornam-se um espelho. Então, o desafio de aprender inglês é complicado por haver certa dificuldade com a própria língua-mãe.

Admito que você também pode se cansar de eu ficar fazendo a mesma sugestão ao longo das respostas (leitura e mais leitura), mas como é uma reprodução da nossa verdade, sinto que não estaria sendo fiel se não desse essas recomendações. E pode ajudar lembrar que as cartas foram escritas em épocas bem diferentes.

Vamos começar?

COMO NÃO ENSINAR INGLÊS

Geralmente, na maioria dos e-mails que recebo as pessoas pedem para eu traduzir uma frase ou outra, ou para esclarecer uma questão simples. Veja este que recebi, e minha resposta:

1. Subject: Adivinhe!

Faz algum tempo, perguntei a V. Sa. a diferença entre COMPANY e ENTERPRISE (depois de pesquisar em renomados dicionários britânicos etc.). V. Sa. me respondeu com um tapa de luvas, dizendo o seguinte: "Empresa e Empreendimento, não entendo qual o seu problema..." etc. Ora, V. Sa. deve de ter os mesmos dicionários (e outros mais), onde não se diz que enterprise significa empreendimento... Sem querer questionar, mas questionando, pergunto: quem está mais certo? Os dicionários ou o grande mestre e guru, Mr. Jacobs?

Quanto aos seus dicionários, não posso opinar. O meu, de fato, define *Enterprise* como empreendimento, seguido por empresa. Continuo não entendendo seu problema. Tudo vai depender do contexto e do seu próprio discernimento para distinguir o que seja um ou outro, quando é usado, por que, por quem e como.

Parece que você quer uma definição estanque, preto e branco, cem por cento, que sirva para todas as ocasiões, países, nacionalidades, sexos, cores e personalidades, sem falar na sintaxe, contexto e ênfase. Entendo, mas no mundo **real,** lugar onde o aluno brasileiro comum reluta tantas vezes em visitar e adentrar, as coisas não são assim. Triste fato para os acomodados e para os que procuram atalhos simples. (Não estou falando de você!) Mas esse é o problema com a verdade. É implacável, não o deixa em paz. Fica cercando-o por todos os lados, mostrando-lhe o que realmente é. Isso pode ser perturbador e, não obstante, quantas vezes tentar fugir dela, permanece imutável.

É por esse e por outros motivos que me questiono se devo continuar como antes. O que acha? Bem, antes de responder, já vou avisando: não vou continuar assim. Todas as respostas já foram dadas e, para repetir uma expressão que uso cada vez mais nas trocas de correspondências com meu público, não estou a fim de ficar reinventando a roda. Se não tenho as respostas, e muitas vezes não as tenho mesmo, certamente elas existem nas publicações existentes. Não sei o que vou fazer de agora em diante, mas ficar aqui simplesmente repetindo, às vezes apenas com algumas diferenças sutis, as mesmas respostas, não faz sentir que estou ajudando muito. Porque percebo que não importa quantas vezes e quantas pessoas tente ajudar, jamais terminarei este trabalho assim. Por isso, quero que minhas verdades doam. Quero que elas sejam ousadas, não por mim, mas pelos brasileiros que poderiam ser beneficiados por meio deste livro, ao longo do qual você vai encontrar bastante referências aos meus outros livros. Se você achar que isto é uma maneira descarada de se referir a eles e vender mais livros, posso lhe informar que não é assim. É para ser uma maneira *sutil* de vender mais livros. E como não posso ficar aqui reproduzindo as obras, na íntegra, me limito a fazer essas referências (sutis).

Ao longo do livro vou introduzindo seções que chamo Atitudes & Sugestões, nas quais há perguntas sobre qual preposição usar, qual modal verbal é mais indicado, as sutilezas de questões gramaticais... todas as respostas existem e todas as perguntas já foram feitas, se não a mim, então a tantas outras pessoas que também ajudam aos estudantes brasileiros. E, sinceramente, perder tempo fazendo perguntas, procurando atalhos, aprendendo aos poucos, não vai, em minha opinião, resolver o assunto. Desde meu primeiro livro, tanto eu quanto o Professor Dr. John Milton, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, temos dito o mesmo. Não custa recordar as palavras dele, ao assinalar o prefácio: "Um elemento muito forte no livro são as Atitudes, nas quais o autor tenta encorajar uma atitude menos passiva por parte dos estudantes brasileiros. O aprendiz de línguas tem de dedicar tempo e esforço e dar uma grande parte de si mesmo se quiser aprender bem."

Obrigado John. Mas, espere! Tanto John quanto eu somos ingleses. O que será que o brasileiro tem a dizer sobre o assunto? Vou reproduzir um artigo de Stephen Kanitz, publicado na Revista *Veja* que vai muito além do que foi dito por John e por mim nos meus livros. Coisas que muitas vezes eu gostaria de dizer, mas por ser estrangeiro aqui não me sinto no direito. Mas o Kanitz, brasileiro, pode.

REVOLUCIONE A SALA DE AULA

Qual a profissão mais importante para o futuro de uma nação? O engenheiro, o advogado ou o administrador? Vou decepcionar, infelizmente, os educadores, que seriam seguramente a profissão mais votada pela maior parte dos leitores. Na minha opinião, a profissão mais importante para definir uma nação é o arquiteto. Mais especificamente o arquiteto de salas de aula.

Na minha vida de estudante freqüentei vários tipos de sala de aula. A grande maioria seguia o padrão usual de um monte de cadeiras voltadas para um quadro negro e uma mesa de professor bem imponente, em cima de um tablado. As aulas eram centradas no professor, o *locus* arquitetônico da sala de aula, e nunca no aluno. Raramente abrimos a boca para emitir nossa opinião, e a maior parte dos alunos ouve o resumo de algum livro, sem um décimo da emoção e dos argumentos do autor original, obviamente com inúmeras honrosas exceções.

Nossos alunos, na maioria, estão desmotivados, cheios das aulas. É só lhes perguntar de vez em quando. Alguns professores adoram ser o centro das atenções, mas muitos estão infelizes com sua posição de ator obrigado a entreter por cinqüenta minutos um bando de desatentos.

Não é por coincidência que somos uma nação facilmente controlada por políticos mentirosos e intelectuais espertos. Nossos arquitetos valorizam a autoridade, não o indivíduo. Nossas salas de aula geram alunos intelectualmente passivos, e não líderes; puxa-sacos, e não colaboradores. Elas incentivam a ouvir e obedecer, a decorar, e jamais a ser criativos.

A primeira vez que percebi isso foi quando estudei administração de empresas no exterior. A sala de aula, para minha surpresa, era construída como anfiteatro, onde os alunos ficavam num plano acima do professor, não abaixo. Eram construídas em forma de ferradura ou semicírculo, de tal sorte que cada aluno conseguia olhar para os demais. O objetivo não era a transmissão de conhecimento por parte do professor, esta é a função dos livros, não das aulas.

As aulas eram para exercitar nossa capacidade de raciocínio, de convencer nossos colegas de forma clara e concisa, sem "encher lingüiça", indo direto ao ponto. Aprendíamos a ser objetivos, a

mostrar liderança, a resolver conflitos de opinião, a chegar a um comum acordo e obter ação construtiva. Tínhamos de convencer os outros da viabilidade de nossas soluções para os problemas administrativos apresentados no dia anterior. No Brasil, só se fica na teoria.

No Brasil, sequer olhamos no rosto de nossos colegas, e quando alguém vira o pescoço para o lado é chamado à atenção. O importante no Brasil é anotar as pérolas de sabedoria.

Talvez seja por isto que tão poucos brasileiros escrevem e expõem as suas idéias. Todas as nossas reclamações são dirigidas ao governo -leia-se professor - e nunca olhamos para o lado para trocar idéias e, quem sabe, resolver os problemas sozinhos.

Se você ainda é um aluno, faça uma pequena revolução na próxima aula. Coloque as cadeiras em semicírculo. Identifique um problema de sua comunidade, da favela ao lado, da própria faculdade ou escola, e tente encontrar uma solução. Comece a treinar sua habilidade de criar consenso e liderança. Se o professor quiser colaborar, melhor ainda. Lembre-se de que na vida você terá de ser aprovado pelos seus colegas e futuros companheiros de trabalho, não pelos seus antigos professores.

STEPHEN KANITZ
VEJA, edição 119.671, ano 33, n. 42
de 18 de outubro de 2000

ATITUDES & SUGESTÕES 1

Quero muito aprender Inglês mas tendo meus sete filhos como prioridades não posso nem sonhar em entrar em uma escola. Você poderia me ajudar de alguma forma, indicando alguém que pudesse me ajudar? Para mim é muitíssimo importante que eu aprenda a falare escrever em Inglês. Não sou o que se pode chamar de nível básico mas também não estou com a bola toda. Por favor, help me!

Costumo dizer que, para aprender inglês, ou qualquer outra coisa boa (percebo que para aprender as coisas ruins e fáceis o sistemático pode ser bem diferente), tudo vai depender da prioridade dada ao assunto. Afinal,

todos nós temos as mesmas 24 horas no nosso dia. Falo sobre isso no meu livro *Como melhorar ainda mais seu inglês.*

Também aprendi uma lição muito importante: você pode fazer **qualquer** coisa que queira na vida, somente não pode fazer **tudo** o que quer. Precisa escolher. A única coisa que posso lhe dizer é para você avaliar, com toda honestidade possível, como está estruturando seu tempo, e decidir o que é possível fazer, dentro das suas prioridades.

Vejo muita gente, e não apenas estudantes de inglês, que convivem com o que chamo de "pensamentos mágicos". Do tipo: "Estaria tudo bem na minha vida, não fosse pela realidade." Reconheço isto com facilidade, pois eu era assim, e tento não ser mais (sei, é difícil).

Claro, para ajudar, sugiro que leia meus três livros, *Como não aprender inglês* e *Tirando dúvidas de inglês,* além do já mencionado. Tenho certeza de que podem ajudar a se achar, pois têm todas as respostas que procura.

Este leitor escreveu novamente, irado, respondendo que esperava mais de mim do que uma simples tentativa comercial de vender mais livros. Não concordei.

Fez-me lembrar recentemente de uma citação que vi atribuída ao Sir Douglas Bader (1910-1982), famoso piloto britânico que perdeu as duas pernas em um acidente aéreo em 1931. Da vida dele foi feito um livro e um filme - "Reach for the Sky" (1956) -, estrelado pelo excelente ator inglês, Kenneth More. Apesar da dificuldade, chegou a ser *group captain* (Coronel-aviador) na RAF - Royal Air Force (Força Aérea Real): *If you have a good excuse don't use it!* (Se você tiver uma boa desculpa, não a use!)

AUTOBIOGRAFIA 1: O MOTIVO

Someday I'm going to write
The story of my life...
...I'd like the world to know
The story of my life

MICHAEL HOLLIDAY, *THE STORY OF MY LIFE*

Recebi a seguinte mensagem de um amigo da Inglaterra. Conheço Paul desde os treze anos de idade. Freqüentamos a mesma escola por três anos, andamos de moto com a mesma turma dos 16 aos 19 anos e depois freqüentamos as mesmas festas com a mesma turma até eu vir para o Brasil. Tenho visto ele quase toda

vez que vou à Inglaterra, mas ficamos sem contato por cerca de dez anos, até recentemente. Numa troca de correspondência, ele escreveu:

> **Thanks for e-mails and the attached letter. Who would have thoughtyou would become a literary genius; wouldn't Mr. McGregor be proud of you. I think you should now put your talent into writing a book about your life, it would make interesting reading.**

Para aqueles que têm ainda um pouco de dificuldade com inglês, segue a tradução: "Agradeço-lhe os e-mails e a carta anexa. Quem teria pensado que você se tornaria um gênio literário? Mr. McGregor se orgulharia de você. Acho que deve empregar seu talento para escrever um livro sobre sua vida; seria uma leitura interessante." (Mr. McGregor era nosso professor de inglês na escola Gainsborough Secondary Modern.)

Estranhei a sua colocação. Não a referência ao gênio literário, pois conheço muito bem o senso de humor do Paul, mas ao fato de eu escrever a minha autobiografia. Minha vida seria uma leitura interessante? Entretanto, ao comentar isso com uma amiga, ela disse que tudo o que escrevo é de forma tão pessoal que grande parte do sucesso que obtive até o momento deve-se justamente ao estilo íntimo com que transmito os conhecimentos, os quais, espero, ajudem ao estudante brasileiro de inglês, tornando meu trabalho, além de educacional, cultural, divertido, leve e gostoso.

Parei para pensar. Estive ainda refletindo a respeito de quando outro amigo, desta vez um canadense, o Sean, também disse, *out of the blue** que eu podia escrever minha autobiografia. "De novo?" Comecei a refletir...

Ao ser indagado sobre o motivo da sugestão disse apenas que as histórias que conto são interessantes. Sei que uma das maneiras que Deus se comunica com a gente é pelos outros, por isso, tive de parar para pensar. Tinha um livro em andamento que queria chamar de "Além das dúvidas de inglês", mas estava faltando algo mais para ser um livro digno de ser lido por um público que merece toda a consideração. Este algo era principalmente aquele ingrediente básico para a maioria dos livros - palavras! Não tinha volume. Não tinha muitas páginas.

Este livro agora em suas mãos é uma versão melhorada e ampliada de *Tirando dúvidas de inglês* (Editora Disal, 2003). Quem já o leu lembrará que nele há perguntas e respostas a respeito da língua inglesa e que, além de responder a perguntas básicas, tento também adicionar outras lições, às vezes com um tapa de luvas de pelica, outras vezes com um toque de humor ou até de leve ironia, dizem, tudo no intuito de passar adiante uma mensagem que ajude.

Ou como uma leitora disse ao escrever para mim: "Adoro seu jeitinho de dizer 'Se manca, cara!'".

Um livro que eu estava desenvolvendo em ritmo de tartaruga era uma espécie de volume 2 do *Tirando dúvidas de inglês,* mas com o acréscimo de um ingrediente: além da pergunta e resposta havia também comentários - apenas pensados, mas não escritos, nem enviados.

As sugestões de Paul e Sean me despertaram. Não por eu saber exatamente por que eles acham a minha vida interessante a ponto de pedir para eu escrever uma autobiografia, mas por saber que, dentro da sala de aula, muitas vezes cria-se intimidade e amizade e, por conseqüência, sempre há trocas de experiências que vão além das lingüísticas. Mais de uma vez acabei revelando fatos sobre minha vida na Inglaterra antes de vir para o Brasil. Fiz no intuito de tentar mostrar ao aluno um lado positivo sobre o Brasil que muitas vezes ele acaba esquecendo, perdido que fica às vezes com a pressão de aprender inglês entre outras coisas, naturalmente. Com o foco sobre a língua inglesa e sua indiscutível importância, talvez acabe projetando sobre outros aspectos da vida brasileira certo pessimismo irreal, não merecido. Para mostrar que não é tudo que cheira a rosas "lá fora", minha história pode servir para reflexão.

Afinal, não poderia ser apenas uma cópia de *Tirando dúvidas de inglês*; aliás, podia, mas como o livro citado não vende muito, para que fazer o volume 2? Sei, sei, este universo está cheio também de outros grandes mistérios: por que a grama é verde? Qual a natureza exata dos buracos negros? Por que não inventam carrinhos de supermercados que se encaixem um no outro sem travar? A gravidade funciona realmente da maneira que achamos? Quem foi o gênio que achou uma boa idéia colocar a televisão num canto superior do quarto, obrigando a pessoa (eu) a ficar com torcicolo? Existe vida nos outros planetas? Por que os bancos demoraram tanto para descobrir a fila única? Logo, mais um mistério não vai fazer grande diferença, mas, ainda assim, nunca entendi a baixa vendagem, pois todos que o leram gostaram muito. Exceção de um leitor que ficou insatisfeito e reclamou que o livro tinha o formato de perguntas e respostas (?). Mas acho que ele estava me gozando, ou, como diríamos em inglês, *he was pulling my leg* (estava puxando a minha perna).

Mas depois houve a introdução de outro fator: minha crença em valores que hoje chamo de espirituais. Comecei a perceber que as respostas aos leitores muitas vezes se enquadrariam nesse campo, pois, além de atitudes que pouco ou nada ajudariam no aprendizado de inglês, as pessoas às vezes demonstravam certa falta de bom senso (sabe como se fala "bom senso" em inglês? É *common sense.* O que os céticos dizem que é a coisa menos comum que existe). Acredito que com a aplicação de valores mais elevados podiam aparecer soluções para

certas dificuldades no aprendizado de inglês. Aliás, já tem uma aí. Não acredito mais que eu tenha proble-mas pessoais ou dificuldades. Prefiro chamá-los de oportunidades, oportunidades de crescer. E sem elas não crescemos. Que outra maneira há de crescer? Que outra coisa nos faz pensar tanto e nos empenhar para melhorar a não ser as dificuldades?

E se fazem tudo isso, fica óbvio que são oportunidades de fato.

Então, com esse conceito este livro cresceu para além de perguntas e respostas. Adicionou uma parte que eu apenas pensava, mas que tive certo receio, ou até medo, de abordar e dizer, aí entraram questões bem pessoais, que chamo de espirituais, e por último a inclusão da minha autobiografia. Saiba, por favor, gentil leitor, que essa inclusão não é uma forma de massagear meu ego. Aliás, alimentar meu ego é a última coisa de que preciso hoje em dia. Não é isso, não, é mais por ter ouvido certas pessoas e achar que tenho uma mensagem a ser compartilhada. A principal a meu ver é que o Brasil, embora não seja perfeito - e, se estamos procurando a perfeição, talvez devamos esperar até descobrir qual o planeta, no nosso sistema solar ou em outro mais distante, que a possui -, é um país que tem muitas qualidades. E, se quisermos melhorar as coisas para as gerações futuras de brasileiros e brasileiras - e por que não imigrantes também? - , devemos começar mudando a nós mesmos, antes de tentar mudar os outros e, quiçá, o mundo. Se fizéssemos isso, já teríamos feito o bastante, o que já não é tarefa fácil!

Logo, se este livro é para incluir a minha autobiografia, talvez seja melhor eu começar desde o início, com uma ressalva. Conheço bem uma frase que diz: "Uma autobiografia normalmente não revela nada de ruim sobre o autor, exceto sua memória." Tentarei ser diferente, mas sem garantias.

ATITUDES & SUGESTÕES 2

Já que este livro representa minha tentativa de mostrar a situação de ensino de inglês no Brasil, seria extremamente grosseiro simplesmente apontar o dedo. Reconheço que muitas pessoas podem considerar que estou nestas páginas me limitando a criticar. Lamento, não é minha intenção.

Boa parte do livro aponta posturas que não conduzem ao êxito, em uma base individual pelo menos, mas sinto que devo ir mais longe, e aqui são expostas sugestões para melhorar. Não há uma solução apenas, mas uma série de medidas que podem, com boa vontade de ambos os lados e de todos os envolvidos, funcionar.

Desde a primeira série, os alunos têm, obrigatoriamente, aulas de inglês. Mas é preciso dizer também algo similar a respeito do próprio português. Veja só. No

meu livro *Tirando dúvidas de inglês*, no qual mostrava as perguntas de leitores e as minhas respostas, foi realizado um trabalho de revisão do português daqueles que me escrevem, pois parte veio com erros. Decidimos não desviar o foco, pois poderia provocar exclamações dos leitores do tipo: "Não sabe escrever nem em português e quer saber inglês!" Então, houve uma boa revisão de tudo que escreveram para mim (e, desnecessário dizer, do *meu* português também).

Mas neste livro, onde o enfoque é diferente, resolvi reproduzir as cartas exatamente como foram escritas. Como diríamos em inglês: *with warts 'n' all.* Interessante essa expressão: "com verrugas e tudo". Criou-se a expressão em função das revistas masculinas, principalmente as que vieram depois da Playboy. A Playboy de Hugh Hefner mostrava as modelos sem defeitos, perfeitas (mas com p--tos!), até pequenas imperfeições eram apagadas. As outras revistas que se seguiram, como Penthouse e Hustler, adotaram uma política de mostrar tudo, sem retoques, incluindo até as verrugas. Daí a origem da expressão, hoje largamente empregada em diversos sentidos. A intenção aqui é mostrar as cartas do jeito que chegaram até mim; a idéia não é criticar, mas, sim, contribuir com a compreensão do problema de aprender inglês. Acredito que um bom domínio do próprio idioma é requisito também para facilitar o aprendizado de um segundo. Senão, pode haver problemas, como verá.

Tenho inveja de escritores que conseguem escrever de maneira linear, do começo ao fim, e fazer uma revisão do seu trabalho só quando o livro está terminado. Não é o meu caso. Pela própria natureza daquilo que escrevo sou constantemente obrigado a pular de traz para frente e vi-ce-versa para que o leitor possa ler o trabalho suavemente, da primeira página à ultima, se assim desejar.

Também simpatizei com Neale Donald Walsch no seu livro *Con-versations with God - Book 2* (tradução publicada pela Ediouro como *Conversando com Deus - Livro* II), onde conversa com Deus. Ele diz: "Já precisei de cinco meses para chegar do primeiro capítulo até este. Sei que as pessoas lêem isto e acham que foi tudo escrito de uma forma constante e ininterrupta. Não sabem que vinte semanas separaram os 32 e 33 parágrafos deste livro. Não compreendem que às vezes os momentos de inspiração ocorrem a intervalos de meio ano...".

I feel his frustration. Estou usando a comparação para explicar que este livro levou também um bom tempo para ser concluído. O grosso já estava escrito, as partes autobiográficas parcialmente também, mas faltava algo. Parei o projeto por um ano, até vir, finalmente, a inspiração que creio reflete o meu momento. Com certeza eu não podia ter escrito certas coisas um ano atrás, talvez nem um mês atrás. Eu só poderia escrevê-las quando estivesse pronto. Não sei explicar

melhor que isso.

O livro cresceu de perguntas e respostas, acrescentei comentários a respeito de atitudes, depois conceitos e alguns preceitos espirituais e, por fim, resolvi incluir a minha autobiografia.

Tudo isso reflete e repete a tendência do meu primeiro livro. Justificava para mim mesmo, na época em que o escrevi, que havia escrito em partes pequenas para facilitar o entendimento dos leitores que não gostavam de um texto monolítico, e parece que agradou. Mas a verdade é que não sei fazer as coisas de outra maneira.

Pensei em separar as cartas dos leitores por assunto em capítulos, como: *A Comunicação de Professores; Leitores que esqueceram de pensar... e agir; Atitudes que me tiram do sério e as quais quero mostrar para servir de alerta; Comunicações de alguns leitores que não leram meus livros; Aqui pretendo comentar sobre meus sentimentos; Se quiser chorar, entendo...; Leitores que não leram nada; Capitulo que trata da falta de leitura dos meus livros; Este trata da falta de leitura; Novidades; Para que simplificar ? (mesmo se pudesse), etc.*

Mas são tantas as questões abordadas que classificá-las seria infrutífero, além de quase impossível, pois versam sobre assuntos bem diversos. Então, resolvi deixar as perguntas no jeito que aparecem.

Uma parte contém perguntas de professores de inglês, ou de pessoas que se consideram professoras de inglês. Agora vai, já que aprendeu o significado, *with warts 'n' all!* Tive certo receio de escrever e incluir esta parte do jeito que está. Criticar os outros e se gabar das próprias realizações é muito fácil. Sei, por que fiz muito isso na minha vida, porém não quero continuar fazendo.

Mas cheguei a um ponto com este livro que preciso mostrar a realidade no intuito de ajudar, pois não me conformo em ficar quieto ao ver o que acontece no mundo de ensino de inglês no Brasil. Chegou o momento de falar claramente o que quero dizer.

Com certeza, se eu fosse candidato a um concurso de popularidade jamais teria a coragem de dizer o que pretendo dizer neste livro, mas sou muito adepto da Oração da Serenidade:

Concedei-me, Senhor, a serenidade necessária
Para aceitar as coisas que não posso modificar
Coragem para modificar aquelas que posso
E sabedoria para distinguir umas das outras.

Não estou me gabando, e se parece que estou, lamento. Mas os fatos são estes. Nasci e fui criado na Inglaterra até vir para o Brasil com 22 anos; logo, sou

falante nativo da língua inglesa. Falante nativo? Parece irmão do alto-falante. Nunca gostei da expressão, da tradução de *native speaker* para inglês, mas não encontro outra melhor, tenho, pelos meus cálculos, aproximadamente 13 mil horas de experiência lecionando inglês, falo e escrevo relativamente bem o português depois de estar no Brasil desde 1967. Já publiquei cinco livros (somente três ainda estão em catálogo), fui executivo por vinte e dois anos, principalmente em empresas multinacionais, mas normalmente falando português. Fui casado duas vezes com brasileiras e tenho quatro filhos brasileiros. É verdade que não tenho formação acadêmica, sempre trabalhei antes de entrar no ramo de ensino de inglês como engenheiro.

Faço questão de dizer tudo isso para preparar o leitor para a seguinte afirmação: em grande parte o ensino de inglês no Brasil é precário. Muito precário. Precário demais.

O que me leva a essa conclusão? Lembro de um curso que fiz, lá pelos idos de 1978, chamado TWI (Training Within Industry), administrado pelo SENAI. TWI era um curso desenvolvido pelo governo norte-americano durante a Segunda Guerra Mundial para preparar rapidamente mão-de-obra não-qualificada para assumir o lugar dos homens que estavam fazendo parte das Forcas Armadas. O lema do curso era "Se o aprendiz não aprendeu é porque o supervisor não ensinou". O que vejo acontecendo neste nosso Brasil são gerações aprendendo inglês errado. E, conseqüentemente, ensinando errado também. E isso vai se perpetuando. Perpetuando e piorando.

Por que isso acontece? Muito fácil de responder. Simplesmente porque a procura é maior que a oferta. Há muitas pessoas querendo e precisando aprender e melhorar seu inglês (sem falar de outros idiomas que não são a minha praia) mas não há profissionais em quantidade suficiente para atender a demanda. Elas passam seis meses, ou mesmo três, em um emprego qualquer nos Estados Unidos e voltam para o Brasil sem saber o que fazer, daí, decidem ser professoras de inglês. Fácil, e ninguém vai chiar, pois devemos lembrar a velha expressão: "Em terra de cego quem tem um olho é rei."

E a indústria de ensino de inglês vai de vento em popa, tentando atender à demanda (e, desnecessário dizer, manter os lucros). Claro, existem muitas escolas boas, excelentes, idôneas, mas infelizmente não são a regra geral. Pois, para serem boas, precisam pagar relativamente bem os professores. Também uma questão de procura e oferta, lógico. Mas o que acontece? Claro, você já viu onde vou chegar com este raciocínio, não é? Entra o fator comercial, a concorrência. Uma escola no seu bairro abre e oferece uma mensalidade de R$299,99. Outra, querendo cumprir seu papel na nossa sociedade capitalista, abaixa seu preço para R$199,99. Uma terceira vai tentar R$149,99[9] por mês

(este era dono de um posto de gasolina), e o mais recente no pedaço ganha de todos com R$99,99. E, enquanto isso, é possível que a escola que se esforça muito, mas quer cobrar o "absurdo" de, digamos, R$360,00 para tentar melhor remunerar seus professores, já tenha fechado as portas.

Pode ser que quem procura por esses esquemas não tenha condições de pagar uma mensalidade mais cara, e talvez nem tenha tempo para analisar quantas aulas (total em tempo, horas e minutos) vai pagar e quanto custa a aula/hora, e, muito provavelmente, também não possa avaliar a qualidade do ensino dado. Digo dado, de fato, não apenas oferecido ou prometido. Diante desses fatos, não é difícil imaginar o que acontece com o salário do professor. (Não é uma pergunta, é uma afirmação!)

É claro que reclamar não basta. Portanto, tenho algumas sugestões, que não seriam fáceis de ser implementadas, mas que são necessárias para o Brasil sair da saia justa que se criou. Se é que há interesse em sair. Tampouco são soluções de curto prazo. Mas, tendo dito isso, veja o seguinte:

ROGER E SEU APRENDIZADO DE PORTUGUÊS

Estes dias tive o prazer de conhecer Roger, um inglês simpático, casado com Marta, minha amiga brasileira. Só a titulo de informação, ela insiste em me pedir para lhe dar aulas de inglês, mas fico um pouco perdido, pois ela fala tão bem e fluentemente que nem saberia ao certo por onde começar para ajudá-la. A fala dela é bem confiante e ela está tão confortável com a língua inglesa que, caso ela cometa algum deslize, sou impossibilitado de guardar ou anotar até poder achar um espaço para corrigi-la. Aí, desisto.

Mas não é sobre ela que quero comentar. É sobre o Roger. Mesmo sabendo que ele já esteve no Brasil, fiquei surpreso com o seu bom português, bem fluente e natural. Perguntei-lhe por e-mail onde havia aprendido tão bem e ele me disse o seguinte, com a sua modéstia habitual:

While I cannot agree that my Portuguese is in any way excellent, I can tell you that the tape set which I used came from FSI, the Foreign Services Institute, which prepares courses for American diplomats working abroad in embassies etc. I chose this one because it was specifically for Brazilian Portuguese, and although it was expensive (£200-£300 for both volumes) it contained much more material than any other language teaching material I had come across. (Apesar de não poder concordar que meu português seja de nenhuma maneira excelente, posso lhe dizer que as fitas que usei vieram do Instituto de Serviços Estrangeiros (FSI), que prepara cursos para diplomatas americanos, os quais trabalham nas

embaixadas, etc. Escolhi este porque era especificamente para português brasileiro, e, embora caro [200 a 300 libras para os dois volumes], continha mais material do que qualquer outro material para o ensino de línguas que conheço.)

Ao pesquisar descobri que os programas são dos Foreign Service Institute (FSI) e do Defense Language Institute. O primeiro é a divisão do Departamento de Estado norte-americano que ensina línguas estrangeiras aos diplomatas. O segundo é a parte do Pentágano que ensina línguas estrangeiras aos militares e espiões de outras agências.

O método completo tem 90 aulas de 30 minutos cada. Se fizer um por dia, conforme recomendado, você precisa de 90 dias. Fica em torno de U$700.

Gente, não estou aqui fazendo propaganda para o governo norte-americano. Só quero mostrar que existem alternativas à escola tradicional. O método Pimsleur parece interessante também. E o Callan Method é muito rápido.

DEIXAR OU NÃO DEIXAR; EIS A QUESTÃO

Em *Tirando dúvidas de inglês* menciono que adaptei o português dos leitores para um padrão uniforme a fim de não provocar comentários do tipo: "Hein? Mal sabe escrever em português e quer se meter com inglês!" Preciso admitir que o português dos leitores às vezes deixa muito a desejar e antes, naquele livro, eu não via o que alguém podia ganhar mostrando isso.

Mas neste livro estou indo muito mais profundo na questão das difi-culdades que o estudante brasileiro, e principalmente o aluno, sente ao tentar aprender inglês, e não posso me omitir nesse quesito. As dificuldades com o aprendizado de inglês muitas vezes refletem as dificuldades com a língua materna também, e não raramente com a questão do "aprendizado" em geral. Claro, essa conclusão não é nada original, mas é pertinente, pois faz parte aqui do meu trabalho como um todo tentar ajudar o estudante brasileiro.

Resolvi, portanto, separar algumas cartas que acho pertinentes para explicar certos pontos de vista meus. O resto, deixo os revisores corrigir, pois não sou eu o mais indicado para corrigir português. (Assim, posso me eximir de qualquer responsabilidade relacionada à sua língua). E eles podem fazer isso enquanto revisam o *meu* português também. Este capítulo inicial, portanto, vai mostrar algumas das dificuldades que têm os professores brasileiros de inglês.

2. Subject: Could you help me???

Acabei de ler seu livro Como *não aprender Inglês* e me ajudou muito. É interessante, com perguntas que os alunos nós perguntam o tempo todo. Pode me ajudar com algumas dúvidas?

Podemos dizer: "Me too" ou "Me neither", mas se eu quero dizer (1) "Eles também"?; (2) "Nós também"; (3) "Nem nós" e (4) Há uma maneira?

Eu numerei as questões de 1 a 4 e as respostas ficaram assim.

(1) They too/They also
(2) We too/We also
(3) Not even us/We neither/Nor us
(4) Yes!

Sem comentários! Este professor obviamente esqueceu seus livros de gramática, não acha? (Posso presumir que já os leu ou que os tenha?)

Faz-me lembrar um aluno meu que não estava tendo muito progresso ou sucesso com o verbo to be, trabalhando com um livro básico de gramática. Unit 1, "am/is/are", e pediu algo mais simples para começar. Mais simples? E antes da Unidade Um, o que poderia vir?

ATITUDES & SUGESTÕES 3:
BRAZ-TESOL (SÃO PAULO, 1999)

Tive uma das minhas primeiras impressões de que algo não estava tão certo no ensino de inglês no Brasil quando fui visitar minha primeira Braz-Tesol (Teachers of English to Speakers of Other Languages - Professores de Inglês para Falantes de Outras Línguas), uma associação que congrega mais de 2 mil profissionais de ensino de inglês. É um evento anual que em 1999 foi realizado na Universidade Presbiteriana Mackenzie em São Paulo.

Entrei e comecei a andar lá dentro, decepcionado com o fato de que eu não estava sendo aplaudido (e, para falar a verdade, nem reconhecido), pois já que meu primeiro livro estava fazendo bastante sucesso, era o mínimo que eu esperava.

Bem, engolindo o meu orgulho ferido, consultei o programa e entrei numa sala lotada para assistir a uma palestra de uma professora universitária de

credenciais impecáveis. Não me lembro do assunto. Enquanto esperávamos o início da apresentação, levei um baque. Escrito no quadro branco estava uma série de premissas básicas sobre a apresentação, mas estavam em um inglês macarrônico. Ao continuar a apresentação com uma série de transparências, todos em inglês cheio de erros, eu mal pude acreditar. "Até professoras universitárias?!", pensei, me permitindo um ponto de interrogação e exclamação juntos (mas apenas mentalmente).

Sim, foi o que presenciei. Infelizmente, preciso dizer também que o inglês falado dela estava à mesma altura. Percebi aí, que não é um diplo-ma de nível superior em áreas afins de inglês que garante competência na língua.

Embora essa parte se chame Atitudes & Sugestões, não tenho aqui de imediato, nenhuma sugestão.

3. Subject: Thank you a lot

Estou lidando com alguns problemas ao corrigir as provas escritas de alguns alunos. Às vezes confundem "very much", "too much" com "a lot". Falamos:

(1) "I like orange juice a lot." Mas podemos escrever: "I like very much to write to you." Ou é melhor escrever "I like to write to you a lot."

(2) Não se usa freqüentemente "very much" com o verbo no negativo ou em perguntas?

(3) E não é que "aren't", "so much", "too much" são freqüentemente usadas em contextos positivos com verbos e substantivos e "a lot" com tanto com substantivos contáveis e incontáveis?

(1) Resposta simples? Não. Resposta mais longa. Não pode. *I like very much to write to you parece* "Portuguese in English".* Pouco, ou nada, natural. Não falamos assim. Repare bem, eu disse que não falamos assim, muito diferente do que dizer que a frase está errada. Esta questão de certa ou errada muitas vezes não encontra eco na gramática de inglês. O que poderia dizer seria *I like writing to you a lot*, mas mesmo esta frase, bem como *I like to write to you a lot,* embora possam ser consideradas corretas do ponto de vista gramatical, são, ainda assim, bastante ambíguas, pois não se consegue saber ao que "a lot" se refere; se ao que se está gostando, ou se ao ato de escrever (to write), ou ainda, se à freqüência do ato. Que

tal fugir do verbo *like* e usar *enjoy*? *I enjoy writing to you.* É como eu: *I enjoy writing for my readers.*

(2) Sim ou não? Não sei. Para falar a verdade, não entendi a dúvida, não entendi a pergunta. Pode-se dizer: *I don't love you very much.* Gramaticalmente certo, mas na realidade pode ser um pesadelo para os dependentes do amor, não pode?

Gostaria de sugerir que consulte em qualquer livro de gramática inglesa.

(3) Vou usar um verbo simples - *to love* - para tentar responder, mas não com *aren't*, apenas com *so much* e *too much. I love you so much* (Eu te amo tanto). *I love you too much* (Eu te amo demais). Lembre-se de que o uso de *too* mostra que já passou de um limite. *I love you too much. If you leave me I will die* (Eu te amo demais. Se me deixar, vou morrer). Perceba que estou entrando novamente no campo das dependências doentias, mas pelo menos estou seguindo a linha dos filmes de Hollywood e da música popular que mostram um "amor", que melhor chamaria de parasitismo.

No quesito lingüístico, tentar responder suas dúvidas está ficando complicado. Em vez de me pedir explicações, por que não me envia alguns exemplos concretos? Minha especialidade é tentar explicar as coisas que os estudantes não encontram nos livros regulares, as quais são fortemente influenciadas pelo português e pela cultura brasileira. Como professora, sinto que você deve fazer a sua lição de casa para poder incentivar seus próprios alunos afazer o mesmo. Não sou acadêmico do assunto de línguas, logo, me dou o direito de arriscar e dizer que tenho a impressão de que línguas não são lógicas, e diria ainda, como chute, que inglês é menos lógica que muitas outras línguas. Uma expressão que adoro é: "É ilógica procurar lógica em uma coisa ilógica."



Não recebi os exemplos que solicitei, o que, aliás, não é novidade. Muitos leitores pedem explicações sem dar, às vezes, um mínimo de contexto. Ou, como acontece freqüentemente, não fica muito claro o que exatamente é a dúvida. Ao pedir mais informações, raramente recebo um e-mail dando um retorno ou continuidade ao assunto, o que obviamente me leva à pergunta referente ao real e ao verdadeiro interesse em jogo. É claro que a professora aqui está insegura quanto ao exercício do seu ofício, mas sou obrigado a perguntar se os alunos dela estão se beneficiando. Sem mais comentários.

AUTOBIOGRAFIA 2: BOMBAS

I'm wandering round and round, nowhere to go
I'm lonely in London, London is lovely so
I cross the streets without fear
Everybody keeps the way clear

CAETANO VELOSO, "LONDON, LONDON"

Nasci em outubro de 1944 em Londres, Inglaterra, na mesma casa que sempre morei até sair da Inglaterra e vir para o Brasil. Mas a minha experiência foi bem diferente da experiência de Caetano. Segundo meus pais me contaram, nasci durante um ataque aéreo com os alemães bombardeando Londres. Nunca chequei se isso era fato, mas não vejo por que meus pais precisariam elaborar ou enfeitar a história, pois a verdade já era suficientemente ruim. Não sei qual sua impressão quando pensa na Europa e na Inglaterra, mas pode imaginar a minha reação quando ouço coisas como as seguintes: "Michael, não entendo você. O que você, inglês nascido em Londres, na Inglaterra, país do primeiro mundo, veio fazer neste Brasil cheio de corrupção, um país do terceiro mundo?" Interessante. Vou registrar aqui um encontro bem recente que tive com um médico que fala assim comigo cada vez que a gente se encontra.

Eu estava na sala de espera tendo marcado uma consulta, e embora de encaixe fui o primeiro a ser atendido. (Escrevi isso só para poder responder à pergunta: Como é que se fala "encaixe" no médico? Encaixe nessas circunstâncias é *to fit in. They fitted me in* = Eles me encaixaram.).

Bem, ele chegou todo atrapalhado, laptop em uma mão, pasta tipo 007 na outra, montão de fichas médicas embaixo de um braço e ainda o jornal embaixo do outro.

Perguntou imediatamente em tom de brincadeira: "Você? Ainda aqui no Brasil?" Ao chegar à sala dele, começamos a nossa rotina, ele atacando o Brasil e elogiando a Inglaterra; eu elogiando o Brasil. Ele, talvez para provar que tinha razão, mostrou-me a primeira página do jornal, apontando as manchetes de corrupção, descaso, incompetência e crimes. Respondi que, para mim, eram as mesmas manchetes, em princípio, que cinco, dez ou vinte anos atrás. Só mudaram os nomes (e a moeda). Lembrei que ao explodir o escândalo do mensalão (2005) tentei en-tender os acontecimentos pela revista *Veja,* mas desisti por não poder decorar os nomes, ou melhor, havia tantos nomes que me perdi. Sem contar os cargos dos envolvidos e seus respectivos partidos, alianças, crimes, acusações, defesas, "esquecimentos" e "lealdades". Contei isso a ele e compartilhei que há uma solução, pois não seria bom ele, cardiolo-gista, ter um

troço ali mesmo, na própria consultoria. "Pegaria mal", eu disse. Perguntou qual então seria minha solução. "Não ler os jornais", respondi. Olhou para mim como se eu tivesse enlouquecido. Mas eu falava sério.

Mesmo que eu pudesse votar aqui no Brasil, não vejo como meu voto poderia mudar alguma coisa nesse sentido. Logo, o que posso fazer? Não vejo nada a fazer a não ser aceitar. Ter um enfarte certamente não vai ajudar. Costumo hoje perceber que não existem problemas. Se não há uma solução, então deixa de ser um problema. E também, se há uma solução, então não é mais um problema. A velha máxima de que "se não há solução, solucionado está!" é bem aplicável. De qualquer manei-ra, hoje a minha tendência é de chamar os "problemas" e "dificuldades" de "oportunidades". (Peço perdão pela repetição.) Questão apenas de semântica? Creio que não. Ao encarar os problemas e dificuldades como oportunidades para crescer, eu me poupo de um monte de coisas desagradáveis. Vejo a posição, a atuação, a reação do meu amigo médico como algo um tanto inútil. Em primeiro lugar, ele está vivendo sob a ilusão de que tem o poder de mudar a situação do Brasil, mudar a classe política. Se não for isso, por que ele agiria assim? Um pouco grandiosa, não acha? Ego grande? O conceito é interessante com certeza, mas fun-ciona na prática? A maneira como vejo isso hoje em dia é que a única coisa que posso mudar sou eu mesmo. Não estou mais disposto a sofrer pelas coisas que não tenho possibilidade de mudar. Então, tomo a decisão de mudar a única coisa que posso mudar: eu. E de cuidar de mim mesmo, em vez de tentar controlar tudo. E cuidar de mim já me dá um bocado de trabalho. E como a gente falaria isso em inglês? Usaremos um *idiom,* uma expressão idiomática da qual a pessoa pode conhecer o significado das palavras individualmente, mas que, quando estão juntas, o sentido não é nada aparente. Neste caso seria o idiom *to have your work cut out*, ou seja: *I've got my work cut out taking care of myself.*

Não faz muito tempo que também tentava controlar muito os outros, filhos, esposas, namoradas, amigos, sempre sabendo - ou achando que sabia - o que era melhor para eles, mas, paradoxalmente, esperando que os outros cuidassem de mim! Que situação absurda, concorda?

4. Subject: Dúvidas

Desta vez gostaria de perguntar-lhe três coisas, se possível. A primeira é tirada do livro *Introductory Course fo the Toefl Test.* Multi-national companies____it increasingly important to employ interna-tionally acceptable brand names.

a) finding b) are finding c) they find d)They are finding

A resposta é sem dúvida a letra B mas como explicar o uso do "it" aos alunos? A segunda e a terceira são dúvidas de vocabulário: O quê significa "drive" nesta frase? : Singapore Plastics are taking on 200 skilled workers for this year's export drive. E na frase: Some of the agricultural practices used today are responsible for fostering desertification. A palavra "desertification" não existe no dicionário. Eu presumo que significa tornar deserto. Estou correta?

O uso de *it* no seu exemplo segue a "regra" do uso de *it* como o sujeito de um verbo impessoal *(find).* Será que seus alunos levantam a mesma dúvida com a frase *"It is raining"?* Ou eles querem saber "o que" está raining? (Me faz lembrar meu filho mais velho quando estava aprendendo a falar e devido à mistura de inglês e português em casa, uma noite saiu com: "Look! A chuva está raining!").

Minha sugestão seria procurar saber se eles entendem *it* em frases mais simples, antes de explorar as complexidades da frase.

Drive no seu exemplo é apenas a atividade ou empenho de uma campanha. *Desertification* no **meu** dicionário consta como "desertificação"; a transformação da terra em deserto. Então, está correta, sim.

Percebo cada vez mais que as pessoas que escrevem para mim, sabendo do meu jeito de dar uma bronca (só às vezes, viu, e bem de leve!) por não terem feito suas lições de casa, tentam se resguardar, ao mostrarem que já procuraram se virar, pelo menos um pouco. Admirável, e fico muito contente que a minha mensagem esteja sendo captada. Achei interessante esta professora pedir orientação quanto ao uso de *it* porque são os alunos que não entendem.

5. Subject: Olá!

Meu nome é ******. Também sou professor de inglês, na verdade comecei a dar aulas a pouco tempo apenas por hobby. Às vezes nem cobro, apenas dou aula para manter o meu inglês em dia.**

Gostaria, se possível, apenas tirar algumas dúvidas sobre seu livro, posso?

(1) Existe alguma tradução no português para a palavra pint? - chequei em alguns dicionários mas não encontrei uma tradução de pint para o português

(2) Aproveitando o plural de penny é pence, correto? Posso traduzir pence como centavos, como cents do inglês americano ou existe uma tradução específica para o português?

(3) Quando quero dizer que estou namorando alguém usando dating, qual é a preposição que se segue? Exemplo: I'm dating with Renata for five months! (Logo depois de dating a proposição é with? Dating with?)

(4) Para dizer que a cidade é do interior, não posso usar outback nos Estados Unidos e na Inglaterra? Qual é a forma mais usual para interior?

(5) Saberia me dizer o que significa a expressão "go the extra mile"?

(6) Aliás professor, lhe dou uma sugestão: na próxima edição você poderia colocar algumas gírias no seu livro?

(7) E por último: qual é a forma não abreviada de "Mrs."?

Ufa! I'm tired. Espero que vc possa me ajudar e espero também não estar sendo muito chato com o senhor.

(1) Não há uma tradução, pois não é uma medida métrica e sim inglesa. Claro, algumas medidas acabam sendo traduzidas, jardas por *yards*, milhas por *miles*, polegadas por *inches*, mas não são todas traduzíveis. Um (ou uma? Sei lá...) *pint* equivale a 0,568 litros na medida britânica e 0,473 litros na americana. Sim, tem *pint* americano e *pint* britânico, só para confundir um pouco mais. E oito *pints* equivalem a um *gallon* (galão). (Logo, dois *pints* são iguais a um *quart*, ou seja, um quarto de um galão.) É por isso que o galão dos dois países também é diferente. Há o galão Impe-rial (da Inglaterra = 4,546 litros) e o americano (3,785 litros).

Também há o galão brasileiro, sabia? Quando peço uma entrega de água em casa a mulher simpática pergunta se eu quero um galão de 10 ou de 20 litros.

(2) É *pennies* também (com quase a mesma pronúncia do órgão geni-tal masculino em português - tome cuidado), mas eu diria que não se pode traduzir. *Cents* é moeda corrente dos Estados Unidos, não da Ingla-terra.

Antigamente existiram *Shillings* na Inglaterra, que nos filmes já vi como xelim. Só que libra é a tradução de *pound*, tanto da moeda como do peso. Fazer o quê?

(3) Sem preposição. *I'm dating Renata* simplesmente (ela é bonita?).

(4) Está no meu livro *Como não aprender inglês - Edição Definitiva*, página 29. Vou correr o risco de ser chamado de mercenário e não vou reproduzir o artigo aqui, mas, se puder comprar o livro também... agradeço.

(5) "Fazer aquela milha a mais" significa fazer aquele esforço extra, no final. Se estender por algo ou alguém. Posso até dizer que me pare-ce algo que o aluno brasileiro não está muito disposto a fazer na sua busca para melhorar seu inglês? (Repare que fiz uma pergunta, não uma afirmação.)

(6) Há livros aos montes no mercado que já fazem justamente isso, listando gírias, phrasal verbs etc. A questão não é escrever e listar mais. A meu ver a questão principal é se alguém as leria? Por alguém quero dizer, neste caso, obviamente, o aluno brasileiro.

Lembro-me de um livro que li recentemente, *Conversando com Deus*, o primeiro de uma trilogia de Neale Donald Walsch, onde, na página 15, Walsch quer saber como e com quem Deus fala, e quando faz a pergunta a Ele recebe a seguinte resposta: "Eu falo com todo mundo. O tempo todo. A pergunta não é com quem falo, mas quem ouve?"

(7) Não há.

Só posso dizer: "You're tired"? E eu?

6. Subject: Preposition

My name s **** and I am an English teacher. Prepositions have always been a problem (1) to students'comprehension. I always use your (2) hints when I talk about them. I would like (3) to have informa-tion about the following sentence: Is it correct to say Open your books to page 10 (4) like turn to page 10? I've already talked to some colleagues (5) that told me that only *on* is possible.**

Vide algumas correções e a tradução da carta para quem precisa:

(1) a problem for students' comprehension. Melhor ainda seria: Preposi-tions have always been a problem for them. (2) Hints não! São

tips. (3) Não precisa de "to have", mas precisa da qualificação do adjetivo "some". I'd like some information (4) like? Prefere "as in" (5) em vez de *that, who* é o correto,.

E a tradução: Meu nome é ***** e sou professora de inglês. Prepositions têm sido sempre um problema para a compreensão dos alunos. Sempre uso suas dicas quando me refiro a elas. Gostaria de ter algumas informações sobre a frase seguinte: É correto dizer **Open your books to page 10** like **turn to page 10?** Já falei com alguns colegas que me disseram que somente *on* é possível.

"Open your books to..." e "Turn *to* page..." são perfeitos usando *to.* Como você deve lembrar, o verbo é *open* e a *preposition* correta é *to* neste caso. Outra opção seria "open them *at* page...".

Lamento informar que seus colegas (posso presumir que são brasileiros?) estão equivocados quando dizem que a *preposition* é *on,* no caso de *"open your books on page...".* É algo que sinto que nenhum falante nati-vo diria com naturalidade. Talvez estejam misturando a expressão *on a page,* como em "See *the text on page..."* (Vide o texto na página ...). OK, tudo bem, seria *on.* Mas após *open* é *to,* ou *at.*

Minha nossa! Esta foi uma das cartas com comentários que mais tive dificuldade de adaptar para este livro, misturando itálicos, negrito e, no original da leitora, cores também. Só espero que estas explicações todas atendam. Pelo menos estou tentando fazer a minha parte. Repare que es-tou usando a palavra *preposition* e *prepositions* em vez de preposição e pre-posições, por serem tão diferentes, não cabendo uma simples tradução da palavra. Assim realço a sua diferenciação, espero.

AUTOBIOGRAFIA 3: MEDO

Take my hand I know we'll make it
I'll let nothing slow us down
I know you want to curse
This place but there's only
One thing that's stooping us now
Fear fear fear
Of a new thing
Fear fear fear
BON JOVI, "FEAR"

Bem, tudo isso é a minha reação a certas situações, baseada no seguin-te. Além de ter nascido em um momento desfavorável (e bota desfavorável nisso!) da história do mundo, nasci também em um momento triste na his-tória da minha própria família. Trinta dias antes, ou depois, não sei ao cer-to, do meu nascimento, minha mãe perdeu a mãe dela em um acidente trá-gico, violento e sangrento, envolvendo uma prensa numa fábrica, e os pais do meu pai morreram - que eu saiba - naturalmente. A minha mãe havia dado à luz uma menina um ano antes de eu chegar. A Jacqueline viveu ape-nas três dias, mas teve um impacto fulminante sobre a minha vida, de tanto meus pais falarem a respeito dela. Pois é, você pode imaginar a imagem que eu tinha do mundo? Europa era uma terra coberta com densas nuvens pre-tas, chão encharcado com sangue. Não que eu tivesse visto, mas a conversa em todo lugar, e com certeza na minha casa, naturalmente, ainda era sobre a guerra. Na minha cabecinha só existia medo, medo em função da depres-são emocional em casa, da morte e da destruição que me cercava! (Dei-xei-me o luxo de um ponto de exclamação).

Ao ir para a escola, já com a idade "avançada" de quatro anos, no pri-meiro dia a minha mãe me levou de manhã, mas ao meio dia tive que Voltar sozinho para casa, para almoçar. Depois, novamente para a escola, para o período da tarde, e depois para casa de novo. Tudo sozinho... com quatro anos de idade. Gente, se eu tivesse de fazer esse trajeto a pé hoje, como adulto, provavelmente ia levar uns dez minutos. (Só de ida). Pode imaginar quanto tempo levava para um garotinho de quatro anos? (Está bem, eu ia fazer cinco dentro de dois meses, não quero exagerar.)

E sabe uma das coisas que servia como distração no caminho? Casas destruídas pelas explosões das bombas. Acho que passava por umas cinco no caminho à escola. Lugares escuros e cheios de mistérios; algumas considerávamos seguras para entrar e brincar, outras sabíamos que representavam perigo e eram evitadas.

Saindo um pouco pela tangente, quero contar uma história interessante a respeito de bombas. Estava com uns treze anos de idade, e era época de férias escolares. Eu e uns amigos estávamos indo para nadar numa piscina pública que ficava no outro lado do Rio Tâmisa, em Chiswick.

Faço questão de mencionar o nome do subúrbio de Londres para de-monstrar, não pela primeira vez, as idiossincrasias da língua inglesa quanto à questão da pronúncia. Se você pensou, ou disse para si mesmo, /tchis-uik/, errou. É /tchis-ik/ apenas. O "w" é mudo! Vou aproveitar para mencionar a pronúncia de outro subúrbio *(borough)* localizado no rio Tâmisa, Greenwich. É /grén-itch/. Surpresa? E para completar, o rio Tâmisa em inglês é River Thames, com

pronúncia de /wriva-têms/.

Bem, voltando, tínhamos como costume atravessar o rio por uma ponte de trem que possuía uma via para pedestres. O Rio Tâmisa, sendo um rio de maré, estava bem baixo naquele dia e horário, e olhando para o leito do rio pudemos ver algo, ou a silhueta de algo curioso, pois parecia uma bomba. Acabamos de atravessar a ponte e descemos até o leito do rio. Achamos uma espécie de haste com aletas e logo adiante uma esfera. Um dos amigos tentou encaixar o corpo do dispositivo à esfera, mas eu, lembrando as histórias que escutava no rádio sobre o risco de explosão de bombas e das tragédias que resultavam quando ainda eram descobertas de vez em quando, dei uma de cauteloso dizendo que deveríamos notificar as autoridades. Fomos até a *police station* (delegacia) mais próxima e volta-mos com um jovem policial para mostrar-lhe o lugar. Dia seguinte volta-mos à delegacia para reivindicar a relíquia para poder levar para casa, polir e colocar o troféu na parede. Qual não foi a nossa surpresa ao saber que a bomba era do tipo incendiaria, de magnésia, e que tinha sido leva-da para ser detonada, já que era ativa ainda! E tem quem ache que fui privilegiado! Minha nossa! Quantas exclamações! (E agora mais uma!).

Segue, para pegar um pouco mais leve, um artigo que escrevi, Preposition Fever, ou seja, Febre de Preposições:

Never know how much I love you
Never know how much I care
When you put your arms around me
I get a fever that's so hard to bear
You give me fever...

"FEVER" (música interpretada por,
entre outros, peggy lee e elvis
presley, mas não juntos).

Lembrei desta linda canção ao deparar com a frase em português: "Estar ardendo em febre". Pensei com meus botões: ardendo em febre? Aplicando minha lógica "inglística", não deve ser ardendo com febre? Mas fui informado que não, é ardendo em, mesmo. Veja o que acontece então à questão das preposições e como funcionam as *prepositions* em inglês.

Ele está com febre = *He has a fever.*
Ele está ardendo em febre = *He's burning up with fever.*

Ele está queimando de febre = *He's burning up with fever.*
Ele tem febre? (Como pergunta, fui informado que é permitido, mas não como uma resposta afirmativa). Logo, não se diria "Sim, ele tem", mas "sim, ele está" = *Does he have a fever? Yes he does.*

E por que estou me preocupando com isso? Afinal, você, querido leitor, já sabe falar português e quais preposições deve usar. Eu é que estou aprendendo aqui. O motivo que toco no assunto é que há muitos estudantes de inglês que buscam, quase incessantemente, "regras" para determinar qual *preposition* de inglês empregar, mas esquecem que a língua portuguesa também não tem muita lógica, e não facilita em nada as coisas para os gringos quando o assunto é preposição, pelo menos ao meu ver. Em português há três preposições, "com", "em" e "de", e mais dois verbos, ter e estar. Cinco opções ao todo, comparadas ao inglês que tem duas, ou seja *a preposition with* e o verbo *have.* E ainda tem quem ache inglês difícil!

ATITUDES & SUGESTÕES 4

Investir para melhorar o nível de ensino, e de aprendizado, dos pro fessores das redes pública e particular. Em 2004 estava em andamento uma iniciativa muito interessante no estado de Tocantins, chama-se Pro jeto Tocantins English, um projeto de capacitação para professores de inglês de escolas estaduais daquele estado, financiado por um fundo do governo federal chamado MEC/ SEMTEC, que trata das melhorias na instrução em nível secundário nos estados mais pobres do Brasil. O governo de Tocantins convidou o Conselho Britânico para administrar o projeto de dois anos. Em 2003,225 professores fizeram parte do projeto e mais 149 professores estão participando em 2004. Embora seja talvez um início tímido, se considerarmos as necessidades brasileiras neste campo, é um inicio, de qualquer maneira, e é isso o que importa. Um grupo teve o seguinte a dizer:

> "O Projeto Tocantins English tem nos ajudado muito em nossa classe. Antes dele nós tínhamos muitos problemas com os alunos pois não sabíamos o significado de muitos substantivos. Agora, não temos mais este problema. Nós aprendemos muito e trabalhamos metodologias diferentes."

Só posso dizer: *Way to go! Way to go* seria uma boa tradução de Valeu! e É isso aí (brô)!

Assim, o Brasil estará tratando o problema de ambos os lados. Sonho? Não necessariamente. Tudo vai depender da boa vontade de todos os envolvidos, só isso. E para você, querido leitor, e, claro, minha querida leitora, o que pode fazer para acelerar? Sinceramente? Leia meus livros, este e os outros, pois não escrevo sobre outra coisa. Está tudo lá, em preto e branco.

7. Subject: Trancando matrícula

Michael, como se fala "Trancando o Matricula" em inglês?

Antes de ler minha resposta, peço encarecidamente ao querido leitor que reflita e tente responder antes de ler mais uma linha.

Temos a seguir um excelente exemplo daquilo que não se deve fazer para aprender uma língua ou, pensando bem, para aprender *qualquer* coisa, seja inglês, português, ou outras coisas da vida, pois, embora já tenha aprendido que manter a mente aberta é uma das melhores dicas para crescer, parece que a lição caiu repentinamente no esquecimento aqui.

Recebi esse e-mail, arregacei as mangas e coloquei mãos à obra. "Deixa comigo", pensei, esquecendo momentaneamente a dica sobre mentes abertas. "Finalmente vou dar uma resposta a esta pergunta que tantas vezes ouvi, mas que nunca respondi adequadamente em sala de aula." Escrevi um bocado, fiz um montão de perguntas, e o resultado das minhas pesquisas você vai encontrar mais abaixo.

Só depois de terminado todo o trabalho percebi que havia colocado a carroça na frente dos bois ou, como falamos em inglês, *I put the horse before the cart* (Só muda o animal de tração).

Mas, já que detesto desperdiçar qualquer coisa que escrevo, resolvi deixar os resultados da minha própria burrice (mais um animal!) aqui registrados, pois acho que mesmo não respondendo à pergunta, as informações que colhi podem até ser úteis para outros fins.

Quando comecei a perguntar aos colegas de profissão, ouvi coisas do tipo: "Bem, trancar é *to lock, to bar, to latch, to arrest, to bolt* ou *to close*, e *to secure*, e matrícula é *registration* ou *enrollment* (ou *enrolment).* Será que é *lock* ou *secure (the) enrollment*?", e outras coisas do gênero. (No meu dicionário consta *to make null and void*, que deveria ter me oferecido uma pista mais inteligente, mas não tinha caído a minha ficha ainda).

Também eu havia trilhado este mesmo caminho, e apesar de achar que frases assim não soavam nada natural, era assim mesmo que estava pensando e

fazendo. O mistério permanecia, quando não se aprofundava. E sabe de uma coisa? Eu teria me economizado bastante trabalho se inicialmente tivesse feito a pergunta certa, e esta teria sido não "como se fala trancar a matrícula em inglês?", mas, sim, "o que quer dizer trancar a matrícula em português?"

Antes de chegar a esta conclusão tão singela, óbvia e simples, veja só que escrevi.

Quantas vezes você, professor(a) de inglês, já ouviu esta pergunta? Claro, você não sabe responder. Até eu, que teoricamente deveria saber, não sei exatamente, mas vamos colocar um número só por ordem de grandeza? Dez? E sabe o que falamos para ordem de grandeza? Que tal *"Give me a ball park figure*?" Ou simplesmente *"give me ball park*". Isto nos Estados Unidos. Na Inglaterra, você vai ouvir mais *Give me a rough idea* e *Make a rough guess.* Talvez até escute um inglês ou americano dizer *more or less*, embora *more or less* possa ser ouvido mais na resposta que na pergunta. Bem, acho que deve ser mais ou menos umas trinta vezes, e sabe quantas vezes respondi com convicção? Até o momento, nenhuma.

O que me obriga a tratar a pergunta com a seriedade que merece é justamente o fato de não saber respondê-la. Vamos ver as respostas que tenho dado até hoje.

To take a (paid) sabbatical.
To take sabbatical leave.
To go on a sabbatical with pay.

*Sabbatical*é um período em que um professor universitário se ausenta da faculdade, visando fazer uma pesquisa, descansar ou viajar. Muitas vezes esta ausência é remunerada *(paid*, e não *payed*, como já vi escrita muitas vezes, inclusive por ingleses e americanos), e ocorre normalmente a cada sete anos. A palavra vem do latim recente *sabbaticus*, do grego *sabbatikos*, de *sabbaton.* Em inglês, *Sabbath*, o sétimo dia da semana, do hebraico *sabbat*, de *sabat*, descansar.

Bem, e aí? Ajudou com trancando a matrícula? Não muito. Para falar a verdade, nem um pouco, concorda? Um *sabbatical* se aplica ao professor, a cada sete anos, não ao aluno que quer fazer algo além de estudar por um tempo, de dar um tempo no geral.

Mas, agora posso dar a resposta! O que falamos, em inglês, quando queremos pedir para alguém nos dar um tempo (e você já deve saber isso) é *give me a break.* E acho que falamos "trancar a matrícula" usando o mesmo sentido também. Seria *to go on a break, to take a break from college.* Outras opções seriam *to take some time off, to take a year off*e *to take (a) leave of absence*

(Tirar uma folga). Como se vê, nada dramático ou pitoresco como trancando algumas coisas. É que a realidade de certas situações não pode corresponder à realidade de outras em outros idiomas, pois não há essas mesmas situações em outra cultura. Portanto, procurar simplesmente uma "tradução" de certos termos para explicar o que quer que seja simplesmente não funciona. Trancar a matrícula é um caso desses. Não vai achar uma tradução equivalente pelo simples fato de que a prática não existe. Nos Estados Unidos e na Inglaterra não existem essas opções.

Continuando... o que existe nos Estados Unidos, por exemplo, chama-se *credits* ou *credit hours,* um registro do progresso do aluno dentro do seu curso de escolha. E como a educação é paga, o que resta para dar um tempo das aulas é deixar de pagar pelo tempo que quiser, podendo viajar, ficar um ano ou mais sem aulas, ou até envelhecer que, ao voltar, há sempre um lugar para você continuar a estudar. Basta pagar e terá um lugar. Não preciso combinar nada, nem avisar. Então, a resposta em inglês é que não há uma tradução por não existir. Mas se o dilema for explicar a um gringo como acontecem as coisas aqui? Terá de explicar na íntegra para ele entender. As seguintes palavras talvez bastem:

If I want to leave college for a period I have to inform the people in administration that I'll be away for some time so that when I decide to come back and study some more there will be a place for me. That way I don't lose the time I've already spent on my studies.

Aliás, vamos aproveitar um pouco a palavra *leave* para aprofundar mais um pouco no inglês. *Leave* é usada em diversos termos, no sentido de permissão e autorização oficial, tais como *maternity leave* (licen-ça-maternidade), *to be on leave* (estar de folga, usada pelos militares e altos executivos corporativos), *sick leave* (licença-doença) e, principalmente para os militares, *AWOL - Absent Without Leave,* quando o soldado se ausenta dos seus deveres sem avisar, ou quando não retorna após uma folga autorizada. *The private went AWOL* (O soldado raso foi AWOL). De fato, o termo originou-se com os militares, mas hoje é usado para casos menos bélicos.

Voltando ao "trancamento" da matrícula, podemos dizer que os detalhes variam de universidade a universidade, mas no geral é isso conforme escrito acima. E já que grande parte do ensino superior por lá é pago, há de se admitir que ninguém está muito preocupado se o aluno quer estudar ou *go on a break* - desde que as mensalidades estejam em dia.

Ah! E não podemos esquecer aquele que não tranca a matrícula, mas simplesmente decide que não quer estudar mais. Este ato chama se de *dropping out* e quem faz é um *drop out.*

Charlie dropped out of college in 1969 to avoid being drafted. (Charlie caiu

fora da faculdade em 1969 para evitar ser convocado.) Então, para responder a dúvida de trancar a matrícula em inglês podemos realmente dizer que não existe uma expressão especial. Apenas, como em tantos casos, uma explicação simples dos fatos.

Gastei 910 palavras para explicar três em português. Wow!

E agora vão mais. A situação de "trancar a matrícula" aqui no Brasil revela uma faceta interessante dos nossos costumes. Pergunto: será que o estudante brasileiro corre o risco de tirar um ano e não ter um lugar no ano seguinte? Será que as universidades são tão cheias de alunos que corre-se o risco de ficar sem lugar? E quando "tranca a matrícula", isso vale só por um ano? Pode-se "destrancar" o tal de trancamento? (Ou será tranca -ção?). Ou tem de trancar todos os anos? E quem inventou o trancamento? É mesmo necessário? Alguém pode me responder?

Pronto, está respondido! A minha filha, ao ler tudo isso que escrevi até agora, que pode até ser interessante para o aprendizado, mas que, admito, não responde adequadamente à pergunta, me deu a solução, a resposta. É feito para não acumular mensalidades; trancar a matrícula é só uma questão de não pagar as mensalidades? Então é isso? E se é apenas isso, pode dizer *Suspend payment. Put tuition fees on hold.* Simples, não é? Então por que será que gastei tantas palavras? Trancar a matrícula é isso aí minha gente. Mas já que detesto desperdiçar palavras depois de escritas, fica registrada aqui, a quem interessar possa, a minha explicação.

Acho que trancar a matrícula é, na realidade, *Not pay the fees.* Viu! Em inglês consegui reduzir para quatro palavras apenas. Ufa! (Finalmente.)

8. Subject: Sorry to bother you

(1) Sou nova no ensino de ingles, e tenho algumas dificuldades em lidar com o seguinte: Estou lecionando para adultos e jovens, todos iniciantes. Tento explicar-lhes a gramática inglesa usando vários exemplos, bem como gestos, mas alguns deles não entendem nada e preciso recorrer ao português. Estou fazendo a coisa certa?

(2) Como devo lidar com adultos na faixa de 50 a 60 que me dizem que nunca aprenderão inglês? (2)

(3) E aqueles jovens que são tímidos? Que a sua timidez não os deixa participar?

(4) O que devo fazer se apenas cinco de nove alunos fizeram uma pontuação alta na primeira prova escrita? A culpa é minha? (4)

(5) Pode ter certeza Michael, estou fazendo o meu melhor para que eles aprendem e gostam de inglês, mas às vezes fica difícil para nos professores saber se estamos agradando ou não. (5)

(1) Não tenho nada contra o uso de português em sala de aula, se ajudar a transmitir a mensagem de assuntos difíceis e ganhar tempo. Porém, deve-se tomar o cuidado de não exagerar na dose, porque é muito fácil cair na armadilha de falar "sobre" inglês e deixar de "ensinar" inglês. Sei, porque eu fazia isso, às vezes, sem perceber.

(2) É verdade? Então porque começaram? Aparentemente já desistiram antes de começar. Sugiro que você arrume alunos que queiram aprender, que tenham atitudes mais positivas. Por que perder tempo com esse tipo? Também contar-lhes-ei que a idade nunca é um problema, a não ser que se considerem incapazes. Mas se for o caso, como eles conseguiram fazer o esforço para começar a estudar inglês em primeiro lugar?

Sei que para muitas pessoas há dificuldades em estudar inglês, mas estas se resumem mais em questões de disponibilidade de tempo. Gente mais velha normalmente tem outras prioridades: filhos, netos, trabalho, obras sociais e de caridade, etc. É claro que podem ter outras coisas a fazer que simplesmente não acham tempo, mas mesmo assim é apenas uma questão de prioridades. Para mim, essas colocações são muitas vezes desculpas para evitar fazer o esforço. Tenho mais de sessenta anos e estou aprendendo a cada dia que passa. Se eles não querem fazer o esforço, não há muito o que você possa fazer, exceto não se culpar. **Por favor!**

(3) O que pode fazer? Não é seu problema. Se reclamarem, sugiro que procurem fazer terapia de algum tipo. Realmente, não é sua responsabilidade. Eu também já me envolvi nesse tipo de problema e me arrependi. Sou professor de inglês, e engenheiro. Não psicólogo.

(4) Novamente, não deve se culpar. Os resultados dependem de ambas as partes desempenharem suas funções. A única coisa que você pode fazer é o melhor que pode fazer. O restante depende deles.

(5) Pergunte a eles o que realmente querem e como se sentem a respeito dos seus métodos. Não seja reticente neste ponto. O feedback (retorno) é sempre bom para ambas as partes. Não tenha medo.

---

9. Subject: Song

Eu estava preparando algumas músicas para meus alunos particulares, como faço de tempos em tempos. Um deles adora Elton John e pediu para eu preparar "The One". Bem, enquanto eu estava checando a letra, fiquei em dúvida quanto ao significado de uma palavra e decidi copiar parte da canção para você ter o contexto. Logo, qual o sentido da palavra "gel" na frase: "where sex and love no longer gel"? É verbo?

... When chances breathe between the silence Where sex and love no longer gel.

Bom, em primeiro lugar acho estranho, pois você parece estar fazendo muito do trabalho para seu aluno, preparando canções por eles (ou para eles? E há quem ache as *prepositions* em inglês difíceis!). Na minha experiência, se eles fazem o trabalho, podem, muitas vezes, obter mais benefícios, mas também sei que isso é raro. Claro que não sei nada a respeito da sua metodologia, portanto lhe desejo boa sorte.

A respeito da palavra "gel", sim, é um verbo, seguido de "no longer". Deriva de *gelatine/jelly* (gelatina, claro), que, enquanto está sendo processada para assumir a sua forma definitiva, passa pelas fases e verbos: *coalesces, blends, unites, merges, assumes.* Portanto, algo que não *coalesca* - unir, fundir, assumir -, "doesn't gel", como na canção de Elton a respeito de sexo e do amor, significa ambos não se juntam. Deixam de funcionar.

Vejo a atitude demonstrada aqui como algo que não ajuda o aluno praticamente em nada. Todo o trabalho é feito para ele (for him, para quem estava em dúvida sobre qual *preposition* seria a correta em inglês), que apenas recebe algo já pronto. Mas pelo menos o professor trabalhou bastante. Lembro-me da expressão tão usada na prática de malhação: No pain, no gain, ou seja, "sem dor (leia-se esforço), não há ganho".

Posso até entender, embora jamais concordar, que o aluno procure eternamente atalhos, mas já passou da hora dos professores pararem de facilitar.

10. Subject: I need your opinion...

Você poderia me ajudar com meu *position paper,* me dando sua

opinião sobre estas questões?

Na sua experiência quais são os desafios maiores em ensinar principiantes? No caso de alunos básicos, você acredita que professores devem usar o recurso de falar sobre inglês em português antes de ensinar?

Acho aconselhável tentar evitar o caminho mais fácil usando português. A minha tendência é de seguir os livros, embora às vezes me ache um pouco perdido neste campo. Respeito o que os autores estão tentando fazer por meio do seu trabalho, e sei que têm muito mais experiência do que eu nesta especialidade.

Mas, tendo dito isso, também já trabalhei com muito material didático que, além de me passar a impressão de que não foi testado adequadamente em sala de aula, transmitia a idéia de que o próprio autor tinha passado os últimos tempos muito longe de uma sala de aula. Mas, no geral, tento seguir o que o material recomenda.

AUTOBIOGRAFIA 4: RAIVA E MEDO

I feel my world shake
I can't look away
Hard to see clear
Is it me
Or is it fear?

METALLICA, "ST. ANGER"

Outro motivo que me expulsou da Inglaterra foi eu querer comprar a casa onde morava com meus pais. A mesma casa onde nasci em outubro de 1944. Ela estava alugada pela minha mãe na época, como era também alugada antes pela mãe dela. A mãe dela morreu em um acidente de fábrica, acho que um mês antes de eu nascer, ou pode ser um mês depois, não sei ao certo. A lei naquela época favorecia aos inquilinos de longa data (chamados de *sitting tenants.* Estranho? Então sugiro que pegue seu dicionário e pesquise o sentido... mas, pensando bem, vai ser muito difícil achar uma explicação, logo vou explicar aqui. *Tenant* é inquilino; *sitting*, é sentado. Inquilino sentado? Pois é, um inquilino que não pode ser removido! Inglês é lindo, não é?), portanto, minha mãe não podia ser

expulsa de lá, e o aluguel estava muito barato, e não podia ser reajustado.

Mas já estava em andamento a subida de preços dos imóveis, e você pode imaginar a situação dos proprietários, presos a velhos contratos sem perspectivas de ajustes. A única opção deles era tentar oferecer os imóveis aos inquilinos, já dentro da propriedade, a um preço baixo e atraente, o mínimo para se livrar da casa.

Minha mãe se enquadrava nessa situação e me lembro de que o valor da casa para ela comprar estava em 1.200 libras. Eu ganhava bem, talvez umas 25 libras por semana. Minha mãe trabalhava na empresa americana Firestone (dos pneus) na contabilidade e ganhava 20 libras por semana. Meu pai trabalhava como almoxarife numa fábrica e ganhava talvez umas quase 20 libras por semana. Logo, a nossa renda semanal conjunta estava bem alta para a época, umas 65 libras por semana, ou seja, o valor da casa era equivalente a 18 vezes a nossa renda semanal. Isso quer dizer que as condições eram extremamente favoráveis à compra da casa, que pelo valor do mercado estava valendo talvez 12 mil libras. Não me lembro o valor exato, mas era bem alto.

A recusa dos meus pais em topar isso me deixou furioso e decidi mandar eles para aquele lugar, e saí da Inglaterra com raiva e ressentimento deles.

Mas há uma questão também importante embutida em tudo isso.

Sem surpresa, dado a essas circunstâncias, ou seja, guerra, mortes e destruição, eu sofria de pesadelos constantes. Todas as noites. Foi necessário ter meus próprios filhos no primeiro casamento e observar o comportamento de Michael Henry, depois Christian e por último de Bianca para perceber que ter pesadelos, pelo menos tanto assim e todas as noites, não era tão normal como eu imaginava. Mas não pude ter outro referencial, claro. Meus filhos, vez ou outra, poderiam relatar alguns sonhos, mas no geral passavam a noite dormindo, tranqüilamente, sem acordar, e sem gritos de pavor. Como foi uma surpresa para mim aos poucos observar e aprender isso! Crianças normais não tinham pesadelos sempre! Interessante observar que depois que saí da Inglaterra, acho que nunca mais tive pesadelos.

Em 2005, fiz uma viagem que se tornaria importante nesta minha jornada do autoconhecimento. Jack Scholes e eu íamos fazer uma apresentação em Bauru/SP. Conheço Jack desde 1999, mas foi a primeira vez que realmente conversamos à vontade sobre várias coisas pessoais, incluindo as nossas respectivas vidas de classe operária na Inglaterra. Ao contar a história da minha frustração e ressentimento contra meus pais por não ter comprado a casa em Londres, também relatei a ele as duas ocasiões que meus pais vieram aqui no Brasil, quando muito da minha raiva veio à tona. Jack sabiamente observou que meu pai deve ter sentido uma baita inveja do seu filho (eu) bem-sucedido. Não

que eu me considerasse bem-sucedido até aquele momento, mas as colocações sábias do Jack mostraram-me as coisas numa perspectiva nova. (Jack, se um dia você ler estas palavras, saiba que sou muito grato pelas percepções que ganhei de você naquela viagem em que curti ouvir você falar sobre seus filhos e seu grande pai, o *banjo player.* O que é o que é... se uma pessoa que toca guitarra é guitarrista, quem toca banjo é banjoísta?)

11. Subject: Doubts

I'm an English teacher here. I got many doubts. what is the diffrence between work and job.trademark and brand; prize and award; tall and high; to act out and role plat; cord and rope; infatuated and passionate; fault, guilt and blame; I have had these doubts for ages Oly you can help me.I long for your reply.I appreciate any attention.

Aqui vai a tradução:

Sou um professor de inglês aqui. Tenho muitas dúvidas. Qual a diferença entre work, job.trademark e brand; prize e award; tall e high; to act out e role plat; cord e rope; infatuated e passionate; fault, guilt e blame. Tenho estas dúvidas há muito tempo. Somente você pode me ajudar. Anseio por uma resposta. Aprecio qualquer atenção.

Tenho certeza de que um bom dicionário ajudaria você com a maioria das suas dúvidas. Por exemplo: "work". *Work* é trabalho. Pensei que você soubesse isso. *Job* é emprego. Para falar a verdade não posso entender onde ou como você tem dúvidas a respeito disso. Lamento, mas não concordo que somente eu possa ajudá-lo. Tenho certeza de que o melhor é você mesmo se ajudar. Tento deixar esta posição muito clara naquilo que escrevo e tenho certeza de que meus livros refletem esta atitude. Posso sugerir que você os leia? Tanto aquilo que é escrito como também, talvez mais importante, as entrelinhas.

A leitura em geral é também uma boa coisa a fazer e ajudará você, de várias maneiras, a melhorar seu vocabulário e a discernir as diferenças às vezes sutis entre as palavras. Nunca curti ser usado como um "dicionário ambulante", como eu o chamo; portanto, gostaria de sugerir que, após você ter feito seu esforço, de ter feito sua lição de casa, e de ter gastado um pouco de seu próprio tempo, e se ainda não entende o sentido das palavras que procura, então, por favor, volte a me contatar. Também sugiro que passe adiante esta mensagem aos seus alunos para poder parar de

spoonfeed eles e fazer com que tenham algum trabalho também. Só posso presumir que essa seja sua maneira de lecionar, já que aparentemente você quer a mesma coisa de mim.

Lamento se isso não é o tipo de resposta que esperava, mas é o meu estilo e reflete as minhas crenças. Diferentes? Sim, com certeza. Eficaz? Também acredito. Bem, você disse que queria atenção, não queria? Quero crer que é isso que está recebendo. Concorda?

Esta resposta reflete bem a minha fase de dizer o que penso. Sei que posso estar mostrando certa impaciência, e peço desculpas por isso, mas pelo menos ajudou a gerar este livro.

12. Subject: Help

Sou uma professora de inglês e preciso de sua ajuda. Como eu diria "pagar um mico"? Isto é, ser obrigado a fazer algo desagradável, que alguém não gostaria de fazer. Há alguma expressão similar em inglês, ou uma gíria?

É gozado! Ultimamente tenho recebido tantos e-mails de leitores querendo saber se existe e o que é a expressão "pagar um mico" em inglês, que chego a pensar que está passando uma novela ou algo do gênero com este título na TV Globo para despertar tanta curiosidade simultânea. Preciso admitir, em primeiro lugar, que muito provavelmente tenho enviado respostas equivocadas, pois até recentemente a minha interpretação da frase estava errada. Eu achava que era equivalente a "pagar o pato", que seria *to take the blame*. E assim informei a muita gente.

Fui gentilmente corrigido por meu amigo e também escritor Ulisses Carvalho, o qual me avisou que existem os equivalentes sim, e que para minha informação "pagar um mico" queria dizer que quem faz a bobagem é quem "paga um mico". Mais uma que aprendi. *Living and learning!*

Bem, "pagar um mico" em inglês é:

- *I put my foot in it.*

-I embarrassed myself.
- I made a fool of myself.

Talvez a melhor destas três opções seja *to make a fool of oneself*, mas logicamente vai depender da situação. Podemos acrescentar mais algumas porque "pagar um mico" quer dizer também "situação embaraçosa" ou "vexame". Aí temos *The joke was on me, faux pas, to blunder, to be embarrassed, to want to disappear.* Se eu pensar mais ainda vamos ter *to crawl into a hole, to wish the ground would swallow me up* e *to be shit faced.*

Como se vê, muitas opções para todos os gostos e situações. Será que estou ouvindo alguns gritinhos de "Mas Michael, é muita coisa! Não posso lembrar de tudo!" Dez opções é muito? Eu não acho, embora para quem queria uma ou no máximo duas opções talvez seja muito. Mas as nossas línguas são assim. Não facilitam muito, e não pela primeira vez vejo leitores, neste caso uma professora, querendo respostas simples para assuntos não tão simples.

Nunca se deve perder de vista o fato de que há tantos termos e expressões em inglês e em português que querer obter equivalentes entre nossos idiomas demonstra uma maneira simples e ingênua de ver as línguas. Ao existir uma expressão coloquial ou de gíria equivalente, penso que seja mais exceção que regra.

Pessoalmente, não acho muito produtivo responder a esse tipo de pergunta, por não acrescentar muito ao estudante. E, afinal, tenho certeza de que há livros suficientes contendo listas e mais listas de expressões lançadas no mercado, nas quais, tenho certeza, deve constar a expressão "pagar um mico" É só questão de achar o livro/dicionário certo.

Pensando bem, claro que é mesmo mais fácil escrever para mim, mas, cuidado, não estarei aqui sempre para atender você!

Mas, tendo dito tudo isso, preciso afirmar que é difícil às vezes achar um equivalente para gírias, mais ainda quando o leitor ou estudante espera uma gíria equivalente em inglês.



Bem, este é um exemplo muito comum do que eu chamaria de pensamento linear, embora a leitora se salve perguntando se existe uma expressão similar, ou até uma gíria. Tantas vezes recebo listas de expressões coloquiais e gírias que

fico admirado. Penso com meus botões: "Como é possível pensar que só porque há uma gíria em português automaticamente há de ter uma equivalente em inglês?" Este tipo de pensamento nem leva em consideração fatores culturais e lingüísticos.

Vamos usar um exemplo tirado dos filmes em língua inglesa. É muito comum o uso do palavrão *bastard* (interessante perceber que "palavra" é substantivo feminino em português, mas "palavrão" é masculino, fato corrigido pelo meu micro ao digitar isto. E ainda tem quem ache que ao inglês falta lógica!). Claro que existe bastardo em português, mas eu pergunto: quando foi que você usou esta palavra pela última vez? Mesmo que você seja uma pessoa que usa linguagem de baixo calão com freqüência, duvido que bastardo ou bastarda seja parte do seu vocabulário freqüente. Pois nos filmes é comum, e normalmente é traduzida para canalha, fi-lho-da-mãe ou outro termo chulo similar. A pronúncia de *bastard* é /bar-stâd/ na Inglaterra e mais para /bá-stâd/ nos EUA.

A propósito, o termo como insulto data da época em que ser ou ter um filho ilegítimo era um escândalo, um estigma. Ilegítimo querendo dizer que os pais não eram legalmente casados quando o filho nasceu. Quantos *bastards* temos entre nós hoje em dia, não é?

13. Subject: O uso de still e so

Uma estudante de pós-graduacão em arquitetura trouxe-me um "paper" sobre Jane Jacobs: "The matchless analyst of all things urban...". No "paper" Jane Jacobs diz a certa altura: "I love New York so much still" she said. "But the traffic is the worst I've ever known it to be".

O problema está na primeira parte. A estudante traduziu:

"Eu ainda amo muito N. Y." (1)

Nessa tradução o Inglês não deveria ser: "I still love N. Y. so much" (?) (2)

Se "still" também quer dizer (entre outras coisas), calmo, quieto, parado. etc, a tradução seria: "Eu amo N.Y. tão tranquila" (?!) (3)

N. Y. é uma cidade tranquila? (4)

Simplificando: (5) I still love Mary = Eu ainda amo Maria. (6)

I love Mary still = Eu amo Maria quando ela está tranquila (?)(7)

"She's so sweet" é comum, mas -"She's so much | sweet (8) rich (9) | kind (10) | poor, "é aceitável? (11)

(1) Correto.

(2) Pode ser também.

(3) Não. "Still" neste contexto quer dizer "ainda".

(4) Claro que não é. Pelo menos, tanto quanto São Paulo.

(5) Simplificando? Será?

(6) Correto, e mais comum.

(7) A sua tradução está errada. Gramaticalmente é possível, como no exemplo *I prefer the kids when they are still,* ou seja, eu prefiro as crianças quando estão quietas/imóveis. *I love Mary still* é correta, embora usada com menos freqüência do que *I still love Mary. I still love Mary* não deixa margem de dúvida. *I love Mary still* pode ser interpretada como eu amo Mary quando ela não se mexe, o que leva a uma conotação sexual... ou será que vejo sexo em tudo?

(8) Errada com *so much sweet.* Deve ser *She's so sweet.* Outro exemplo: *Michael's so sweet.*

(9) Idem com *so much rich.* Deve ser *She's so rich.*

(10) *She's so kind* OK, mas não existe *She's so much kind.*

(11) Não.

Devemos lembrar que todas estas frases (8), (9), (10) e (11) cabem o uso de *very. She's very sweet/very rich/very kind* e *She's very poor.*

Ao ler esta salada de perguntas (e você nem pode imaginar o layout original!) o que me vem na cabeça é o seguinte: será que essa pessoa já consultou um livro comum de gramática inglesa do tipo English Grammar in Use e Essential Grammar in Use de Raymond Murphy? E já que quem lhe trouxe o tal do "paper" foi um estudante, posso presumir que quem me mandou a pergunta foi um professor? Não, não pode ser, mas... Sei lá.

E acima de tudo, minha reação básica é: será que a leitura faz parte da dieta deste leitor? Estou sendo delicado. Claro que não faz, como obviamente nunca fez. Pelo menos em inglês. Agora, quanto ao português? Deixo para sua imaginação, caro leitor.

(Interessante esta confusão com o uso de *still* e nem um sinal de perturbação com "matchless analyst", que por sua vez, viria a ser analista inigualável, literalmente.)

14. Subject: Doubts! Doubts! And doubts!

Bought your book "Como melhorar...", found it very, very nice! (1)

As you said, we could ask you questions. Here we go: "I told you not to go"(I consider this structure correct, (2) I say to my students that "not" is not a verb to have "to" before it (3), BUT "She said to not worry about this" (4), this structure destroys my justification that" not" is not a verb (5) to have "to". (6) What's the way out of it? (7)

Para quem precisa, aqui vai uma tentativa de tradução:

Comprei seu livro "Como melhorar...", achei muito bom. Conforme disse, podemos lhe fazer perguntas. Então aqui vai:

"I told you not to go." (Considero esta estrutura correta. Digo aos meus alunos que "not" não é um verbo para ter "to" antes, mas "She said to not worry about this", esta estrutura destrói minha justificativa de que "not" não é um verbo para levar "to". Qual é a saída?

(1) Obrigado.

(2) Sim, é correto.

(3) "Not" não é um verbo, mas vai sim antes do particle "to".

(4) "She said to not worry about this" é errado. Deve ser: *She said not to worry about this.*

(5) Excuse me? Não entendo isto. Aliás, *acho* que não entendo.

(6) O que isso quer dizer?

(7) Perdão? Qual a saída de quê?

Juro, querido leitor, que a correspondência aqui reproduzida é exatamente conforme o original, (acho que eu não poderia criar um exemplo assim) exceto pelo layout que, numa palavra em inglês, seria *atrocious*, ou seja, atroz. Mais uma vez, devemos notar que a carta é de um professor, já que diz: "I say to my students...". Mas pergunto, professor de inglês? Não quero ser duro demais e ficar aqui emitindo julgamentos apressados, mas fico me perguntando exatamente o que o aluno, o aluno dele, estaria ganhando com tudo isso. Tenho a impressão de que o "professor" está agindo sob a ilusão de que "not" é um verbo, quando na realidade é uma palavra classificada como um advérbio. Uma definição.

*not*adv. In no way; to no degree. Used to express negation, denial, refusal, or

prohibition. I will not go. You may not have any.

Deve-se tomar cuidado com a colocação de not e outras negativas em frases para evitar ambigüidade.

Veja: *Kim didn't (did not) sleep until noon* pode significar que a Kim foi dormir ao meio-dia ou que ela levantou antes de meio-dia.

Para evitar qualquer confusão na interpretação, devemos dizer exatamente o que queremos dizer. No caso: Kim acordou antes de meio-dia *(Kim woke up before noon)* ou Kim foi dormir ao meio-dia *(Kim went to bed at noon).*

Assim, coloca-se em prática o preceito número um de aprender inglês: *Keep it simple* (mantenha as coisas simples). Coisa que obviamente o professor da carta parece ter esquecido (se é que um dia soube). *This teacher is definitely <u>not</u> keeping things simple.* (Este professor definitivamente <u>não</u> está mantendo as coisas simples).

(Acho que um bom assunto para o e-mail poderia ter sido *"It's not not?')*

Acho interessante mencionar a posição da negativa NOT em um caso assim:

She told me not to go there (reported speech)
Ela me disse para não ir.
Sei lá. Será que ajudei.

ATITUDES & SUGESTÕES 5

Doubts & Questions about "dúvidas"

Engraçado. Muitos dos e-mails que recebo tem no campo Assun-to/Subject a singela palavra dúvida(s). Na página 61 de *Tirando dúvidas de inglês* (Editora Disal), menciono o assunto de "dúvidas" em inglês, que seriam *doubts,* (sem dúvida!). Até aí, nada demais. Qualquer dicionário vai confirmar isso. Posso então dar o assunto como encerrado? Bem que eu gostaria, mas não é que tenho recebido vários e-mails questionando a minha posição de dizer que "Eu tenho uma dúvida" seria *"Ihave a doubt"* em inglês americano e provavelmente *"I've got a doubt"* no britânico? Há leitores que citam exemplos de "gringos" estranhando, e até ficando ofendidos, quando o brasileiro não entendeu direito o que foi dito (que, diga-se de passagem, pode ser também por "n" razões) e pede esclarecimentos ao visitante com frases como: *"I'm sorry. I have a doubt.*"

Quando era solicitado a comentar sobre essas supostas gafes, de explicar por que o gringo se sente meio p... da vida, limitava-me a achar que o gringo era um

fresco (afinal, muitos são mesmo... mas há gente boa no meio deles - sou a prova disso, não sou?) e deve ter sido outra coisa que ele não entendeu perfeitamente.

Mas como o volume de perguntas tem aumentado ultimamente, sou obrigado a reconsiderar a minha posição. Será que *doubts* e dúvidas são usadas na mesma maneira em português e inglês? Em vez de dizer *I have a doubt* deve-se dizer *I have a question*? Para mim a frase *I have a doubt,* não soa estranha em inglês, mas... tantas perguntas - e dúvidas - a respeito? Por quê? Conhece aquela expressão *Where there's smoke there's fire* (onde há fumaça, há fogo)? Mas e aí? Como fica a reputação do seu professor Michael em tudo isso? Fica péssima, com certeza, mas ficaria pior ainda se eu não me corrigisse a tempo, e é isso que vou fazer.

Consultei dois colegas, um inglês e um americano, e sabe como reagiram? Franziram as testas e disseram *"Wierd. It sounds wierd in English*." (Esquisito, parece esquisito em inglês.) Talvez desnecessário dizer que ambos falam muito bem português. Bem, *wierd or not,* a melhor maneira de descrever o uso é não natural. Gramaticalmente, sem problemas, mas não é algo que um gringo diria com naturalidade, a não ser... a não ser que... a não ser que... a não ser que este gringo seja eu, morando no Brasil desde 1967. Justo eu, que vivo pegando no pé do estudante brasileiro quando emprega o que sempre chamo de "*Portuguese in English"*. O que eu posso dizer? Talvez *sorry* seria uma boa forma de começar? Então, *sorry.*

E quando o brasileiro tiver uma dúvida, então? O que deve dizer? Chegamos à conclusão de que em primeiro lugar seria mais normal referir-se às dúvidas, no plural, com frases do tipo *I still have a few doubts about this.* Mas, repare bem: esta frase demonstra que você não está ainda totalmente convencido de que o assunto seja uma boa idéia, não que você não tenha entendido. Creio que é justamente aí que entra toda a "dúvida" e que provoca os mal-entendidos entre pessoas de nacionalidades, línguas e costumes diferentes e, quiçá, guerras entre nações!

Outras opções: *I'm still not sure about....', I don't really understand...-, I didn't quite get the bit about...* ou *Sorry, I couldn't follow what you were saying...* Também, em vez de *I have a question* poderia ser *I have a query.*

De qualquer maneira, acho que os gringos têm razão ao se irritar com as *doubts* do brasileiro, pois parece que este está duvidando daquilo que está sendo dito ou explicado, e não pedindo esclarecimentos. Sempre melhor, como uma ótima opção, é dizer *Iam in doubt,* deixando bem claro que a dúvida reside em você e não naquilo que o seu interlocutor está dizendo.

Só para lembrar, se é que precisa disso: quando alguém quer se certificar de algo, mesmo que este seja mesmo uma *doubt* (mas não seria elegante expressar

sua dúvida usando a palavra *doubt*, pois, como acabamos de ver, assim seria "questionar", o que o gringo pode interpretar como criticar ou até duvidar da sua honestidade), você deve dizer *I'd like to ask a question.*

15. Subject: Boa noite

Há muito que não te amolo, mas hoje não teve jeito procurei nos meus livros de gramática, mas não achei nada sobre o que vou te perguntar: Quando e como eu uso: So as to e So as not to. E qual a tradução desses termos? Tenho uma aula para dar e sei que vão me perguntar quando eu os uso.

Não é amolação. Pode ficar tranqüilo. Mas você podia ter me enviado um pouco, pelo menos um pouco, de contexto, para eu trabalhar, não acha? Assim, sobra mais trabalho para mim enquanto a você cabe apenas a simples pergunta. Você acha isso justo? De qualquer maneira, para não negar fogo, deixe eu pensar um pouco e tentar criar os exemplos...

...estou vendo que não estou muito criativo hoje, portanto vou pedir para você entrar com os seus exemplos, os exemplos que você já deve, obviamente, ter visto em seu trabalho, e juro que entro com o meu. O que acha?

Bem, isso foi meu limite naquele dia. Para falar a verdade (e por que eu não faria isso?), é o tipo de coisa que posso dizer *makes my blood boil* (faz meu sangue ferver, uma ótima tradução e ao pé da letra também). Tudo bem, estou aqui para ajudar, mas sou obrigado a fazer uma distinção entre ajudar e fazer o trabalho para meu leitor. Claro, não vou deixar de responder aqui, pois a dúvida pode ser sua também, e jamais quero deixá-lo aguardando uma resposta. De qualquer maneira, o que acho mais importante, muito mais, é este leitor examinar a sua postura quanto ao aprendizado. Não vou usar a palavra "folgado", para não ofender as suas sensibilidades, mas acho que sua atitude deixa muito a desejar do ponto de vista pedagógico. Ele poderia simplesmente ter anotado e juntado as suas dúvidas ao longo do tempo, e me enviado. Mas não. Quer que eu faça até este trabalho para ele. Como se vê, recusei. Antes teria feito para ele, ou por ele, gastando um tempão e contribuindo exatamente com o que para seu crescimento? Hoje quero crer que sou um pouco mais sábio, e evito

fazer o que nós gringos chamamos de *spoonfeeding*, ou seja, dar alimento na boca do bebê com uma colher. Mas, para você, aqui vão uns exemplos tirados do meu livro ainda não publicado: *Gringo.*

So as not to *miss out on the fun I grabbed a beer...*
Portanto, para não perder a diversão, peguei uma cerveja e...

John gets his armless nickname from the fact that he pretends not to understand certain things so as to get *an advantage...*
João tem seu apelido de sem braço do fato que finge não entender certas coisas para levar uma vantagem.

Brazilians when going to work in the USA for the first time will invariably comment on the American businessman's custom of dropping everything at 5 pm, even when in the middle of something important, perhaps urgent, so as to leave *work on time...*

Brasileiros, ao trabalhar nos Estados Unidos pela primeira vez, invariavelmente
comentam sobre o costume do executivo americano parar tudo às 17 horas, mesmo quando estiver no meio de algo importante, talvez urgente, para poder sair do trabalho na hora certa...

Viu! Fiz o trabalho para você, leitor, embora, na verdade, tenha negado fogo ao leitor que me escreveu. Prova que não sou aquele carrasco que muitos pensam. Quero mesmo é ajudar, e você está fazendo sua parte, pois comprou meu livro e está aqui nesta página, lendo. Parabéns.

16. Subject: Are you hungry?

Chegaram duas cartas sobre o mesmo assunto que quero compartilhar com vocês.
A primeira:

Outro dia, uma pessoa americana nos disse que *dinner* **não era tradução de jantar, mas que era a principal refeição do dia, podendo ser feita tanto às 12h (hora do almoço) quanto às 19h, por exemplo. E disse que na casa dela, ela fazia "breakfast-dinner-lunch-supper".**

Será que é isso mesmo? A regra vale para todas as regiões dos EUA ou da Inglaterra, ou é uma variante lingüística?

E a segunda:

Outro dia ouvi de uma professora que morou em Londres que "dinner" não se refere ao jantar, mas sim à qualquer refeição grande que reúna a família. Está correto? Ela me corrigiu quando usei a palavra no sentido de jantar, pois falou que, quando morou lá, percebeu que a palavra não era usada nesse sentido.

As denominações das duas principais refeições sofrem muitas variações ao redor do mundo e na própria Inglaterra, pois variam de acordo com a localização geográfica e a classe social. Assim, como pode adivinhar, vira uma "salada".

Lembro-me do ótimo filme situado em Birmingham,* Inglaterra, "Shirley Valentine", no qual o marido da personagem principal queria chegar a casa à noite, após o dia de trabalho, e encontrar seu *tea* já pronti-nho. E lá iam ovos e batatas fritos - e talvez uma salsicha ou bife para sua refeição noturna, o que eu e você chamaríamos de "jantar".

Meu dicionário *Collins English Dictionary - Millennium Edition* dá **Dinner**: 1. *a meal taken in the evening* (Uma refeição comida à noite) 2. *a meal taken at midday, esp. when it is the main meal of the day; lunch* (uma refeição comida ao meio-dia, especialmente quando for a refeição principal do dia, almoço).

Para "*lunch*" fornece "a *meal eaten during the middle of the day*' (Uma refeição comida no meio do dia).

"Tea" é dado como "A refeição principal à noite na Inglaterra, Austrália e Nova Zelândia", que é, obviamente, o nosso jantar.

Já que estamos no assunto, *tea* como o chá das cinco é em grande parte um mito. Existe *afternoon tea* (chá da tarde, mas não precisava de mim para traduzir isto) que é uma refeição leve feita durante a tarde e consiste de chá, café, bolos, bolachas e *sandwiches* (sanduíches) - e *high tea* que é chá da tarde com algum prato cozido leve.

Deslocando-nos para os EUA meu dicionário *American Heritage* cita *dinner* como a refeição principal do dia, comida à noite ou ao meio-dia.

Breakfast significa "quebra jejum" e há também o *brunch* que combina o "br" de *breakfast* e o "unch" de *lunch.*

Quanto a reunir a família, ainda bem que não existe este requisito para determinar o que é o quê. Já pensou tentar introduzir outro fator para complicar mais ainda?

Tendo dito isso, vejo que nem toquei no assunto de *supper. Supper* é ceia, comida sempre à noite. *(The Last Supper* = A Última Ceia).

A propósito, embora *dinner* varie de horário, *lunch* é ao meio-dia, até arriscaria dizer tanto faz em qual lado do Atlântico estiver. Já que há tan-tas alternativas, minha sugestão é, como sempre, *Keep it simple.* Use *breakfast, lunch* e *dinner* ao longo do dia, nesta seqüência, e se adapte aos costumes locais quando precisar. Espero ter ajudado.

17. Subject: Curiosidades

Olá Jacob, comprei um de seus livros,"Tirando dúvidas" e achei fantástico. Como muito de seus leitores tenho minhas dúvidas também e conto com sua ajudona. Como dizer em inglês Bóia-fria?

Bóia-fria não pode ser traduzido em uma ou duas palavras, pois é uma expressão típica da cultura brasileira, aplicável à realidade e circunstâncias brasileiras. Meu dicionário se "limita" à explicação: "A *country worker, not regularly employed, who does temporary jobs and works in the fields the whole day, and eats the cold meal he brings with him".* Se você disser "country worker" apenas não estará dizendo por inteiro o sentido que há no termo, mas pode servir. Você é quem sabe.

Mais um exemplo, entre tantos outros, de pensamento linear. Será que não ocorre ao leitor, antes de fazer a pergunta, de parar para pensar? Mesmo que nunca tivesse viajado ao exterior, não é difícil perceber pelos filmes, pela televisão, que é raro ver bóias-frias fora do Brasil. (Bem, "raro" talvez não seja a palavra exata). Neste caso, a explicação perfeita, com "apenas" 27 palavras para explicar duas em português, do meu dicionário oferece a "quase" dica; "cold meal" (refeição fria).

Mas talvez o problema esteja na pergunta. Se tivesse dito "Como eu poderia explicar o termo 'bóia-fria' em inglês?" aí, sim, talvez seja isso que o leitor quisesse dizer.

ATITUDES & SUGESTÕES 6
UMA PROFESSORA INDIGNADA

Segue uma troca de correspondência fiel, porém bastante editada, entre uma professora brasileira de inglês, e um consultor, Rich, de um site para assuntos de língua inglesa. Não conheço pessoalmente as pessoas envolvidas, bem como desconheço o site. A jovem, não gostando da opinião de Rich, escreveu para mim em inglês. Convido você a tirar suas próprias conclusões. Vou fazer uma tradução para aqueles que porventura precisam, mas sem tentar reproduzir todos os erros do original.

A leitora termina pedindo para eu manter a correspondência em sigilo, pois não gostaria de vê-la publicada. Não o fiz, baseado no seguinte:

1) Já se passaram 5 anos, e espero que sua atitude e habilidades tenham sofrido modificações e melhorias desde então (quem sabe, até ajudado por Rich e por mim?).

2) Em nenhum momento nem ela nem outro protagonista estão identificados.

3) Fico admirado com a profundidade da resposta de Rich, com o respeito e profissionalismo com que ele trata a professora, e o tempo que dedicou ao assunto para ajudá-la. (Quem dera eu ter tamanha paciência com meus leitores.)

4) Considero que o conteúdo dos e-mails compensará minha decisão de não atender à professora. E, afinal, nunca prometi concordar com a solicitação dela.

Primeiro, a carta para mim:

Dear ***Michael***

I entered in a site to ask for an opinon. It's an international site. I'd like you to analyze my English, I got deeply sad and offended by one person.

E a minha tradução:

Entrei num site para pedir uma opinião. É um site internacional. Eu gostaria que você analisasse meu inglês. Fiquei profundamente triste e ofendida por uma pessoa.

A carta dela ao site:

Dear ***Rich***

I'm facing a new challenge now, that's why I like hearing from the expert ones.

Most of my students are seeing English as an ESL for the first time. **As** ***I'm used to teach at English courses, I'm not used to translate word by word into***

the mother tongue. Recently one of my students who despite all of my efforts and even translating, can't say or keep in the memory "I am a student", for instance, told me that she wanted to talk to the coordinator. I got angry with her, I know I shouldn't (but you know, we are humans) and told her that she could do it and nobody could take off my position because I'm a statutory teacher. During the talk, I thought again and tried to change things. I told her that I was appreciating her interest and I'd try to help her further. They need to be guided at every step, they don't know to speak our native English correcty, not mention English.

I'd just like a help on how teaching adults, they are not aimed to lear n English to talk or write as in English courses, but they don't know a damn of nothing. English is a mystery to them. And I translate, and they don't remember, I bring flash cards, everything.

They don't take the effort. My friend, who is an ESL teacher too, told me: dont worry, they just want to finish high school to work in a store.

Caro Rich,

Estou enfrentando um novo desafio agora, por isso gosto de ouvir os peritos a me dizerem.

A maioria dos meus estudantes está vendo inglês como uma ESL (sigla de English as a Second Language - Inglês como uma Segunda Língua) pela primeira vez. Como estou acostumada a ensinar em cursos de inglês, eu não estou acostumada a traduzir palavra por palavra para a língua materna. Recentemente uma de minhas alunas que, não obstante todos os meus esforços e mesmo traduzindo, não consegue dizer ou manter na memória "Eu sou um estudante", por exemplo, me disse que queria conversar com o coordenador. Fiquei brava com ela, sei que não devo (mas, você sabe, somos humanos) e disse que ela podia e que ninguém podia tirar a minha posição, pois sou uma professora estatutária. Durante a conversa, eu pensei novamente e tentei mudar as coisas. E disse a ela que eu apreciava o seu interesse e que eu tentaria ajudá-la mais. Eles precisam ser orientados a cada passo, não sabem falar o nosso inglês nativo corretamente, sem mencionar inglês.

Eu apenas gostaria de ajuda sobre como lecionar para adultos, que não estão com a meta a aprender inglês para falar ou escrever como em cursos de inglês, mas eles não sabem uma porra de nada. Inglês é um mistério para eles. E eu traduzo, e eles não lembram. Trago flash cards, tudo.

Eles não fazem o esforço. Minha amiga, que é professora de ESL também, disse para eu não me preocupar, eles simplesmente querem terminar o segundo grau para íípoder trabalhar numa loja.

A resposta do site (Rich, 02/20/04):

I'm ***afraid that you are going to take offense at my answer, but I must be honest. If I am wrong, I invite other experts to tell me how and why; if I am right, I hope that others will reinforce my answer because I don't think you will be easily convinced by one man's opinion.***

Since the English in your question is not very good, it frightens me that you are teaching English as a second language, or that you are teaching English at all. I am not referring to typos but to incorrect forms of verbs, grammatical errors, and faulty idioms. If you speak the language the way you write it, I don't believe that you can accurately translate for non-native speakers.

Sometimes students in my class (which is not an ESL class) tell me: "I took ESL, and I didn't learn anything because the teacher didn't speak correct English. How can I learn a language from someone who can't speak it properly herself/ himself?" I am extremely upset that these students pass ESL and go on to regular classes such as mine -classes for which they are not prepared. I agree with them that they cannot learn English from a teacher who does not know English, but I don't make an issue out of it. If the student is willing to make the effort (and most are if they are convinced that the teacher has the knowledge and skill to teach them), I spend hours tutoring them.

Your friend who says, "Don't worry; they just want to finish high school to work in the store,"has a terrible attitude. She is saying that you should not even try to teach them. If that's how she feels, why is she teaching at all? Anyone who knows anything about teaching knows that part of the job is getting students to want to learn. Ofcourse, some students (both native speakers and non-native speakers) are interested only in finishing school and getting on with whatever they plan to do afterwards. But, from my side of the desk, I have an obligation to at least try to make them feel that what I am teaching is worth learning. If I am not willing to do that, I might as well go to "work in a store" myself. Pardon me, but that's probably where your friend belongs, since she clearly has a negative attitude about teaching.

In short, the problem is not with your students. A few may not want to learn (there will always be some of these), but I'll bet that most are merely frustrated because they are not learning anything. And, whether you like it or not, that's your fault.

Receio que você vai se ofender com minha resposta, mas preciso ser honesto. Se eu estiver errado, convido outros peritos a me dizerem como e por que; se eu

estiver certo, espero que outros reforcem a minha resposta, pois sinto que você não será convencida facilmente pela opinião de apenas um homem.

Já que o inglês na sua pergunta não é muito bom, atemoriza-me que você está lecionando inglês como uma segunda língua, ou mesmo que está lecionando inglês. Não estou me referindo aos erros tipográficos, mas às formas incorretas dos verbos, aos erros gramaticais, e ao uso incorreto de expressões idiomáticas. Se você fala a língua da mesma maneira que a escreve, não acredito que possa traduzir com precisão para falantes não-nativos.

Às vezes os estudantes nas minhas aulas (que não é aula de ESL) dizem: "Estudei ESL e não aprendi nada, pois o professor não falava inglês corretamente. Como posso aprender uma língua de alguém que não sabe falar, ele/ela mesmo, adequadamente?" Fico extremamente desconcertado, esses estudantes são aprovados na prova de ESL e passam a freqüentar aulas como as minhas - aulas para as quais não estão preparados. Concordo com eles de que não podem aprender inglês de um professor que não sabe inglês, mas não faço disso uma polêmica. Se o estudante estiver disposto a fazer o esforço (e a maioria está), se estiverem convencidos de que o professor possui conhecimento e habilidade para ensinar, eu gasto horas ensinando.

Sua amiga que disse, "Não se preocupe, eles só querem terminar o segundo grau para trabalhar numa loja", tem uma atitude terrível. Ela está dizendo que você nem deveria tentar ensiná-los. Se ela se sente assim, por que está lecionando? Qualquer um que saiba um mínimo a respeito de lecionar sabe que parte do ofício é conseguir que o aluno queira aprender. Claro, alguns alunos (tanto falantes nativos quanto não-nativos) estão somente interessados em terminar e passar a fazer o que querem. Mas, do meu lado da mesa, tenho obrigação de, pelo menos, fazer com que eles sintam que o que eu estou ensinando vale a pena ser aprendido. Se eu não estou disposto a fazer isso, então talvez seja melhor eu mesmo "trabalhar numa loja". Perdoe-me, mas é lá que a sua amiga talvez deva estar, já que tem uma atitude claramente negativa a respeito de lecionar.

Em suma, o problema não é com seus alunos. Talvez alguns não queiram aprender (sempre haverá alguns assim), mas aposto que a maioria está meramente frustrada por não estar aprendendo nada. E gostar ou não, a culpa é sua.

De novo para Rich:

In Brazil most of people don't speak English.
My English was already praised even by native English speaking

people.I've been studying English for ten years.Yes, I took offense in the way you reported it to me. I am not perfect, and in my country 80% of people don't talk in English. I'm always trying to improve and I'm self demanding.If your aim was bothering me, you got it. You could advise me with other words. Language, I MUST tell you, what what I've heard from great English and American teachers, is a mean of communica-tion.I'm not aimed to teach them perfect English or talk, just the main rules. I must also say tyhat I learned English through studying only, which is hard, not only going a broad. I love teaching, yes. I also like my students, and as the old saying, TEACHING IS A WORK FROM THE HEART. So sad to hear that you despise a colleague this way. You didn't have any heart in it.

No Brasil, a maioria das pessoas não fala inglês.

Meu inglês já foi elogiado até por pessoas nativas. Estudo inglês há dez anos. Sim, me ofendi com a maneira que o relatou para mim. Não sou perfeita, e no meu país 80% de pessoas não fala em inglês. Estou sempre tentando melhorar e sou auto-exigente. Se seu objetivo foi me chatear, você o obteve. Poderia me avisar com outras palavras. Língua, PRECISO lhe dizer, ouvi de grandes professores ingleses e americanos, é meio de comunicação. Eu não estou mirada a ensinar-lhes inglês perfeito ou fala, apenas as regras principais. Também preciso dizer que aprendi inglês através dos estudos apenas, que é duro, não apenas ir para o exterior. Sim, eu amo lecionar. Também gosto dos meus alunos, e como diz a velha frase, ENSINAR É UM TRABALHO DO CORAÇÃO. Tão triste saber que você odeia uma colega assim. Você não tem seu coração nisso.

Meu retorno em função da mensagem anterior:

Yes, I can understand why you're hurt but I must say I have to agree totally with Rich Turner's evaluation of your English. So his opinion, while admittedly rather blunt, is quite correct.

Sim, posso entender por que está magoada, mas preciso dizer que concordo totalmente com a avaliação feita por Rich a respeito do seu inglês. Portanto, a opinião dele, que eu concordo é bem direta, está absolutamente correta.

18. Subject: Consulta

O dicionário traduz THIS = este ,esta, ISTO; THAT= aquele, aquela, ESSE, ESSA, ISSO. Pergunto-lhe o seguinte: qual a forma

correta de usá-las?

Os usos de *this* e *that,* e *these* e *those,* comparado com este, esta, isto, esse, essa, isso, aquele, aquela, aquilo, estas, estes, esses, essas, aqueles e aquelas em português são bastante simples. Mas para adquirir confiança acredito que só com muita leitura seria possível. Lembre-se de que atualmente qualquer explicação seria incompleta. Então, mãos à obra. Pessoalmente não entendo por que os usos de *this* e *that* são um problema, apenas precisam ser aprendidos e usados pela prática constante e bastante leitura. Não há atalhos.

Gente, realmente às vezes sinto que os meus leitores acham que possuo poderes sobrenaturais para "ensinar" inglês, que sou capaz de milagres, no mínimo. Ou isto, ou são talvez um pouco preguiçosos às vezes.

Mas, para ajudar, elaborei esta tabela que pode auxiliar no entendimento e aplicabilidade destes pronomes demonstrativos.

	Near (perto/próximo)	Far (longe/distante)
Singular	This	That
Plural	These	Those

This is a good exercise. (near, singular)
That exercise I did yesterday was a little hard. (far, singular)
These words seem confusing. (near, plural)
Those exercises I did last week were easy. (far, plural)

19. Subject: Dúvida

Obrigado por esclarecer de modo tão simples e direto as nossas dúvidas. Sou professor de Inglês em santa Catarina e vamos fazer um trabalho com a música *Your Song* **de** *Elton John.* **A letra é simples, porém tem uma expressão que não entendo bem o significado. São duas frases que não entendo bem a que ele se refere. As frases estão sublinhadas dentro da estrofe.**

If I was a sculptor, but then again no,
Or a man who makes potions in a travelling show (1)
I know it's not much, but it's the best I can do
My gift is my song and this one's for you
I sat on the roof and kicked off the moss
Well a few of the verses, well they've got me quite cross (2)

(1) Ou um homem que prepara poções em uma turnê
(2) me deixam louca da vida

Travelling show é uma turnê na qual antigamente as pessoas de circo, músicos ou atores viajavam pelo país fazendo apresentações. Se já sabe o que venha a ser *show,* e sabe que é *travelling*, fica fácil juntar as duas coisas. *Potions* são poções em português (também não foi tão difícil assim, foi?)

Cross, de acordo com todos os dicionários, significa rabugento, mal-humorado, zangado, bravo, irritado, com raiva (em inglês *angry). Quite cross* portanto é meio p. da vida. O jeito que eu fico muitas vezes quando vejo que os alunos (e professores?) não fazem sua lição de casa.

ATITUDES & SUGESTÕES 7

A eterna procura por atalhos. Procura, ou seja, pró-cura. Para a cura. Claro, simples brincadeira de palavras. Procurando a cura para o inglês. Sou contra esta procura por atalhos, não porque tenha algo contra atalhos, sou muito a favor, desde que existam e que levem a algum lugar. Mas sou da opinião de que para aprender inglês não existem atalhos. Já tentei nos meus livros, desde o início, mostrar esta verdade tão evidente (pelo menos evidente para mim). Em *Como não aprender inglês* disse a mesma coisa "n" vezes, em *Tirando dúvidas de inglês* e em *Como melhorar ainda mais seu inglês* mais um montão, e agora de novo com este livro. Existem dicas, explicações, listas dos mais variados naipes, mas nada pode substituir o investimento de tempo necessário. Claro, alguns podem aprender mais rapidamente, outros menos, mas todas têm que investir seu tempo. Em *Como não aprender inglês* mencionei 1.200 como a quantidade de horas necessárias para atingir o nível desejado. Fui contestado por muitos, mas não altera o fato se são 1.150,400,3.000. O que importa é que não se mede o tempo em meses ou anos.

Freqüentemente encontro-me num bate-papo sobre o aprendizado de inglês e me vejo muitas vezes fazendo uma pergunta aos presentes: Do que se precisa para aprender inglês? As respostas não fogem de dinheiro, uma boa escola, um bom professor, bom material, vontade, etc.

Concordo com todas as respostas, só que coloco a ressalva de que a única coisa, no fundo, no fundo, que se precisa é tempo. O resto vai de embalo. É tão simples a resposta, mas para arrumar tempo nem tanto. E nem tempo é a resposta completa. É estruturar o tempo para dar prioridade ao inglês. É só isso.

O quanto investir vai depender da disposição do estudante, da disponibilidade da pessoa. Vontade, força de vontade, pode ajudar? Claro, desde que seja entendido que esta força de vontade tem de ser investida para simplesmente arrumar o tempo para progredir. Nada mais. Acredito que este livro vai mostrar a verdade disso.

AUTOBIOGRAFIA 5: A CASA MAL ASSOMBRADA

Have you ever been
to a haunted house?
Bet you have!
A place you didn't understand

A place that frightened you
Did you see?
Did you hear?
Did you think?
That you knew what was around the corner
DAVID GRAY, "THE HAUNTED HOUSE"

E a minha vontade de comprar a casa? Depois da viagem com Jack sou obrigado a me perguntar por quê? Para quê? A casa sempre me deu calafrios desde o primeiro momento de que me lembro. As minhas primeiras memórias, algo que é muito importante na formação das pessoas, são de ter sido deixado no meu berço e de ter acordado sozinho. Eu estava de pé, chorando, berrando, todo cagado, mijado e vomitado. Aparentemente tinha passado várias horas assim, enquanto meus pais estavam no *pub (public house* - bar). Deixaram-me porque eu era um ótimo bebê que nunca acordava! Haja medo!

Outra memória primaria é de um frango, George, que estava sendo engordado no quintal para ser comido no Natal seguinte. (Frango nesta época pós-guerra era um luxo. E eu gostava de George. Era quase um amigão.)

Passei muitas horas sozinho e abandonado em casa enquanto meus pais estavam trabalhando ou se divertindo. Os calafrios que sinto duram até hoje, especialmente quando lembro do medo que tinha na casa, medo de ir de um cômodo para outro, ou sala, ou quarto. Medo de subir as escadas sozinho. Medo de alguém subir as escadas e entrar no meu quarto para me pegar. Medo de estar sozinho na casa, especialmente nos quartos de cima. Medo por ter visto um rosto fantasmagórico, branco e brilhando, embaixo das escadas durante a única festa de aniversário que lembro de ter tido.

E o medo, quando eu tinha nove anos, ao cometer a besteira de assistir sozinho um programa de televisão de ficção científica "The Quater-mass Experiment" (BBC, 1953) - em que uma espaçonave volta para Terra com um sobrevivente apenas, que não demora a virar meio homem, meio cacto - e ter de sair da casa sozinho, atravessando o corredor até a porta da frente. Medo, pavor. O tempo todo.

Interessante também foi uma viagem à Inglaterra com Michael Henry e Christian, em 1975. No segundo dia os meninos estavam dormindo no quarto do meio (tinham três quartos) quando, de repente, ouvimos gritos de pavor. Corremos até lá, mas não havia nada, exceto dois meninos muito assustados. Foi neste quarto que o padrasto da minha mãe havia morrido, quando eu tinha uns sete anos de idade. Não quero dizer que havia uma ligação. Mas era um quarto em que ninguém dormia. Não quero exagerar estas emoções, mas eram assim

mesmo.

E eu queria comprar esta casa? Para provar o quê? Provar que meus pais me amavam? Seria um prova de algo assim? Já pensou? Se Deus não tivesse colocado a recusa na cabeça dos meus pais, eu talvez pudesse ter comprado a casa e estar morando lá até hoje, não teria escolhido o Brasil para viver a minha vida, não teria os filhos que tenho e você não estaria lendo estas palavras, pois muito provavelmente não teria aprendido português! (Ou, como um amigo meu dizia: "E se a minha mãe fosse homem eu teria dois pais.")

Hoje percebo que escolhi o Brasil pela sua aceitação de mim como sou. Sem divisões de classe, com um calor humano que não achava na Inglaterra. E hoje aquela casa vale talvez umas setecentos e cinqüenta mil libras. Um milhão e duzentos mil dólares americanos, ou três milhões setecentos e cinqüenta mil reais. Cerca de quinze a vinte casas minhas de hoje.

Mas, pergunto: para quê? Para que ter uma casa que para mim sempre foi mal assombrada? Já imaginou a energia negativa de um lugar desses? E ainda especulo sobre como vivem as pessoas que estão lá hoje?

Creio que existem no fundo duas emoções apenas: medo e amor. Cada vez que estou emaranhado tento parar e me pergunto: O que o amor faria? A resposta normalmente vem.

Continuo nesta viagem sem fim. Uma viagem fascinante... que é tentar descobrir e saber quem sou e o que posso ser.

E ainda há quem pergunte por que escolhi o Brasil. Fui recebido de braços abertos, recebi todo o calor de que o brasileiro é sempre capaz de dar. Não encontrei um sistema de classe que me discriminava, recebi todas as oportunidades que dependiam somente de mim mesmo. Certo é que o Brasil não oferece muita proteção àqueles que se esmoreçam, mas com certeza é um país que sabe receber, recepcionar e acolher as pessoas que aqui chegam.

20. Subject: Ajuda de "teacher" para "teacher"

Preciso ensinar as palavras Sweden e Swedish, mas não posso falar em português na sala. Não me lembro qualquer pessoa famosa deste país, e eu não lembro de qualquer lugar famoso também. Portanto, não tenho idéia de como apresentar estes para meus alunos também. Eles estão no início do curso, logo não posso explicar apenas em inglês sem usar imagens, gestos. Você se lembra de qualquer fato, imagem, lugar ou pessoa deste lugar? Qualquer coisa que posso usar para tornar as coisas claras?

O Google pode ajudar muito. Por exemplo, entrei com "Sweden Photos" e o primeiro site que achei foi http://uk.geocities.com/dlg_ie/sweden.htm

Tem coisas maravilhosas. Talvez você possa fazer a mesma coisa. Ou até melhor: seus alunos poderiam fazer um esforço próprio. O que acha? Não, talvez seja melhor não arriscar. O que acha?

Preciso admitir que a falta de iniciativa de certos professores ou estudantes me deixa pensando sobre como foi a educação escolar deles na juventude. Mais um caso de simplesmente perguntar em vez de entrar em ação e fazer algo por si mesmo. Essa professora parece insistir em fazer o trabalho para os alunos. Lastimável. Acho interessante o assunto da mensagem. Este é o conceito dela de *teacher*? O que ela pensa que está ensinando? Talvez eu precise pegar leve: alguém conhece quem nunca ouviu falar do Google? Mas existe também algo chamado "Atlas". E outros livros...

21. Subject: Poderiam me ajudar?

Fiquei em dúvida quanto à preposição usada depois de "hear"... quando devo usar From / Of / About?

1) Primeiro, o mais fácil: *hear from. Hear from* é saber de, receber notícias de alguém. *I heard from him* (Eu recebi notícias dele). *I haven't heard from John for along time. I wonder if he's allright.* (Faz tempo que não recebo notícias de John. Espero que ele esteja bem.)

2) *Hear of* é também saber de, no sentido de ficar sabendo a respeito de algo.

a) *Have you heard of Michael Jacobs? They say he's a great writer* (Você já ouviu falar de Michael Jacobs? Dizem que ele é um escritor maravilhoso).

b) *Yes, of course I've heard of Michael Jacobs* (Sim, claro que já ouvi sobre Michael Jacobs).

3) *Hear about* é saber/ficar sabendo a respeito de algo que acontece. Muito similar *a hear of. Have you heard about Michael's latest book?*

They say it's very good. (Você soube a respeito do último livro de Michael? Dizem que é muito bom.)

Tenho certeza de que os livros, inclusive os de *phrasal verbs*, conseguem explicaras sutilezas de uso muito melhor que eu. Bem, tendo escrito isso, percebo que não devo me menosprezar tanto assim. Pode até ser que consiga explicar tão bem quanto. O que eu queria dizer é que as explicações já existem, feitas normalmente por profissionais competentes, e ficar aqui fazendo a mesma coisa seria, mais uma vez, chover no molhado. Também a leitura regular em inglês proporciona todos os sentidos, sem precisar entrar nas explicações específicas de cada caso.

Afinal, esperar que alguém explique tudo é, no mínimo, uma atitude limitada. Os estudantes de línguas que não costumam dedicar-se à leitura perdem muito do aprendizado. E a leitura é mais fácil do que ficar fazendo perguntas. Pelo menos eu acho que a pessoa aprende mais (embora pareça que a maioria não concorda comigo).

22. Subject: Congratulation!!!

Gostaria de aproveitar o ensejo para pedir-lher que me esclareça a seguinte dúvida:

Quando é obrigatório o uso dapartícula "that" no meio de frases e orações. E quando se deve omitir o uso da mesma. Como nos exemplos abaixo. Por favor, explique me regras e exceções.

Ex: Theman I saw at the bank was a thief.
The man that I met yesterday is here.

Observação: Os exemplos citados foram tirados do livro: *Compact English Book* de Wilson Liberato, pela editora FDT.

Quanto ao uso de *that* nos seus exemplos, eu diria que *The man that I met yesterday is here* pode sertambém *The man who(m) I met yesterday is here*, além de *The man I met yesterday is here*. Em primeiro lugar, se pode omitir *that*, acho melhor fazer justamente isso. A omissão de *that* é mais

comum em inglês informal, mas eu a omito sempre que a gramática permite. E agora você deve estar se perguntando: "E quando a gramática permite e posso omitir?", não é?

Bem, o assunto é bastante extenso. No meu *Practical English Usage* de Michael Swan (OUP) são dedicadas várias páginas ao assunto e realmente sugiro que você *hit the books* (Não é bater nos livros, apenas quer dizer "estudar"). Em linhas gerais, além do uso informal, e referindo-me ao seu exemplo, trata-se da omissão de pronomes de objetos. Outros casos são após verbos que relatam situações: *Michael said (that) he was feeling great. I thought (that) you said you were on vacation.*

Após adjetivos: *I'm glad (that) you are here. We weren't surprised (that) she didn't pass the exam.* Como conjunção: *Assuming (that) no one gets lost we shall leave at six.*

Como sempre recomendo, estes detalhes são também mais facilmente compreendidos quando o estudante se dedica à leitura etc., assim aprendendo as formas de maneira natural, além do estudo regular como complemento.

Gozado. Fico falando a mesma coisa, mas parece que a minha voz não encontra muito eco, pois os estudantes, ou principalmente os alunos, são ávidos por encontrar regras para definir tudo. Nunca procurei regras para aprender português, e tinha um certo desinteresse no assunto (Bem, isso pode ser às vezes evidente quando são encontrados os erros que cometo em português). Aliás, não é que tinha desinteresse. É que não entendia tantas regras, e sempre tive a impressão de que, se eu aprendesse elas, teria depois de aprender novamente como usá-las e colocá-las na prática. A meu ver economizei mais ou menos metade do trabalho.

E já que economizei tanto trabalho, vamos compensar. No intuito de "ajudar" (acho), bolei as seguintes frases usando *that,* que o meu dicionário *That—In relative clauses, pronouns, relative pronouns and adjectives* informa:

That that that we are talking about isn't that that.

That that is the one that we use as a relative pronoun.

The other that that is used is that that that can be an adjective.

That that that we are referring to isn't that that.

That that that we call a pronoun is that that that we need.

Chega de brincadeiras! Senão fico louco. E você?

23. Subject: Tradução

Estou fazendo uma tradução a respeito de jogos e existem alguns termos que não consegui encontrar em dicionários. Gostaria de obter sua ajuda:

- ***Universo lúdico*** **(das crianças)**
- ***Brincadeiras*** **(como em jogos, brinquedos e brincadeiras)**
- ***Órgão cientffico-cultural*** **(ligado ao Governo Federal)**
- ***Resgatar*** **(a cultura de um povo)**
- ***Chefe de delegação*** **(ligado a um Órgão do Governo)**
- ***Brincadeira libidinosa***
- ***Morrer de sarampo***

Agradeço desde já a sua valiosa ajuda.

Trato da palavra "lúdico" em *Tirando dúvidas de inglês.* Eu diria *Play universe* ou *playland/Games/Scientific and Cultural organ. Retrieve/redeem/recover* seriam algumas opções. *Head of a/the delegation. Libidinous, lustful, lusty, lewd, lascivious, dissolute, sensual* e *voluptuous* são todos adjetivos bons para *libidinoso* e podem ser encontrados até nos dicionários menores. Simplesmente adicione "game" após sua escolha.

Pessoalmente, ao fazer traduções, não posso ficar sem o uso dos meus dicionários. Talvez esteja na hora de você investir e adquirir um melhor, ou dois, ou...?.

Até eu estou ficando cansado de repetir a mesma recomendação, mas fazer o quê?

24. Subject: Opinião sobre seu livro

Estou lendo seu livro *Como não aprender Inglês* e está sendo uma pérola, algumas dúvidas que eu carregava a muito tempo estão

ficando solucionadas com suas explicações em Português, principalmente com a "pitada de humor". Gostaria de sua opinião sobre o aprendizado através Cursos Interativos em Computador, são programas que abordam vocabulário, com reconhecimento de pronuncia, gramática e vários exercícios, sempre simulando situações do cotidiano.

Sempre fui partidário da idéia de que qualquer coisa com a qual o estudante se sinta à vontade é útil para o aprendizado, incluindo a mais avançada tecnologia; desde que acrescente algo.

Acho interessante esta busca por opiniões alheias quanto o que é bom para cada um. Quando aprendi, ou melhor, quando comecei a tentar aprender português, usava a minha boca para fazer perguntas, um pequeno dicionário de bolsa (Collins Gem, um clássico) para checaras respostas e entender os jornais e outros meios de leitura. Não custava muito também (exceto em suor e lágrimas). Mesmo com todos os avanços tecnológicos não perce-bo - ainda? - uma melhoria no aprendizado de inglês. Por melhoria estou falando do tempo de aprendizado, a eficácia, a qualidade. Mas, que o pessoal de ensino está lucrando bastante... não tenho dúvidas. É como a propaganda que recebo via Spam para emagrecer enquanto dormimos. Já pensou? Se juntar os programas para aprender inglês enquanto dormimos com o de emagrecer, tudo vai ficar chuchu beleza, não é, Raul?

Logo, só vai faltar inventar um programa para dormir enquanto estamos estudando!

ATITUDES & SUGESTÕES 8
A TECNOLOGIA A SERVIÇO DO APRENDIZADO DE INGLÊS

Dando prosseguimento ao último e-mail, me ocorre que um dos usos da tecnologia para ajudar no inglês seria os iPods, MP3, MP4 etc. Vejo muitas pessoas andando de ônibus, e às vezes escuto o som de uma musiquinha escapando pelos fones de ouvido. Presumo que não sou a primeira pessoa a pensar nisso, mas pode ser um bom momento para investir o tempo no aprendizado de inglês também. Pelo menos o tempo de viagem seria bem aproveitado, não acha?

---

25. Subject: Nascer, em Inglês

Novamente chego a sua presença para uma consulta. Lendo o segundo volume de sua obra "Como não..." encontrei na folha 220, no Tópico 'Grammar', item To be born (nascer), duas possibilidades para tal verbo em Português: To be born e To give birth.

Até aí, tudo bem. Ocorre que estou traduzindo trechos do livro *The Greek Myths*, volume 1 (London MCMXCVI - The Folio Society), para servir de base a uma conferência, e encontrei a *expressão:"Rhea was enraged. She bore Zeus, her thrid son..."*. Neste caso, em específico, o passado do verbo To bear (bore, borne) não está empregado com a conotação de "dar à luz" ou "parir"? Muito grato por quaisquer esclarecimentos que, porventura, eu seja digno de receber.

Acho que uma colocação interessante aqui é lembrar que o verbo *to bear (bore; borne)*, como na frase *The woman bore many children* (a mulher deu à luz muitos filhos) depende de quem está fazendo a ação. Neste caso é a mulher, a mãe. *To be born* aplica-se à pessoa nascendo. De fato, como mencionou, *to bear a child* é, em português, dará luz; ter um filho, parir. Também interessante é lembrar que as mulheres (e os seus médicos) *deliver babies.* O ato de parir é também chamado *delivery.* Os estudantes acham o maior barato quando descobrem isso. Comparam bebês com pizzas.

26. Subject: Se me permite

Se me permite, vou abusar de sua paciência e de sua sapiência. Ouvi, ontem, assistindo o debate dos candidatos democratas à Presidência dos Estados Unidos, três deles, se não me engano Dick Gephardt, John Kerry e J.Edwards, ao reponderem à pergunta "O que farão na Presiência, etc", dizerem alto e bom som: *"When I am President..."*, ou seja, empregaram o <u>presente</u> do verbo to be em conotação de <u>futuro.</u> Esta colocação, acredito que correta coloquialmente, pode ser utilizada quando?

When I am president = "Quando eu for presidente", para não deixar

margem de dúvida que ele, o candidato, será de fato eleito. Já que *When I will be president* não é permitido pela gramática, usa-se *simple present* com intenção de futuro. Isto não é uso coloquial. É corretíssimo.

O assunto é abordado na maioria dos livros de gramática, ou seja, *Present Tenses for the future - Present Simple* com sentido de futuro. Usamos o *present simple* quando falamos sobre *itineraries*, programas, etc.

What time does the film begin? E para planos já acertados -*1 start my new job on Monday.*

Consultarei as sugestões, além de outras publicações. Mas, como é hábito do ser humano, perguntar fica mais fácil...

Esse e-mail e o anterior são do memo lector. Em comentários? Lou com? Calve EE aqua tenia revel ado Algol para Jim, que até então EC apenas suspeitava. Além de comprar os livros, dicionários, etc. precisa também achar a energia de pegar da prateleira e ainda achar o verbete, que por sua vez envolve a tarefa herculiana de... abrir o volume até a página certa. (Minha nossa! Como a vida é difícil!). Para não ser indelicado com o leitor, não escrevi esta última parte. Claro, lembra o objetivo deste livro, "Coisas que eu queria ter dito, mas não disse"?

27. Subject: Question

Como posso dizer biomedico e enfermeira obstetra em inglês? Sabe, tenho estas alunas que querem saber suas profissões em inglês.

Não vou negar as respostas, mas antes de entrar no assunto preciso dizer que sempre sinto que alunos devem tomar a iniciativa e fazer pelo menos um pouco por si mesmos a respeito do seu trabalho e como ganham a vida. É tão fácil sentar nas suas ****** (sabe?) e perguntar ao professor. Não sabem usar um dicionário? Não sabem fazer uma pesquisa pela Internet? Em revistas, periódicos e literatura publicada da profissão escolhida? Quero dizer, elas são as pessoas que devem estar fazendo o trabalho se tiverem interesse em aprender e não ser tão acomodadas. Lamento se pareço ser grosso mas este tipo de atitude realmente me deixa... você sabe o quê! Elas sempre acharão difícil fazer algo das suas

carreiras e vidas se não tiverem nem o interesse de verificar as suas próprias profissões. Dá licença!

Bem, tendo descarregado a minha ira, preciso dizer que nem sei ao certo o que um "biomédico" faz. É uma profissão?

Quanto à "enfermeira obstetra", não acho que damos nomes às especialidades de enfermeiras. Basta *nurse.* Se quiserem inventar coisas, suponho que pode dizer *surgical nurse* ou até *obstetrics nurse. Midwife* é um termo comum (Parteira).

Pensando de novo, talvez seja por este motivo que não acham os nomes dos seus empregos. Achando que não existem em inglês posso arriscar que nem em português existem? Claro que posso estar redondamente enganado aqui. Freqüentemente estou.

28. Subject: Thank you very much

Quando começo uma frase com o verbo, devo usar to? Por exemplo: Tell me the advantages Ag being the oldest child: ( ) Walk alone on the street ( ) To walk alone on the street or () Walking alone on the street? Onde podemos achar nos dicionários as definições de um verbo com to? Por exemplo: break up = to finish...

O uso ou não do particle "to" antes do verbo é realmente bem complexo. (Bem, se não for complexo é pelo menos extensivo). Complexo (ou longo) demais para explicar aqui, e de qualquer jeito para que serviria? Muitos autores melhores que eu já fizeram isso. Para dar um exemplo, acabei de abrir meu *Cambridge International Dictionary of English* que fornece nada menos que dezessete usos diferentes de "to".

Estou boiando um pouco com o que você quer das três frases. Se for para dar uma seqüência à primeira *Tell me the advantages of being the oldest child*, então a terceira faz mais sentido, mas todas vão depender do contexto. Separadamente fica difícil dizer.

Este tipo de dúvida ficará mais clara à medida que você se tornar mais familiarizado com a língua por meio da leitura e do uso. Simplesmente lembre-se de que não há atalhos e que seu progresso vai depender do esforço que faz. Sei que esta provavelmente não é o tipo de resposta que estava procurando, mas peço-lhe que se coloque em meu lugar por um instante. Se eu tentar atendê-lo, inevitavelmente acabarei lhe

decepcionando por ser uma explicação menos que completa, e já está tudo nos livros. Estaria tentando inventar a roda novamente, não estaria?

Esta carta é típica daquilo que vejo como uma certa preguiça mental de fazer o trabalho. Se ela lesse mais, a dúvida referente ao uso de "to" nem viria à tona, tenho certeza. Mas não, como fazem tantos alunos, estudantes e professores, parece mais fácil simplesmente fazer uma pergunta e esperar a resposta vir. E vamos admitir uma coisa muito importante: é mais fácil mesmo!

Só que... será que se aprende algo, e bem? Para mim, ler, além de ser um prazer enorme, faz com que eu aprenda. E não é uma das razões de estarmos aqui? Precisamos realmente entender os motivos atrás das perguntas. É por preguiça ou não sabemos realmente encontrar as respostas? Acho que compete a cada um fazer esta pergunta, sempre.

29. Subject: Hard and Difficult (desde já)

Já comprei 'Como não aprender..' e 'Tirando dúvidas..', dois livros excelentes; mas não terminei nenhum. Estou lendo os dois. Portanto, me perdoa se você já falou sobre estas minhas duas questões. Quando eu emprego "hard" e o "difficult"? sendo que os dois 'parecem' ter a mesma tradução, e onde eu devo empregar estas palavras? E há uma expressão em ingles como "Ele quer falar difícil" (quer se aparecer)? E por favor traduz tudo que eu escrevi em Português, pois dá para ver que preciso e tenho que melhorar meu inglês!

Hard e *difficult* são quase sinônimos perfeitos quando querem dizer *difícil.* Mas *hard* também pode significar coisas como duro, sólido, firme, rígido, compacto, injusto, mau, além de um montão de outros usos como prefixo e adjetivos compostos.

Realmente eu sugeriria um bom dicionário que pudesse ajudá-lo bastante quando tivesse esse tipo de dúvida. A leitura também é ótima alternativa para adquirir vocabulário novo. Às vezes você pode também aprender vários sentidos de palavras diferentes. De fato, é o que acontece na maioria das vezes quando o estudante começa a tentar e a fazer um esforço por conta própria. Você me pede para mostrar onde empregar estas

palavras. Penso que uma lista seria sem-fim e ainda pergunto em que isso poderia te beneficiar. Pensa um pouco. Eu diria que *Ele quer falar difícil* pode ser *He tries to sound sophisticated* ou *He's putting it on. He speaks all stuck up* é outra boa opção.

Nesta parte que segue, acabei me esticando bastante, tanto que acho que ela merece um título vou chamá-la de

Sotaques

Talvez caiba aqui um comentário. Depois que embarquei rumo ao Brasil demorei quase dois anos para voltar à Inglaterra. Quando cheguei lá meus pais imediatamente notaram que meu sotaque bem londrino havia se alterado. Comunicaram isto dizendo: *You're talking posh.* (Você está falando tudo sofisticado). Percebi só aí que o meu sotaque havia de fato se modificado bastante nos dois anos. Ainda bem, pois estranhei a maneira deles falarem, muito *common* para meu novo gosto adquirido de "esnobe".

Tudo isso aconteceu por dois motivos, eu diria de valor igual: primeiro, eu não gostava do meu sotaque de classe operária de Londres, segundo, estava me relacionando com pessoas com vários sotaques de inglês ao redor do mundo, e o meu estava se tornando neutro, talvez para disfarçar minhas origens.

Se eu quiser agora mesmo entrar fundo neste assunto, terei material para mais dois livros, mas fique tranqüilo, vou poupá-lo.

Esta última parte me fez lembrar também uma questão de sotaques que o brasileiro cita tantas vezes para explicar a sua falta de compreensão do inglês falado, ou seja, o sotaque do Texas, Estados Unidos.

Conta-se sempre a história mais ou menos assim: um texano veio para o Brasil mas, ao abrir a boca, ninguém conseguia entender o que ele dizia, de tão forte que era o sotaque. Geralmente este é seguido por uma imitação do texano falando. E é gozado, pois a imitação é sempre a mesma! Não sei reproduzi-la aqui por escrito, mas você com certeza já ouviu o mesmo papo e sabe do que estou falando. Eu disse que não sei, mas vou tentar: nhemnhem nhemnhem. Nunca entendi muito bem por que o texano tem essa fama. Todas as pessoas que já ouvi do Texas falam relativamente clara e pausadamente, incluindo George Bush, pai e filho. Concordo que o filho às vezes se atrapalha ao falar, mas isso não vem ao caso. Não estamos falando da sua precisão gramatical e de sintaxe.

Semana passada escutei de uma pessoa a afirmação de que o inglês americano e o inglês britânico são tão diferentes entre si quanto o português do Brasil e de Portugal, querendo dizer com isso que são praticamente duas línguas distintas, com diferenças gritantes que impedem a boa comunicação.

Sendo alguém com a sorte de ter a língua inglesa como língua nativa quero aproveitar essa oportunidade para comentar sobre isso, à luz da minha experiência, morando no Brasil desde 1967.

Em primeiro lugar, minha tendência é concordar com o fato das muitas diferenças existentes entre o português falado entre os dois continentes. Pessoalmente tenho uma baita dificuldade de entender o português de Portugal nas poucas oportunidades que tenho para ouvi-lo. Eéaí que reside o xis da questão. As oportunidades são poucas, muito poucas para ouvi-lo. Não tendo esta oportunidade freqüentemente, quando de fato ouço me parece uma língua muita estranha, nada parecida com o português que conheço e amo. Claro, se eu escutasse com mais freqüência e por mais tempo, meu ouvido poderia se acostumar e deixaria de ser estranho. Mas isso não ocorre. Falta-me oportunidade. Porém, não ser brasileiro pode ser a explicação total ou parcial para esse fenômeno? Deixo a seu critério responder a essa pergunta, mas posso adiantar que certos brasileiros já me confidenciaram que têm a mesma dificuldade.

E agora, o que tenho a dizer do inglês? Simplesmente não ocorre essa dificuldade entre falantes nativos não importando a sua origem, quer seja Inglaterra, Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia e Canadá para mencionar alguns poucos países. Mas agora posso ouvir você gritando; e a Jamaica? Países da África? E a índia? Ai sim, preciso concordar, como eu concordaria também se falasse a respeito de certas regiões da Escócia, da Irlanda, do País de Gales etc. E até da minha própria Inglaterra! Há muitos lugares onde o inglês não se conforma ao padrão comum. Mas esses lugares, me perdoem os povos que são minoria, não são muito expressivos em termos numéricos e servem mais para confirmar o que estou dizendo. Que o inglês, embora com as suas variações normais e naturais de um país para outro, e de uma região para outra, é perfeitamente entendido entre os nativos. Estes podem identificar as origens de cada sotaque e maneira de falar, se quiserem, e se dão a esse trabalho. Mas sob circunstâncias normais nem comentariam e menos ainda estranhariam. Sabe por quê? Porque são acostumados a ouvir inglês de muitos lugares, aliás, do mundo inteiro, através de vários veículos, principalmente, claro, a televisão. Mas ainda há o cinema, revistas, jornais e livros, tudo nas áreas diversas de esportes, entretenimento, cultura e música. A lista é longa e há entre esses países um intercâmbio constante em todas as áreas, a científica, por exemplo; e não

podemos esquecer a Internet.

Pessoalmente não vejo um intercâmbio cultural muito intenso entre Brasil e Portugal, e se há, creio que ocorre mais no sentido Brasil-Portugal do que ao contrário. A nossa televisão não exporta novelas, por exemplo?

Sim, é lógico que há um sotaque regional, como há de Nova York, Colorado e Tennessee, e também Londres, Glasgow e Birmingham, mas estes lugares não são citados. Só Texas. Sugiro que tente assistir certos filmes ingleses, do tipo "Trainspotting", para ver se entende algo representativo. Mas não, sempre sobra para o Texas. Não concordo, e vou citar um caso para explicar.

Aproximando-se do fim do século passado, fui contratado para um trabalho de intérprete em reuniões entre executivos brasileiros, um inglês e um americano, para tratar sobre o assunto Y2K.

No último dia dos trabalhos, o inglês fez a sua apresentação final seguido pelo americano de Nova York. Foi consenso geral após a reunião que o inglês do súdito de sua Majestade era muito mais claro e do novaior-quino, difícil, compovando o que todo mundo dizia a respeito, e provando que Michael não está com nada!

Aconteceu que, enquanto o inglês tinha muita experiência ao lidar com estrangeiros nos seus países e falava outras duas línguas, ele tentou simplificar a sua linguagem, falando pausadamente sem vocabulário sofisticado ao extremo. O americano por sua vez, falava como se estivesse numa reunião com outros americanos no seu próprio país. (Desnecessário dizer que ele não falava outro idioma?) Resultado? Claro, após a reunião ouvi os comentários, de sempre, não sobre o Texas, desta vez, mas sobre os americanos. Eu, se pudesse, iria preferir citar um exemplo que provasse meu ponto de vista, mas não tenho. O que esta história prova para mim é que independe da origem da pessoa, o que influencia nas suas habilidades de comunicação não é sua origem geográfica, mas sim, muito mais, a sua origem cultural.

30. Subject: Hello Michael!

Um aluno me perguntou o significado da letra T para a palavra T-shirt. Pensei a respeito doformato, mas não imaginei que um aluno poderia fazer esta pergunta, já que é uma pergunta tão boba. Disse lhe que eu pesquisaria. O que você acha quando os alunos pensam que somos dicionários vivos e fazem perguntas sobre tudo? Devemos explicar para eles que eles deveriam fazer um pouco de pesquisa, talvez?

Presumo que a letra "T" de T-shirt em uma camiseta representa a forma quando estiver aberta ou esticada. Engraçado, você disse que é uma pergunta boba mas concordou em pesquisar para achar a resposta para seu aluno. Por que será?

Acho que tenho deixado bem claro nos meus livros e no meu trabalho como me sinto a respeito dos alunos que não fazem seu trabalho, que não investem o tempo ou fazem o esforço para melhorar seu inglês, usando seus professores para pensar por eles. Mal progridem até que acordam e enxergam a realidade.

Este é um exemplo clássico de como não ajudar um aluno. Tenho a impressão que à professora faltou coragem, pois assumiu uma postura pela metade. Sinto que foi bastante incoerente. Questionou se devia pedir ao aluno a pesquisa, mas acabou escrevendo para mim. E presumo que vai entregar a minha resposta ao aluno. Pena!

31. Subject: ?????

Ola, michael! Sou eu de novo! Digo isso porque nem dei um tempo p/ vc respirar e ja estou cutucando voce mais uma vez.

La vai mais uma pergunta que pode ser ridicula, mas nao encontro nenhum brasileiro por estas bandas p/ me" iluminar", entao, sobrou p/ voce.

Nao consigo achar "creme de leite" por aqui, na verdade, estou comecando a achar que nao existe. Nao da p/ explicar p/ americano como e o gosto e a textura de queijo Catupiry (que as vezes da ate p/ ser substituido por Cheddar, ou um que se chama "Valvetta", dependendo-se do que se quer), ate porque Catupiry e uma marca, e nao um tipo de queijo, mas da p/ quebrar o galho. Ja tentei alguns queijos praticamente sem gosto, tentando encontrar algum que se assemelhe ao nosso requeijao, mas esta dificil, a maioria parece ser pastoso ao inves de cremoso. Sei que o que estou querendo de voce mais se parece com dica de culinaria, mas estou apelando p/ a unica pessoa que talvez possa me ajudar nesse momento, pois as demais pessoas que convivam

nunca estiveram no Brasil, ou as que me comunico por e-mail nunca vieram aos Estados Unidos. Tomara que vc me" ilumine" mais uma vez, mesmo se for p/ dizer que o que procuro nao existe.

É interessante observar como os brasileiros acham que deve ter equivalentes à comida nacional em outro país. Na Inglaterra, gostava de um tal de *Evaporated Milk*, da marca Carnation, mas nunca o vi no Brasil, e também nunca estranhei o fato. Pode ser que esteja errado - já que tantas vezes estou mesmo -, mas nunca vi Leite Evaporado da marca Cravo nos supermercados brasileiros. Mas devo dizer também que nunca procurei. Será que meu paladar está ficando mais adulto?

O nosso querido pão de queijo é outro exemplo: no exterior *cheese-bread* não é exatamente a mesma coisa, mas há brasileiro, considerando que os americanos não sabem o que estão perdendo, que resolve abrir uma loja para vender o produto, e não consegue entender por que os americanos são tão míopes e não abraçam este quitute com fervor. (A propósito, já recebi e-mails de leitores querendo saber como se chama Feijoada em inglês. Pode?) Requeijão, Catupiry e mais uma vasta gama de produtos de laticínios são tipicamente brasileiros devido à cultura do país, costumes, tradições, qualidade de leite, gosto, etc. O mesmo se aplica aos produtos de outros países, claro. Há também leitores querendo saber como se chama queijo prato em inglês. Ora, se não encontra nos países onde estão, acho que é bem provável que não exista. E posso acrescentar, ainda bem! Já pensou, ter a mesma comida e variedades no mundo todo? Que horror! Que monotonia.

Mas, se quiser mesmo uma tradução de algo que não existe em outro idioma, eu diria: Queijo prato = *A dairy product looking like cheese but with little or no taste used in most places in Brazil.*

Café é outro exemplo. O cafezinho brasileiro é bem diferente do café normalmente tomado nos Estados Unidos, que por sua vez é diferente do café da Inglaterra. No entanto, todos recebem o nome de *coffee*. Não vejo isso como uma dica de culinária. Ao contrário, trata-se de questões e até de preconceitos culturais interessantes.

32. Subject: Tira dúvidas

A pergunta é para traduzir corretamente as frases abaixo: Madonna e Kate são uma das maiores estrelas de cinema dos Estados Unidos e Kelly é uma grande artista também (1)* Você está bem? (2) Quantas redes de televisão tem o Brasil? (3) Eu vi essa notícia na reportagem da TV (4) Como seria a tradução mais correta da frase abaixo: I apologize for talking so long to answer (5) Já terminou a minha etapa de dúvidas, pois essas explicações me auxiliou muitíssimo. Entrarei em contato num futuro próximo.

Ainda bem que esta etapa está no fim, pois me sinto às vezes como uma daquelas máquinas que você entra com a palavra, aperta um botão e a resposta saia na hora. Indolor, rápido, eficiente, mas que não ajuda o estudante em nada. Nem ao menos você tentou fazer a sua parte, pois gosto de ajudar quando percebo que o leitor mostra boa vontade. Mas não querendo ser chato, e responder é mais rápido para mim do que ficar pregando sermão, aqui vai.

(1) *Madonna and Kate* are two *of the best film stars in America and Kelly is also a great artist.* (2) Será que nunca ouviu esta frase em um filme? Que tal *Are you OK? Are you all right?* (3) *How many TV channels does Brazil have?* (4) *I saw this news on TV.* (5) Peço desculpas pela demora em responder.

E foi. E fui. Deletei muitas das perguntas da leitora, deixando apenas algumas como exemplos para mostrar o porquê do meu mau humor. Este número (5) seria assim se fosse *taking*, mas se for mesmo *talking* muda de figura. Aliás, pela extensão e volume das perguntas, bem que *talking so long* tem sentido mesmo.

33. Subject: Mexer

Como digo estas coisas em inglês?

1 - Eu não quero que você mexa nas minhas coisas.

2 - Por favor se você mexer nas minhas gavetas, eu...

3 - Já lhe disse que eu não quero que você mexa no meu computador.

4 - Não mexa comigo, porque eu não estou legal hoje.

5 - Quem mexeu nos meus livros?

Aqui vai:
1. *I don't want you to mess around with my stuff.*
2. *Don't go through my drawers please. If you do I'll...*
3. *I've already told you I don't want you touching my computer.*
4. *Get off my back/case. I'm not in a good mood today.*
5. *Who has been moving my books?*

Estes são apenas alguns exemplos de como dizer aquilo que pediu. Naturalmente, uma vez que começa a ler mais, ouvir os diálogos nos filmes e músicas, de estudar mais, de começar a fazer um pouco de esforço (e ler meus livros) obviamente vai encontrar cada vez mais maneiras de se expressar, pois deve haver centenas de maneiras de dizer as mesmas coisas, e aí você vai incorporá-las naturalmente no seu vocabulário ativo.

Fico meio bobo com esse tipo de pergunta. É como se o leitor pensasse haver só uma maneira de se expressar. Ao me fornecer cinco amostras usando a palavra "mexer" e ao responder, vejo-me perguntando se isso realmente vai ao encontro do que estou tentando fazer. Será que ajuda mesmo? Por exemplo, é perfeitamente possível que o leitor verá no futuro outras opções, tais como (para o número um: eu não quero que você mexa nas minhas coisas):

Keep your hands off (of) my stuff.
Keep your hands to yourself.
I don't want you touching my things.
Keep away from my things.
I don't want you messing around with my stuff.
Get outta there!
Stop it!
Stop that!
Get your filthy mitts off my stuff.

Tudo vai depender também de quem são de fato "as coisas", o que abre dezenas, se não centenas, de outras possibilidades. Também se for dito com calma, com irritação, de uma maneira amigável ou hostil. E o estudante corre um

risco, um grande risco aliás, de achar que só porque foi o Michael Jacobs que forneceu a resposta, que esta é sagrada e imutável, não permitindo outras variações. Então questiono o que minha resposta a este tipo de coisa acrescenta. E é muito comum receber coisas assim. Eu só posso pensar: Será que o leitor que fez a pergunta parou para pensar sobre as possibilidades de dizer a mesma coisa em português? E aí, onde fica?

AUTOBIOGRAFIA 6: CLASSE OPERÁRIA

I'm just a poor boy and nobody loves me
(He's just a poor boy from a poor family)
QUEEN, "BOHEMIAN RHAPSODY"

Juro que não estou escrevendo tudo isso sob a manta da autopiedade. Tudo aqui são simplesmente os fatos.

Bem, como já disse, nasci em plena Segunda Guerra Mundial, em uma família de classe operária. Uma das minhas primeiras lembranças é acompanhar minha mãe ao trabalho dela. Era faxineira em casas de grã-finos. As casas, tão bonitas e muito maiores do que a minha, me impressionavam. Meu pai era almoxarife numa fábrica de peças. Sempre chegava em casa com cheiro de graxa e aço. Aposentou-se na função. Minha mãe chegou à supervisora de contas a pagar (ou a receber, nem lembro bem) numa grande multinacional norte-americana fabricante de pneus.

Hoje, o sistema de classes na Inglaterra é mais ameno do que antigamente, quando não importava o quanto você tivesse de fortuna, sua classe social permanecia a mesma (e olha que eu já não tinha nenhuma fortuna na família).

Então vejo hoje que este foi um dos motivos mais fortes que me impulsionaram para fora da minha terra, rumo ao novo mundo, pois isso representava romper com a passividade que tanto condeno até hoje.

Escapar das limitações impostas pelo sistema de classes. E o Brasil me acolheu com todo o calor e a hospitalidade que lhe são peculiares. Nunca me arrependi da minha escolha (exceto talvez naquele primeiro dia sozinho na cidade de Santos), vendo a nave-mãe sumir no horizonte.

Toco neste assunto nas minhas palestras e sinto que hoje é a minha maneira de dizer *Thank you Brazil and all you Brazilians, for everything.*

ATITUDES & SUGESTÕES 9

Vamos falar um pouco sobre a qualidade do inglês ensinado. Ao começar a

"ensinar" inglês em 1989 (coloco a palavra ensinar entre aspas, pois questiono se até hoje ensino inglês, se *sei* ensinar inglês, pois vejo que o que faço mais é orientar meu aluno, meu estudante, meu leitor), com certeza não poderia imaginar para onde esta mudança de carreira, esta nova etapa da minha vida, iria me levar. Após ter trabalhado por 22 anos como engenheiro em quatro multinacionais de porte, e uma nacional de ar-condicionado, parti para novos rumos. Comecei numa escola chamada Unique. Excelente escola, de boa reputação, com clientes de nome e peso. Lá comecei a aprender, à custa dos alunos. Coitados. Mas perseverei com o ofício e talvez o mais importante, a escola perseverou comigo. Calculo que de lá para cá devo ter dado umas 13 mil horas-aula, entre outras escolas e aulas particulares. Serei eternamente grato pela confiança depositada em mim (e por terem me aturado).

Ali aconteceu, e ainda acontece, um fato interessante. De tanto zelar pela qualidade, o nível de inglês ensinado é dos mais altos. Metade dos professores é nativo da língua inglesa e os outros de um alto nível e competência. Se se escuta alguns erros no inglês dos professores brasileiros, não passavam de um lapso ocasional de uma preposição ou outra, ou de uma frase de baixa freqüência. Certamente nada que comprometesse uma aula.

Lembro de uma vez ter corrigido uma professora excelente, quando ela disse: "*That rings the bell"*. Esta expressão, literalmente "Aquilo faz soar o sino" é comum para dizer que algo faz você lembrar de uma coisa, um evento, uma memória distante. Só que a frase é de fato *That rings a bell* (Aquilo faz um sino soar). Ela ficou furiosa comigo, e com toda razão, não pela correção, mas porque fiz na frente do aluno dela. Mais uma que aprendi. Aliás, já sabia, mas a bronca serviu para reforçar.

Além do corpo docente ter um ótimo nível de inglês, era composto de profissionais de carreira, de executivos e outras pessoas do mundo de negócios, de pessoas com excelentes qualificações acadêmicas, a maioria com ótimas credenciais de ensino. E de muita experiência.

34. Subject: Doubts

Poderia me enviar o equivalente em inglês por "Curso Superior de Letras"?

Eu também nunca sabia, e sempre enrolei a pessoa que fazia a pergunta, fingia um ataque de tosse, ou algo similar, tanto que a primeira vez que conheci Prof. Dr. John Milton da USP fiz a mesma pergunta. Ele

me disse que ele usa *Letters* por "Letras", e se for bom o suficiente para John com certeza é para mim.

35. Subject: Dúvidas de um leitor

Um dos pontos em que eu mais tenho dificuldade e a pronuncia de verbos no passado. Em alguns verbos como injured (in-jad) ocorre a pronuncia de 'ad' no final da palavra, mas para outros como o missed (mist) ha a pronuncia de 'st'. Existe alguma regra ou condicao para pronunciacao de verbos no passado?

Lembro-me de ter visto uma vez um trabalho que explicava as pronúncias das finalizações dos verbos regulares. Se isso pode ser chamado de "regras", não sei, apenas lembro que era muito complicado. É obvio, diferentemente de português, pois não existem regras sobre pronúncia de inglês, apenas uso e costumes. O uso é que determina. Acho que prestando atenção às falas, filmes e músicas você vai ganhar mais, incluindo tempo, e deve ser muito mais interessante do que a utilização e decoreba de um montão de convenções e exercícios. A minha pergunta é bem simples: o que impede você de ouvir o inglês falado naturalmente e imitar o som? Alguns exemplos:

Asked/Talked - som de "t"
Loved/Paid/Earned/Returned - som de "d" *(injured* também)
Hated - som de "ed"

Honestamente não vejo o problema. De acordo com o verbo em questão a pronúncia sai naturalmente, concorda? Vamos lá, experimente e verá que não há segredo. O único segredo é falar. Se não desprender a língua você não vai acertar... e nem errar! Acredito que o que falta é apenas fazer um esforço.

36. Subject: The word "GUM"

I am (1) English English (2) teacher and I have a question that until now nobory (3) could give me the answer. There is a lesson at one (4) English book that they say (5):" I had a wisdow (6) tooth pulled and my gums are bleeding..." My question is: Why GUMS and not GUM? In Portuguese we could say GUM. There is no plural.

Deixe-me traduzir e corrigir algumas coisas neste e-mail primeiro. (1) *I am an* - (2) *English* (uma vez) - (3) *nobody* - (4) *in an English book* - (5) *says* - (6) *wisdom*

A tradução:
Sou professor de inglês e tenho uma pergunta que até o momento ninguém pôde responder. Há uma lição em um livro de inglês onde dizem: "Tive um dente ciso arrancado e minhas gengivas estão sangrando..." Minha pergunta é: por que gums e não gum? Em português diríamos gum. Não há plural.

Você disse que em português não há um plural para "gum". Posso presumir que quer dizer que não há plural para *"gengiva"?* Estranho, pois meu *Aurélio* dá ambos: *gengiva* (do latim *gingiva), tecido fibroso fixado aos maxilares,* e gengivite, dá *inflamação das gengivas.*

De qualquer maneira, sinceramente sinto que são usadas da mesma forma, tanto em inglês como em português. Podemos dizer *My gum is bleeding* ou *My gums are bleeding.* A forma do plural de fato dá a impressão de que o sangramento talvez seja mais extensivo e possivelmente mais sério. Conquanto usamos a forma plural, é um caso daqueles no qual o plural normalmente é incontável. Não diríamos "two gums", mas poderia dizer "Upper and lower gums" (gengiva superior e inferior).

Estou reproduzindo esta carta aqui por vários motivos, e não somente para mostrar o triste nível do inglês dela, adequado talvez para um aluno de nível intermediário para baixo, mas com certeza decepcionante para uma professora.

Além dos erros, há uma questão de estilo e *general sloppiness.* Gostou da

palavra *sloppiness*? Quer dizer desleixo, e o adjetivo para uma pessoa é *sloppy.* Não me afeta quando recebo cartas que mais parecem ser escritas por gente que quase nunca prestaram atenção às suas aulas de português, quanto mais às de inglês. E se os leitores querem mesmo esclarecer suas dúvidas (e é claro que querem), quem sabe poderiam revisar sua carta antes de apertar o botão "enviar"? Por um lado sinto-me contente que meu estilo informal deixe as pessoas tão à vontade ao ponto de sentarem à frente do teclado para escrever para mim e depositarem tanta confiança em mim. Mas devo lembrar que estou aqui para ajudar, e ficando quieto, me calando, não vai surtir efeito.

Raríssimas são as vezes que escrevo para uma pessoa pública, mas não posso me imaginar escrevendo de qualquer maneira, sem levar em consideração o impacto e a boa impressão que quero que a minha carta cause. (Lembre-se de que só temos uma chance de causar uma boa primeira impressão). Para este livro é óbvio que arrumamos o layout das cartas. E muito porque as cartas vêm como se fossem escritas por pessoas não muito familiarizadas com certas regras de redação. E com certeza nada têm a ver com a minha missão. Mas esta carta é preocupante, já que se detém a uma questão de freqüência relativamente baixa - pelo menos nunca havia pensado nas possibilidades do singular e plural de gengiva, nem em inglês nem em português - e acho que ela deve se preocupar com outras coisas mais prioritárias. Não acha?

ATITUDES & SUGESTÕES 10

E chegou 1999 e a publicação de *Como não aprender inglês* (na época, produção independente). Com o sucesso, fui catapultado num mundo desconhecido, mas muito interessante, pois choveram convites para várias coisas, inclusive para ministrar palestras. Palestras para alunos, estudantes, e professores. E foi aí que comecei a perceber algo novo, inédito para mim: boa parte dos professores não sabia falar bem inglês! Eu tinha tido uma idéia disso um pouco antes quando conheci uma professora de inglês que dizia que coelho em inglês era *bunny.* A palavra *rabbit* não só desconhecia, mas negava que era isso! A propósito, *bunny* é mais coelhinho da Páscoa e da revista *Playboy,* enquanto *rabbit* é a palavra mais adulta (adivinha qual eu prefiro!).

Fiquei um pouco chocado quando tentei uma vez mostrar a um grupo de professores numa palestra como se fazia um jogo de perguntas e respostas chamado *coffee pot,* cuja finalidade era de formular perguntas gramaticalmente corretas em vários tempos verbais, para poder corrigir e ensinar ao aluno. Só que muitos dos presentes tiveram, eles mesmos, dificuldades gramaticais na elaboração. Tudo isso foi uma enorme surpresa para mim, pois até então meu

mundo era praticamente o mundo de Unique.

Preciso dizer aqui uma coisa antes de ser crucificado. Considero que uma das minhas "missões" seja ajudar os brasileiros que querem melhorar seu inglês, quer sejam alunos, estudantes ou professores. Portanto, qualquer coisa que escrevo ou falo é com este intuito; não de criticar, embora reconheça ser quase impossível dizer e escrever as coisas que quero dizer e escrever sem ser interpretado de forma incorreta.

Mas me deixa fazer uma pergunta, uma pergunta importante para este livro, para você, e para todos que estão interessados em ver um Brasil melhor. Queremos viver num Brasil no qual os professores de inglês sabem falar de fato a língua inglesa? Não importa quão bem esta deficiência seja encoberta, gente que não sabe falar bem inglês não pode ensinar inglês com eficácia, eficiência e bons resultados. Parece óbvio, mas não é o que acontece, como tenho demonstrado aqui nestas páginas. Tentei também apontar onde estão as causas, mas para falar a verdade não importa. Importante é o que vamos fazer de agora em diante.

No início de 2005 dei uma palestra, a pedido deles em português, para alunos do último ano de Letras, com especialização em inglês, e me ocorreu a idéia de fazer-lhes uma pergunta; se eles me julgavam apto a ministrar aulas de português. A resposta era quase unânime: "Não!" "Por quê?", perguntei. Os motivos eram que eu falo com sotaque e que, de vez em quando, cometo deslizes com a gramática, especialmente as concordâncias no masculino e feminino. Aceito a opinião deles.

Sei que já fiz a minha parcela de críticas ao longo da minha vida, o que me levou a lugar nenhum. Fiz outros sofrerem, sim, mas a maior vítima da minha língua afiada sempre fui eu mesmo, e não quero mais fazer isso. Chega de arrogância. Então falo isso aqui porque quero ajudar. Não estou aqui para criticar. Simplesmente isso.

Já que acabei de falar sobre *bunnies,* resolvi incluir um artigo que escrevi para atender a uma leitora.

Gostaria de saber se poderia usar a seguinte frase em um banheiro: *"Please do not place paper in the toilet".*

A minha resposta é sim... e não, pois cada um faz o que quer. Portanto, se poderia usar a frase, pode. Afinal, a gramática está correta. Minhas ressalvas seriam a respeito do verbo *place.* Em inglês a tendência seria mais para *throw* (jogar ou descartar), pois *throw* descreve como é feito. *Put* é ainda melhor que *throw. Place* dá a impressão de que se está colocando com cuidado e até com

precisão.

Ainda diria que o mais certo e descritivo seria, quem sabe, *used toilet paper,* pois com o uso de *paper* apenas, pode confundir com qualquer tipo de papel, incluindo *newspaper* (jornal)! A instrução fica até mais precisa e descritiva se usamos também o verbo *flush* (dar descarga). *Please don't flush used toilet paper down the toilet* (por favor, não dê descarga ao papel higiênico). Repare que a palavra *please* aqui, ao contrário do por-tuguês, não leva uma vírgula. E ainda deve se lembrar que *toilet,* na maioria das vezes, se refere a *the loo,* na Inglaterra.

Mas, de qualquer maneira, se fôssemos traduzir a frase original do inglês para o português sairia algo assim: Por favor, não coloque/jogue papel no vaso. Aceitável? Bem, depende. Se o objetivo do aviso for de alertar aos usuários de não jogar papel higiênico no vaso, creio que surtiria o efeito desejado... para os estudantes de inglês e para as pessoas de língua inglesa que porventura não entendem português. Mas, se não entendem português, é possível que não estejam também familiarizadas com o Brasil e seus costumes.

É aí que entra a parte da minha resposta referente ao "não". Possivelmente vão ficar como muitos alunos de inglês que em vez de aprender o idioma, aceitando-o, insistem em ficar fazendo perguntas a respeito dos porquês. Vão perguntar "Por quê? Por que não posso jogar papel higiênico no vaso? E se não posso fazer isso, o que é que devo fazer?"

Eis o X da questão *(the crux of the matter),* pois desconheço a finalidade da mensagem. Aliás, a finalidade entendo; queria dizer que desconheço a quem ela estará sendo dirigida. Se fosse uma escola de inglês aqui no Brasil, daquelas que colocam todos os avisos em inglês para contribuir com o aprendizado dos seus alunos (excelente iniciativa por sinal), diria que tudo bem, pode.

Mas, o assunto ganha contornos bem mais complexos, e por que não dizer delicados, se paramos para analisar os aspectos culturais envolvidos. Lembra que falei de um gringo? Este provavelmente vai estranhar ao ver o aviso, pois, para americanos e ingleses que porventura aportam aqui, não há outro destino concebível e imaginável para "jogar" o papel higiênico usado a não ser no próprio vaso sanitário, contrariando totalmente as instruções e recomendações da minha leitora. No Brasil temos o costume de colocar uma cestinha nos banheiros. Na Inglaterra e nos Estados Unidos, não.

Quem sabe isto possa ser um motivo para haver ou criar certos preconceitos contra brasileiros que vão para o exterior e que inadvertidamente praticam esse ato tão inocente e corriqueiro. Não encontrando a tal cestinha, fazem o quê? Você pode imaginar a reação de uma dona de casa, uma *host mother,* ou quem quer que seja, encontrando, não importa onde, papel higiênico usado?

Sei, ou pelo menos presumo, que o hábito de não dar descarga com papel higiênico data de uma época na qual as instalações sanitárias eram bem mais precárias que hoje, correndo-se o risco óbvio de entupir tudo. Um desastre em qualquer idioma, com certeza. Mas já que temos válvulas "hydras" que despejam um volume de água considerável, questiono se há hoje em dia tanta necessidade da cestinha. Mas, longe de querer transformar os hábitos brasileiros. Só levanto o assunto como alerta aos brasileiros no exterior. E é um assunto que já ouvi debatido verbalmente muitas vezes, mas nunca a luz do dia e por escrito. Sei que corro um risco de, mais uma vez, ser atacado pelo que escrevo, mas prefiro correr este risco a ficar quieto. Só quero ajudar.

Em tempo: ao mostrar este artigo às minhas filhas Bianca e Chantal, a seguinte dúvida surgiu: "e onde coloco o 'modess'?" Honestamente? Não faço idéia, mas vou consultar meu colega Andrew Kelsey, atualmente morando na Inglaterra.

Andrew já me respondeu com algumas informações cruciais para o nosso artigo. Inicialmente ele também não sabia e foi necessário consultar a mãe e a irmã para nos ajudar. (Já viu até que ponto é preciso chegar para obter tanta informação?)

Antigamente existiam uns pequenos incineradores, onde os absorventes (lá são chamados genericamente de *sanitary pads/towels)* eram queimados um a um. Estes incineradores recebiam o nome pitoresco de "*bunny burners*". *Bunny* é diminutivo de *rabbit*, o que todas já sabem, e é coelho em português. Portanto, queimadores de coelhinhos! Não sei como a denominação se originou,* mas como os ingleses são notórios por seu afeto e, por que não, seu amor pelos animais, só posso presumir que a RSPCA (The Royal Society for the Protection of Animals - A Sociedade Real pela Proteção de Animais) implicou com o termo, temendo por engano, que fossem incinerados "*bunnies"* de verdade.

Hoje existe apenas uma pequena cesta com o propósito exclusivo de receber os *"rabbits"* e muitas vezes elas são coletadas por empresas especializadas. Outras vezes os absorventes realmente são apenas *flushed down the loo* também.

Como o próprio Andrew comentou: "Que assunto fascinante!"

E para não perder o gancho, acho que o artigo que segue vai fechar definitivamente a questão.

OF TOILETS, LAVATORIES, RESTROOMS AND BATHROOMS, AND... (BANHEIROS)

Tenho recebido ao longo dos anos muitas perguntas a respeito da terminologia para se referir àquele lugar mais prosaico dos lugares prosaicos - o

banheiro. Foram tantas as perguntas que acho mais prático tentar fechar o assunto aqui para que possamos, todos, avançar para campos mais ricos, embora seja preciso admitir, às vezes não tão urgentes quanto. As perguntas abordam o assunto desde a nomenclatura do local e abrangem o que exatamente acontece lá dentro. Quero dizer, a terminologia para descrever as funções do banheiro, não as das pessoas. Ou será? Talvez até isso eu tenha de explicar um pouco para fazer um trabalho completo. Vamos ver o que vai acontecer.

Primeiro, o lugar. O nome do lugar varia um pouco, ou até muito, dependendo do fato de ele ser público, e até de que tipo de lugar público, ou se for dentro de uma residência, e onde, e em qual país se localiza este banheiro. Para efeito deste trabalho, vou me limitar aos Estados Unidos e ao Reino Unido. Certamente, países como Austrália, Nova Zelândia, Canadá e dezenas de outros de língua inglesa também têm suas peculiaridades. Portanto, não espere de mim um tratado universal sobre o assunto. Os nomes podem mudar de casa a casa, dependendo muitas vezes da ma-neira como o assunto for tratado em família, e para quais idades. Mas tentarei ser o mais abrangente possível, mesmo correndo o risco de entediar você.

O que chamamos de toalete ou banheiro no Brasil é basicamente *bathroom* em inglês. Embora a palavra signifique literalmente "espaço da banheira", não há necessariamente uma banheira dentro do *bathroom*. Porém, falando com toda precisão e de acordo com os dicionários, um *bathroom* tem instalações para se tomar um banho, seja banheira, seja chuveiro. Mas na prática, no mundo real, não é isso o que acontece. O início daquilo que você vai ver é uma lista extensa de eufemismos, um pouco em português, mas principalmente em inglês, pois este idioma é o alvo deste texto, e, como verá, o grande vilão. Mas até em português temos palavras que podem mascarar os atos praticados lá dentro. Para mim, pela minha lógica singela, um banheiro aqui no Brasil deveria ter uma banheira dentro. Só que isso prova ser uma exceção mais que regra. Concorda? Um banheiro, no Brasil, não é, necessariamente um lugar de se tomar banho, pois muitas vezes não dispõe de banheira. Pelo menos, uma simples ducha deve ser instalada na minha maneira de ver as coisas, para garantir, no banheiro, o banho. Mas não é o caso, claro. Vamos ver um exemplo.

Na minha casa tem um banheiro ou, para os mais refinados, um toalete, próximo à sala. Quando tem visita na sala e ela quer saber onde fica o banheiro, sempre presumo que não está querendo tomar um banho -nem de banheira nem de chuveiro - mas quer sim, usar apenas o toalete. Este banheiro chama-se lavabo e fica anexado à sala. O visitante então fala "Onde é o banheiro?" Eu indico o lavabo. Mesmo que ele esteja com o notório cecê e sujo ou suado em excesso, vou presumir que não está querendo tomar banho, pelo menos não

naquele exato momento, na minha casa.

Bem, como introdução, acho que este preâmbulo deve servir. E sabe por que estou me alongando muito? Porque quero pôr o assunto no passado e ajudar os estudantes brasileiros de inglês com assuntos mais, digamos, avançados. Por isso o apego aos detalhes agora. Quero esclarecer tudo, de uma vez por todas para poder dizer "Pronto! Assunto encerrado. E não se fala mais nisso!".

Vamos ver alguns dos eufemismos que usamos. Nos Estados Unidos, em lugares públicos, é muito comum chamar o lugar de *restroom*. Literalmente sala ou espaço para descansar. (Lembre-se de que *room* não é simplesmente quarto. *Room* é um espaço numa casa ou outra construção.) E se você não entendeu, ou não sabia, o que é um eufemismo, agora já sabe. Descansar no banheiro? Dá licença! Bem, pensando um pouco mais, é possível, porém não muito provável. Deixo isso para sua imaginação. Aliás, a minha acabou de funcionar com o último comentário. Vou contar uma piada.

Uma senhora levou sua filhinha ao médico. Após a análise dos resultados dos exames, o médico diz para a mãe: "Minha senhora, tenho uma má notícia. A sua filha está com uma doença venérea. A mãe perguntou, chocada: "É possível que tenha pego num banheiro público doutor?" O médico pensa um pouco e responde: "Bom, possível é, mas não seria muito confortável".

Restrooms são lugares públicos, dentro de um prédio, equipados com instalações sanitárias e lavatórios, ou seja, vaso sanitário e pia. Nas casas não há *restrooms*. Temos *toilets*, *lavatories* ou *bathrooms*. Na minha casa na Inglaterra, para se chegar a um dos banheiros (sem banheira) tinha que sair pela cozinha, pois ficava fora, mas fazia parte da casa, entendeu? Não? Deixa para lá; não é importante. Meus pais chamavam este banheiro de *the little house*. Quer um eufemismo mais cafona que esse? Nos velhos tempos nos Estados Unidos os banheiros (toaletes) eram bem separados e distantes das casas e se chamavam de *outhouses*. *Privy* era também comum (de *private)*. Um *privy* feito de tijolos era conhecido como *a brick privy.* Usa, ou usava, se o termo não politicamente correto para descrever uma mulher de estatura, digamos, robusta, dizendo *she's built like a brick privy. (Sorry).*

Na Inglaterra, a palavra *lavatory* era bem comum, abreviada para *lav,* mas hoje pode ser considerada um pouco antiquada e fora de uso. A palavra geral hoje em dia é *toilet, toilets* no plural, e serve tanto para o banheiro público como para o de casa. Muito comum de fato. Só que os americanos usam muito mais a palavra *bathroom.* Parece que consideram a palavra *toilet* um pouco explícita demais.

Já que estou no assunto, vou contar uma história que já contei antes, mas não é por isso que vou me deter. Se já leu, pula este parágrafo. Uma vez estive em

Londres com meu filho mais velho, então com mais ou menos sete anos de idade. Estávamos em cima de um daqueles ônibus londrinos, vermelhos, de dois andares, e ele perguntou: "Por que tem tantos banheiros públicos em Londres?" Estranhei um pouco a observação, embora soubesse que há muito mais em Londres do que em São Paulo, onde são mais raros que um Fiat Palio sem um amasso na traseira, mas quis saber o porquê do comentário. Passaram-se dois segundos e ele apontou, e disse: "*Look, there."* E *there* estava uma placa em frente a uma loja vazia com os dizeres *To Let* (Aluga-se). Mistério resolvido.

Se alguma vez você já foi num pub na Inglaterra, ou mesmo a outro lugar de domínio público, pode ter visto uns avisos lhe indicando onde ficam os banheiros (toaletes), escritos assim: *Gents* e *Ladies. Gents* é de *gentlemen* e *ladies*... bom, não precisa de mim para explicar.

Apesar do "s" de *gents* funcionar como substantivo singular. Se precisar saber onde fica, diga *Where is the gents?. Ladies* idem: *Where is the ladies*? (Se disser *Where are the gents*?, possivelmente acharão que está procurando homens, e *Where are the ladies?,* mulheres.)

Washroom é outra palavra muito comum para designar o toalete, especialmente numa fábrica ou escritório, e um eufemismo muito comum dos americanos para o local na casa, disfarçando bem as reais intenções da ida até ela.

Os ingleses, principalmente da classe operária, usam uma palavra curiosa para designar o local. *Bog. Hey matie! Come out of the bog. You've been in there ages!* (Ei, saia daí! Você está aí uma eternidade!). O termo *bog* é basicamente "brejo". Sim. Sim. Sinônimo de *swamp* (Quem não lembra a tradução do Veríssimo: *The cow went to the swamp* - A vaca foi pro brejo?). Também tem *kasi* e *shithouse* (sem comentários).

Os americanos usam as palavras chulas *can* e *john,* para designar o lugar também. *I'm going to the john. Where's the can?* Nas Forças Armadas americanas o lugar chama-se *head. The head is crowded with sailors* (O banheiro está lotado de marinheiros). *Latrine(s)* é a terminologia nas casernas, *just like Portuguese*!

E jamais, jamais, podemos esquecer a palavra *loo.* Segundo meu dicionário - "Loo (lu:) n, pl -loos. Brit. Uma palavra informal para lavatory. Talvez do francês lieux d'aisance - water closet". Chegamos finalmente ao famoso WC (e wc, W.C ou w.c.).

Há WCs na Inglaterra? Havia. Não é mais de uso comum, porém talvez ainda possa ser encontrada (refiro-me à abreviação, não às instalações. Estas permanecem.) em prédios mais antigos. Os jovens possivelmente reconheceriam o termo, mas o achariam bem antiquado. Lembre-se de que a Rainha Vitória já

se foi há tempos. Só sobraram WCs, que eu saiba, aqui no Brasil.

Exercícios

Vamos treinar a etiqueta para uma ida ao toalete (ou banheiro) numa residência nos Estados Unidos:

May I use your washroom ?
Where's the bathroom?

E na Inglaterra:

Where's the loo?
May I use your toilet?
Where's the bathroom?
Can I use the lavatory ? (Talvez se tiver mais de 100 anos.)

E na estrada, durante uma viagem:

Can you tell me where the restrooms are?
Where are the toilets?
I want to go to the washroom. Where is it?

As mulheres, em lugar público, principalmente restaurantes, mas pode até ser em casa, também vão a *powder room.* E o que fazem lá? *They powder their noses*, dizendo: *I'm going to powder my nose* (retocar a maquiagem). *Powder room* é mais um eufemismo para o local.

Já que estamos lá dentro, o que fazemos?

Mais uma vez, vai depender principalmente da idade da pessoa. As crianças também têm muitos nomes (John, Mary, Judy, Michael - *Just kidding!)*, mas acho mais prudente, e com certeza menos complicado, ficar apenas nos mais comuns. Para a necessidade mais freqüente, fazer xixi (claro), falamos *to have a pee*, ou *to go for a pee*, ou simplesmente *to pee. I need to pee.* Quando estiver apertado: *I'm busting for a pee.*

Como muitos leitores já me perguntaram, acho oportuno repetir a pergunta aqui: Qual é a diferença entre *pee* e *piss? Piss* é uma palavra bem mais forte ("mijar", em português) e nada elegante, para dizer a mesma coisa que *pee.* Em suma, uma palavra vulgar. Comum? Claro que sim. Lembro-me de uma vez ter dado uma meia-aula apenas sobre as ramificações de *piss*, incluindo as

diferenças de uso nos dois lados do Atlântico. (Antes de você perguntar, não, não estava no programa, e, sim, foi o aluno que insistiu).

Fazer referência à necessidade de defecar é *I have to go to the bathroom, the toilet, the restroom* ou *the loo.* (Afinal, para que entrar em detalhes?). As crianças, muitas vezes, referem-se às suas necessidades por ordem de grandeza. *Number one* sendo o mais freqüente. Ao ouvir o filhinho ou filhinha dizer *I must have a number two* ou *I've got to do a number two,* fica obviamente mais complicado para os pais. É quando o pai pode ser ouvido dizendo: *Mãezinha, your son wants to do a number two.* Repare bem no uso de seu filho. Nessas horas os filhos ficam praticamente deserdados.

Ah! Antes que eu esqueça. Também recebi um e-mail querendo saber o que é o que devemos fazer no final de tudo isso: dar descarga. Em inglês -*flush the toilet.* E outro a respeito da denominação de papel higiênico, que não é "hygienic paper", e sim *toilet paper* (antes era *lavatory paper* na Inglaterra. Ugh!).

Admito que o assunto em geral é uma tremenda bagunça, comprovada por tantos eufemismos, mas fiz o possível para resumir tudo aqui (Só que, o resultado do tal "resumo" deu 2.054 palavras! Isso é um resumo? Ainda bem que não me estendi muito.), e espero ter tirado as principais dúvidas dos meus leitores. Pelo menos tentei. A discussão sobre o assunto é bastante extensa e deve ser por isso que aqueles sinais, as placas com a imagem de uma mulher e de um homem, (não juntos, exceto talvez na França) tornaram-se tão evidentes. Só posso dizer, *better late than never* (Antes tarde do que nunca).

E como já me foi perguntado, o que se deve dizer quando surge aquela necessidade urgentíssima? Uma opção seria:

Quick! Where's the nearest toilet (loo, bathroom, etc.)

Pronto! Assunto encerrado. E não se fala mais nisso!

AUTOBIOGRAFIA 7:
RELIGIOSIDADE X ESPIRITUALIDADE

Você sabe a diferença entre religiosidade e espiritualidade?

Religiosidade é para aqueles que não querem ir para o inferno.

Espiritualidade é para aqueles que já estiveram lá.

Fui criado em um vácuo espiritual. Lembro-me de ter sido enviado, ou melhor, despachado, à escola dominical em uma igreja perto de casa. Tinha um cheiro esquisito lá dentro e a primeira coisa que fiz foi vomitar... bastante. Nunca mais voltei. As escolas que freqüentei dos quatro aos treze anos eram Church of

England, a igreja oficial do estado, católica em natureza. Lá aprendi a rezar o Pai Nosso mecanicamente, mas nunca me explicaram o que significavam as palavras... e nunca quis saber.

Interessante, para poder explicar o que venha a ser Church of England, consultei o dicionário e foi quando achei que The Church of England é "católica em natureza". Sempre achei que fosse protestante. Devo ter perdido aquela aula.

E se fui criado assim, também criei meus filhos da mesma maneira. Até recentemente achava que Deus era muito bom para aqueles que precisaram de uma ajudazinha, de uma bengala, uma muleta. Eu não. Tinha mente forte; eu não era "xarope".

Como as coisas mudam! Hoje não vivo sem Deus na minha vida, e Ele - ou Ela - dá provas constantemente de que está me ajudando. Estou começando a entender as palavras, e a colocar em prática: "Seja feita a Vossa vontade."

Percebo que uma das coisas que mais atrapalha a entrada de Deus nas vidas das pessoas é a igreja institucional, todas elas, acho.

Acho que existem princípios os quais devemos seguir para viver de forma útil e boa, mas sinto que há cada vez menos gente capaz ou disposta a ensiná-los. A família, a igreja e todas as instituições que deveriam estar ensinando os princípios pararam há muito tempo e começaram a fazer regras. É mais fácil criar regras do que ensinar princípios. Mas quando não se sabe os princípios de uma boa vida fica difícil não infringir as regras, às vezes todas elas. Sei, porque assim vivi e fiz.

Este livro é a minha tentativa de explicar este estado das coisas, para mim, apenas para mim.

37. Subject: Carry oneself well

Hello Michael, Can you give me a hand with two questions?

a) Como pronuncio "Micheal"?

Micheal? Eu diria /mish-i-al/ /mish-é-âl/ ou talvez /mik-i-al/. Mas meu nome, Michael, se é isso que quer dizer, é pronunciado /mai-kal/

b) Simplesmente não consigo traduzir para o português a expressão *to carry oneself,* **como em** *She carries herself well. A whole new way to carry yourself.*

Ela se porta bem. Ela tem uma boa postura. Uma maneira nova de se portar.

Poderia traduzir ao português e me dá mais exemplos, para que possa decorar o sentido?

Posso sugerir que você mesmo tente fazer pelo menos uma parte da pesquisa? O Google pode ser um bom lugar para começar. A leitura também é útil. Quando localizar alguns textos, aí sim posso ajudar você a interpretá-los. Desde que você forneça algum contexto, claro. Se você fizer a sua parte, tentarei fazer a minha - é assim que trabalho.

Um exemplo típico. Desde meu primeiro livro dei a abertura para o leitor tirar dúvidas comigo, mas há muitos leitores que pedem coisas de mim, sem fornecer um mínimo de contexto, e muitas vezes pedem para eu fazer o trabalho de conseguir os exemplos. Lamentável. Estou vendo que devo ter mencionado este fato!

38. Subject: Dúvidas

Fiquei animado tb com a possibilidade de tirar minhas dúvidas com vc pela internet e que as minhas dúvidas possam esclarecer outras pessoas, como tem acontecido comigo através do seu livro. Elas são meio básicas, eu acho, mas aí vão, desculpe se estou abusando: qual a diferença entre "Home free", "liberty" e "Freedom"? Existe alguma regra específica para o uso de cada uma delas?

Creio que a "regra" aqui é um bom dicionário e bastante leitura. *Liberty* vem do latim, freedom do anglo-saxônico. São sinônimos, com sutilezas e convenções de uso. Só por meio de leitura você perceberá as diferenças. *Home free* é uma expressão para dizer "São e salvo, em casa. Cheguei sem encrencas". Mas entendo a dificuldade da leitora em discernir quando deve usar uma opção ou outra com certos termos em inglês. Claro que com uma pesquisa antes a um dicionário você só tem o que ganhar, se for como eu. Quando não estou com pressa, abro o dicionário em busca de uma determinada palavra, mas começo a viajar pelas páginas. Meus pais tinham um dicionário em casa na Inglaterra que eu adorava, especialmente quando descobri a palavra sem vogais, xyzygy. Mas, ao procurar hoje esta

palavra, só achei *syzygy.* A pronúncia em inglês é si-zee-gi e uma das suas definições é a configuração do Sol, da Lua, e da Terra em uma linha reta.

Muitas vezes fico admirado com a fé depositada em mim pelos leitores e com a quantidade de trabalho envolvido se eu fosse explicar todas as diferenças e sutilezas de uso das palavras. Ao meu entender, tentar fazer um trabalho deste porte para o leitor ia me levar, se não à loucura, pelo menos à exaustão. Poderia até fazer, afinal coloco-me à disposição para ajudar estudantes e alunos brasileiros de inglês, mas existe uma dúvida sobre esse procedimento: ia adiantar?

Mas, dito isso, por desencargo de consciência, resolvi consultar meu dicionário que informa: *Freedom* é o termo mais comum. *Liberty* é freqüentemente usado da mesma maneira que *freedom*; embora enfatize em especial o poder de livre escolha.

Há muito mais, incluindo os exemplos *liberty of opinion, liberty of worship,* mas pessoalmente em nada estranharia se visse *freedom of opinion* e *worship.*

39. Subject: Dúvidas

...gostaria de saber o nome de algum filme em inglês para eu passar aos meus alunos de nível básico do livro "NEW INTERCHANGE", pois eles estão querendo ver um filme p/ ajudá-los em aula. Como ainda sou novata no assunto, o que posso indicar?

Este tipo de coisa, com os recursos existentes pela Internet e uma livraria boa, pode ser facilmente encontrada hoje em dia. Já mencionei em livros anteriores boas dicas em materiais extras, filmes, músicas e livros... um de meus favoritos é "A fish called Wanda". Eu recomendo.

Para você, coloquei algumas dicas sobre "A Fish Called Wanda" no Apêndice, no fim deste livro. Não sei não, mas fico me perguntando se pessoas como esta leitora não devem ter um pouco mais de iniciativa. Parece para mim que faz parte daquela síndrome que eu chamaria de... para falar a verdade, não

tenho um nome, mas me ocorreu neste exato momento de chamá-la de DIY, só com outra letra D na frente.

DIY é uma sigla muito usada na Inglaterra: Do It Yourself (faça você mesmo). Trata-se de uma atividade desenvolvida por lá por muitas pessoas e por vários motivos: 1-é mais barata; 2 - Garante a qualidade final do trabalho. (E se não saiu certo não precisa, nem pode, culpar ninguém); 3-Aprende-se muito;4-Édivertido; 5-Aproxima as pessoas; 6 - ... Sei lá se tem mais vantagens, mas acho cinco um bom número. Interessante. Percebi que essas cinco vantagens também se aplicam ao *self-study* de inglês. Bem, peço desculpas pela divagação. Estava falando sobre DIY se tornando DDIY, ou seja, Don't Do It Yourself. Não faça, se puder achar alguém que se disponha a fazer por você. E pelo que observo do sistema educacional brasileiro, há muito disso por aí. Claro, se desde crianças nossos filhos (seus e meus) estão acostumados a receber tudo de bandeja, ou na boca (o tal de *spoonfeeding),* o que podemos esperar quando chegam à escola (ensinos fundamental, médio e superior, e de inglês?).

40. Subject: A big doubt

Tenho uma dúvida enorme. Como posso dizer "esfiha" em inglês e também "passar roupas"? Este último pode ser "make the clothes"?

Sendo a palavra "esfiha" de origem árabe, só posso presumir que é bastante parecida com o original, mas não sei qual é esta original e meu dicionário não esclarece nada. E não tenho um dicionário árabe. Posso saber por que precisa disso em inglês? Qual a finalidade do uso? É muitas vezes difícil traduzir termos referentes à comida, pois cada país possui suas peculiaridades culinárias, costumes e questões culturais. As comidas prontas também sofrem muita variação na forma de preparo.

Quanto à questão de "passar roupa", este é bem mais fácil. O verbo é *to iron (the mother is ironing the shirts)* (a mãe está passando as camisas). Também não entendo como essa questão pode ser uma dúvida tão "enorme". E o que ela usa? *An iron.* (Lembre-se de que ferro é *iron* em inglês, e tudo ficará simples.) Esta questão estava no Volume 2 do meu livro *Como não aprender inglês,* no capítulo sobre pronúncia.

E a leitora deu continuidade à correspondência com o seguinte:

41. Subject: Thank you

Olá, Michael fico grata por sua resposta, e tenho outra dúvida: Posso usar o verbo to stay at home e stay hom, qual é a diferença e por que isso ocorre? Ah, isso da esfiha foi um aluno meu que perguntou!

Não há diferença entre as duas formas. A inclusão da preposição *"at"* nada acrescenta, e a sua exclusão nada subtrai. Tanto faz. E a minha sugestão seria pedir ao seu aluno procurar tirar suas dúvidas no dicionário, ele mesmo, antes de perguntar para você. Assim os estudantes aprendem mais e melhor *(just a suggestion, OK?).*

Bem, o que posso dizer? Será que a minha resposta sutil a respeito do aluno fazer pelo menos um pouco do trabalho encontrou eco? É claro que o que sugeri para o aluno vale também para essa professora, e eu. Ou seja, antes de ficar fazendo perguntas, procure você mesmo. Muitas vezes tenho a nítida impressão de que ninguém está disposto a abrir um livro ou um dicionário, nem o aluno, nem o professor. Mas admito a possibilidade de eu não estar num bom dia (E não estou mesmo!). Tento ser gentil, cortês e educado com certas posturas, mas aqui posso "soltar a franga" um pouco, não posso? E antes de perguntar como se diz "soltar a franga" em inglês, a resposta é to let *off steam, to let go, to let rip, to have a go at something*, entre outras.

42. Subject: Guess what? Doubt... again!

Bem, antes de pedir a sua ajuda, preciso lhe dizer que procurei em vários dicionários e não achei a resposta. Digo isto porque você sempre fala coisas do tipo "Bem, no meu dicionário... etc. etc. etc."

O que significa exatamente a palavra Mart. Vi "Food Mart" num vídeo, e há a famosa "Wall Mart" também. Seria uma forma abreviada de Market?

PS Eu estava brincando quando comentei a respeito da sua

maneira de criticar, pois eu acho divertido quando escreve coisas assim nos seus livros. Parece que está querendo dizer coisas do tipo"se manca cara, move your ass, procure você mesmo!" Você tem razão.

Sim, bem, cof, cof... (tosse, tosse)

Meu *Collins British English Dictionary* dá "mart" como - n. a market or trading centre.

Um segundo (English - Portuguese) dá - *n. Amer.* 1. Mercado. 2. Centro comercial.

Portanto, *food mart*? Que tal *food market*?
Wall-Mart - Mercado de (Sam) Wall?
K-Mart? Talvez queira dizer K -Market?
(Dictionaries Ana?)

TRAINSPOTTING

Não sei se este artigo vai acrescentar algo, talvez uma questão cultural? Entender melhor os ingleses? Conhecer-me melhor? Sei lá, mas já que escrevei tanto sobre mim, acho que este capítulo da minha vida pode entrar tamtobém. Vou escrever um pouco sobre *Trainspotting.*

É claro que a maioria vai conhecer, se é que conhece mesmo, esta palavra pelo título de um filme inglês de 1996. *Trainspotting* é um hobby, um passatempo aparentemente sem muito sentido, realizado normalmente por rapazes e homens, que consiste em ver trens. Usa-se o verbo *to spot* que, neste sentido, é "ver". *Spotting trains* = Vendo trens, ou *trainspotting.*

I spotted a lovely train yesterday at Clapham Junction. (Eu vi um lindo trem ontem no entroncamento de Clapham.) Clapham pronuncia-se |clá-pâm|, um bairro perto do centro de Londres, é um entroncamento enorme aonde eu ia muito nas minhas férias para ver os trens.

Esse hobby vem completo com livros onde todos os trens em operação estão listados e o objetivo é vê-los. Uma vez visto *(spotted),* faz-se um risco no número que ele tem no livro e depois procura-se outros trens para ver. E assim vai... Alguns trens são difíceis de ver, e torna-se um desafio localizar certas locomotivas e composições.

E o que *trainspotting* tem a ver com o filme homônimo? Bem, o filme trata

de alguns jovens bastante envolvidos com as drogas e o mundo das drogas. Não querem saber de outra coisa a não ser se drogarem. Como diz Irvine Welsh, o autor do livro no qual se baseou o filme: " *Trainspotting* é uma atividade fútil. Exatamente como é o uso de drogas."

O filme se passa em Edinburgh, Escócia, cidade que em português chamamos de Edimburgo. Lembro-me de um grupo de amigos brasileiros que foram até lá numa excursão e não conseguiram entender muito bem quando o guia ficou se referindo a um lugar chamado |é-din-bá-râ|, até descobrirem, já em Edinburgh, que é esta mesmo a pronúncia do nome da cidade.

A propósi: Embora eu tenha gasto um tempão fazendo *trainspotting*, dos 10 anos até uns 12 anos, hoje acho difícil explicar a magia que o hobby exercia. Sem falar no cheiro de fumaça que me impregnava quando che-gava em casa. Aliás, eu gostava do cheiro das marias-fumaças. Talvez fosse por isso. Pena que hoje estão em extinção.

E engana-se quem acha que esse tipo de trem em inglês chama-se *Smoking Mary* ou *Smoky Mary.* São *steam trains*, "trens a vapor", apenas. Nada tão pitoresco como no Brasil.

43. Subject: Separação de sílabas

Tenho uma dúvida que me persegue há um bom tempo: certa vez, numa prova de inglês, separei a palavra Italian da seguinte maneira: Itali- an. Quando recebi minha prova de volta percebi que a professora havia corrigido a separação para:

Ital- ian. (1) naum entendi na época e, como era muito tímida, deixei pra lá. Mas não fiquei contente e fui pesquisar.

Como não encontrei a resposta em nenhum livro de gramática, (2) perguntei a uma professora minha e ela disse que em inglês não há separação de sílabas como no Português. (3) Ela tbm me disse que a única maneira de saber como separar as palavras era se eu soubesse a origem da palavra, os sufixos e os prefixos. No caso da palavra disabled, por exemplo, eu separaria o sufixo da raiz da palavra: dis- abled; ou então eu deveria procurar num dicionário que apresentasse as palavras separadas por sílaba, (4) o que eu acabei comprando. (5)

Mesmo após tudo isso não me dou por satisfeita e pergunto: há alguma outra maneira de saber como as sílabas são separadas em inglês? (6)

Por favor, me ajude! Preciso dessa resposta não só para tirar um

peso da minha cabeça, mas também para responder aos meus alunos quando eles me fazem essa mesma pergunta... e olha que eu já fui questionada sobre o assunto milhares de vezes!!!

Muito obrigada por ajudar-nos, estudantes e professores de língua inglesa, e tornar nossa tarefa mais simples.

(1) Meu dicionário registra /I-tal-ian/.

(2) E nem vai, pois em inglês é um *non-issue.* Simplesmente não é tão importante. Usa-se o bom senso. Não concordo com os alunos que perdem tempo questionando este tipo de coisa, e desperdiçam o tempo do professor. Por que eles não querem aprender inglês? Em vez de progredir, ficam gastando tempo (deles e seu) desafiando você, procurando pêlo em ovo, só para fugir do básico.

(3) Concordo.

(4) É tão prático; e todos os dicionários vêm com a indicação da divisão silábica.

(5) Que bom!

(6) Por que não confiar no seu dicionário? Fico fazendo terrorismo para usar o dicionário por bons motivos!

44. Subject: More Doubts

Como posso dizer: Eu perdi a hora? Seria I missed the time?

Se perdeu a hora porque dormiu demais (não acordou na hora programada), diríamos: "I *overslept"* (do verbo *to oversleep* = dormir demais = perder a hora). Se perdeu a hora para um compromisso, diria *I was late = I missed my appointment.* Perdeu o avião? *I missed my flight.* Deu para entender?

E agora, qual pode ser, ou deve ser, a minha posição com esse tipo de pergunta? Se eu falar para este leitor que já está explicado no meu primeiro livro, parece que estou tentando vender livros e que penso apenas nos meus royalties. Mas fico triste ao perceber que meu trabalho anterior não está sendo bem

aproveitado. É por este motivo, entre alguns outros, que penso em parar de ajudar. Vamos ver...

45. Subject: Algumas dúvidas

Olá professor, gostaria de tirar algumas dúvidas que faz tempo que tenho, mas nunca tive a oportunidade de esclarecê-las com meu professor. Uma palavra simples, porém que me confunde muito, é country, isto é, pode ter vários significados contraditórios, como por exemplo: país, às vezes cidades, interior, campo. Quais são os significados cabíveis para esta palavra? Qual a diferença entre contry (6), city e town?

Não entendo o motivo da falta de oportunidade. Você não tem pago as mensalidades? Normalmente *town* é considerada um centro populacional maior que uma *village* e menor que uma cidade. Em uso informal, uma *city* pode ser muitas vezes descrita como *town.* Deve ser por esse motivo que você tem dúvidas quanta à definição. "New York is a big town". Não existe uma definição numérica, portanto torna-se um conceito relativo. Veja também a letra de "Sultans of Swing", de Dire Straits:

But not too many horns can make that sound.

(Porém não são muitos os instrumentos de sopro que podem produzir este som.)

Way on down south, way on down south in London town.

(Bem no sul, bem no sul, na cidade de Londres.)

Quanto ao *country,* ou *county* (não sei ao certo, pois deu duas grafias diferentes), *country* é país ou campo, região ou área do campo. *County* é condado, uma subdivisão administrativa de um estado nos Estados Unidos e uma divisão territorial que exerce funções administrativas, judiciais e políticas na Grã Bretanha e na Irlanda. Os Estados Unidos têm *states* que contêm condados. A Inglaterra só tem condados, nada de *states.*

46. Subject: Vocabulary

How can I say "aparelho dos dentes"? Should I ask it to my dentist? (Como eu posso dizer "aparelho dos dentes"? Devo perguntar ao meu dentista?)

A resposta à sua pergunta é "braces".

Além do fato de ter ficado triste pela leitora ainda não ter comprado meus livros, pois a resposta está lá, fico surpreso que ela queira consultar seu dentista. Bem, se ele for versado em inglês, não há problema, mas... Não se fala "Should I ask it to my dentist?". Basta o certo que é "Should I ask my dentist?", sem *it* e sem *to.*

AUTOBIOGRAFIA 8: A VIAGEM

The old man rhythm's gotten in my shoes
Know you're sittin' here and singing the blues
So be my guest you got nothing to loose
Won't you let me take you on a sea cruise

I said
Oooy, Oooy baby, Oooy, Oooy baby, Oooy, Oooy baby,
Won't you let me take you on a sea cruise
FRANKIE FORD, "SEA CRUISE"

Deixei meu país em um sábado, dia 10 de março de 1967. Deixei também meus pais, meus amigos. Estavam lá, todos, nas docas de Londres para se despedirem de mim. Lembro de um amigo recomendando aos berros: "Não pergunte a eles quem ganhou a copa". Afinal era 1967, um ano depois que a Inglaterra havia ganhado a copa e, mais importante, que o Brasil *não* havia.

Outro me lembrava de procurar a família dele se eu precisasse. (Interessante que ele era canadense e a família morava em Saskatoon, na pro-víncia de Saskatchewan, no Canadá). Tudo bem, também estava no outro lado do *pond* (lagoa, açude), palavra usada pelos ingleses para se referirem ao Atlântico Norte. Quem sabe este amigo talvez estivesse ainda sob efeito da minha festa de despedida da noite anterior, e o que valia era a boa intenção.

Eu estava embarcando em uma viagem de 16 dias, partindo de Tilbury Docks, em Londres, passando por Vigo, na Espanha, Lisboa, Tenerife - nas Ilhas

Canárias -, Rio de Janeiro (as primeiras imagens, um deslumbre, claro!) e, finalmente, Santos, em São Paulo. Cheguei em um domingo ensolarado, domingo de Páscoa de 1967. A minha vida nova estava começando! Tinha uns 500 passageiros no navio, da primeira classe e da *cabin class,* mas a maioria era da terceira classe, incluindo eu. (Ainda bem que o navio não bateu em nenhum iceberg, se não eu poderia ter ficado preso atrás das grades enquanto a água subia até meu pescoço, e eu morreria afogado.)

Mas já que escapamos dos icebergs - afinal, estávamos atravessando o Atlântico Sul, e não o Norte -, era uma festa quase sem parar desde o primeiro momento; animada, sobretudo, e sempre por uma turma de chilenos, em torno de 60 pessoas (se a memória ainda me serve bem tantos anos depois), membros do Coral da Universidade do Chile, de Santiago. Estavam retornando de uma excursão muito bem-sucedida ao Leste europeu, e queriam "soltar a franga" depois de tanta responsabilidade representando seu país no exterior. Quase todas as noites fomos entretidos por eles. Coisa mais linda! *Cosa mas linda tambien*!

Lembro-me de uma noite à fantasia em que amigas me vestiram de mulher e fiz o maior sucesso. Tinha gente, especialmente os homens, que nem acreditaram nos seus olhos, indagando onde eu estava na viagem até aquele momento e em que parte do navio fui escondido!

O navio que me trouxe até o Brasil era o Arlanza, da Royal Mail Shipping Line. Tinha sido meu lar pelos dezesseis dias de viagem, mas como tudo tem uma tendência de terminar, também a nave-mãe ia deixar de ser a "mãe" que fora por duas semanas.

E agora, José? Como lidar com a realidade? Sozinho, como *Stranger in a Strange Land* (ficção científica excelente de Robert Heinlein). Eu estava hospedado em uma pensão na Gonzaga, em Santos, e ainda era uma tarde bonita. Resolvi me aventurar. Por aventurar quero dizer sair da pensão. Que medo... mas consegui! Fui até a praia e comecei a andar pelo calçadão, tentando não parecer um estrangeiro recém-chegado; no entanto, não consegui disfarçar, assim como não consegui disfarçar também meu medo... Até parece que alguém estava prestando atenção em mim! Aí, aconteceu o desastre que eu não podia ter esperado. Vi no horizonte o Arlanza, zarpando rumo a Montevidéu. O navio que tinha sido a minha "mãe" durante todo aquele tempo, deixando-me. Agora, sim, sentia-me sozinho.

47. Subject: Doubts

Oi, Michael:

Tudo bem?

Gostaria que você me esclarecesse sobre countable and uncountable nouns. Pizza, fish, fruit e food pode ser os dois, mas como isto é usado?

Não sei de onde vem a idéia de que *pizza* não é contável. Menciono isso no meu livro *Tirando dúvidas de inglês. Fish* é a palavra tanto para o singular como para o plural, mas *fishes* pode ser usado como plural, embora o plural mais comum seja *fish.* Vai depender de como a palavra for usada. Existe *One fish, two fish, a thousand fish*, mas você também vai ver em alguns casos *some fish* ou *some fishes.* Poderia ouvir alguém dizer *I caught three fishes today* (Peguei três peixes hoje), mas muito mais comum seria *I caught three fish today.* Pessoalmente, nunca uso *fishes*, já que, para mim, *fish* basta para descrever o plural. Exatamente a mesma coisa aplica-se para *fruit.*

Para mim, o plural de *food*, *foods*, embora mais uma vez não estritamente necessário, é até mais aceitável, embora *food* seja tão genérica que, normalmente, basta esta palavra para descrever o plural ou agrupamento.

Minha sugestão seria, como sempre, *Keep it simple.* Acho que manter as coisas simples é a regra número um para o estudante, e, na verdade, para todas nós, em tudo.

Sabe, Flávia, estes assuntos de substantivos contáveis e não, são amplamente abordados nos livros de gramática e minha sugestão seria você adquirir um, ou mais, para sanar suas dúvidas. Vão ser bem mais abrangentes do que posso ser aqui.

E a leitura? Será que é mesmo mais fácil ficar fazendo perguntas sobre tudo e qualquer coisa do que lendo e adquirindo vocabulário e habilidades? E você, querido leitor deste livro? Já cansou de tanto eu recomendar a mesma coisa? Leitura.

48. Subject: "Such"

Michael eu estou tendo alguns probleminhas com a palavra

"such". Sera que voce poderia me enviar uns macetinhos e uns exemplos, bem praticos, de como usa-la corretamente? Obrigada.

Talvez ajude você lembrar que o significado de *such* é o equivalente a "tal", ou "tais", em português, ou seja, aquilo ou o tipo que já foi mencionado. Veja alguns exemplos:

Fighting in school is bad. Such behaviour will not be tolerated.
(Brigar na escola é mal. Tal comportamento não será tolerado.)
Já se sabe ao que *such* se refere: o comportamento de brigar.

Such things have been said before.
(Tais coisas já foram ditas antes.)
Refere-se às coisas ditas no passado.

Such pode ser usada também para se referir à informação que já foi dada, muitas vezes quando *very* já foi usada na primeira parte de um diálogo.

I had a very good day today. Oh? And why was today such a good day?
(Tive um dia muito bom. Ah é? E por que hoje foi tão bom?)
The weather was very hot. I wasn't expecting such hot weather.
(O tempo estava muito quente. Eu não esperava tempo tão quente.)

Such pode ser usada também para expressar nova informação num estilo informal.

He's such a lazy person.
(Ele é uma pessoa tão preguiçosa.)

Acho interessante o fato de você me escrever com este "probleminha", pois não é realmente algo que cause dificuldade ao estudante, tanto que nunca me foi solicitada ajuda. Presumo que a maioria dos alunos encontra explicações adequadas nos livros normais. Há muitos outros usos de *such*, e vai ao encontro com *so* também, além de *very.* Todos os livros de gramática da língua inglesa têm ótimos exemplos, muito melhores do que posso ficar explicando e inventando aqui. Uma sugestão minha seria você adquirir bons livros, adequados para seu nível, para se aprofundar mais no assunto. Também a leitura em geral, por e com prazer, seria de grande auxílio. Não há atalhos, então... mãos à obra, e

boa sorte e progresso.

49. Subject: Ajuda

Sou professora de inglês e tenho um aluno que não entende Perfect Tenses por nada nesse mundo. Já tentei de tudo e não consegui. Vc tem alguma dica de como posso fazer para que ele assimile esse tempo de verbo? Algum livro que possa me ajudar?

Parece que você ainda não leu meus livros, então, tenho, sim, uma dica, aliás, uma boa dica. Leia meus livros... e recomende-os para seu aluno. Não é por nada não, pois o que escrevo é totalmente direcionado para este seu tipo de pergunta. Lendo o que escrevo, e nas entrelinhas também, vai ajudar bastante.

Não há atalhos, jeitinhos, e se você acha que domina bem a questão do Present Perfect e sabe ensinar, então o problema está com o aluno. Portanto, a minha sugestão seria de arrumar alunos que querem fazer a parte deles. Livros existem aos montes, mas precisam ser lidos (Ai, meu Deus! Estou cansado de repetir a mesma coisa!).

ATITUDES & SUGESTÕES 11
Atalhos

Vamos falar agora sobre os *short cuts*, atalhos, aquele que o brasileiro está sempre procurando. Existem? Para aprender inglês, não sei, mas neste livro a palavra apareceu 15 vezes, na última contagem, então, com certeza, uso bastante o termo. Até hoje não os encontrei, o que é uma pena, pois adoraria poder falar francês e italiano, mas fico no "adoraria", já que não estou tão disposto assim de aprendê-lo. Não "quero" aprender, pois o que "quero" é saber. Mas, infelizmente, para os acomodados (incluindo eu no caso) há necessidade de ação. Entrar em ação, pois ação é a palavra mágica, neste caso e em quase todos os que conheço, por sinal.

Mas nem tudo é perdido, nem tudo fica nas trevas. Tenho uma boa notícia para os que procuram um atalho, e não foi inventado hoje, existe há muito tempo: chama-se leitura. Sim, aquilo de que o brasileiro não gosta tanto. Pelo

menos é assim quando sugiro isso, pois o que ouço é "Mas eu não gosto de ler". O que é uma pena, pois ela tem demonstrado ser uma maneira eficaz, ao longo dos milênios, de transmitir a sabedoria acumulada.

Mas por que estou falando isso de novo? Já escrevi a mesma coisa anteriormente, desde meu primeiro livro, e nos outros. Percebo agora, no entanto, que há duas coisas que o brasileiro pode fazer, há opções: Ler ou se virar sem inglês. Ou ainda mais uma: falar inglês de uma maneira macarrô-nica, progredir tão lentamente que o progresso pareça imperceptível.

Já fui perguntado "n" vezes sobre o desempenho do brasileiro em inglês quando comparado a pessoas de outras nacionalidades que também estão aprendendo inglês, e a minha resposta tem sido sempre política e diplomática: "Não sei, pois só tenho experiência lecionando para brasileiros." Verdade? Sim, jamais mentiria sobre isso, mas é apenas uma verdade parcial, pois, embora, tenha lecionado quase exclusivamente a brasileiros, não posso deixar de observar como outras nacionalidades se saem com inglês, e a resposta? Em geral, melhor. Baseio a minha colocação naquilo que vejo na televisão, principalmente na CNN e BBC. Nos noticiários há gente do mundo inteiro falando inglês com os sotaques dos seus países e a interferência que é característica da língua materna, mas tenho a impressão que em média se saem melhor do que o inglês que escuto por aqui sob circunstâncias similares. Não quero declarar enfaticamente que é o caso, e devem existir estudos lingüísticos comparativos que mostrem que tenho razão (e outros que mostrem que não faço idéia do que estou falando).

50. Subject: If or whether?

Quando usamos if ou whether para significar "se"? São sinônimos? Podemos usar um no lugar de outro sem problemas?

Acredito que você deve encontrar as explicações nos livros comuns de gramática, muito melhores do que posso fazer, pois a minha especialidade é mais para ajudar os estudantes com as questões que não são encontradas facilmente nos outros livros. Entretanto, vou tentar responder aqui em forma resumida:

1. Perguntas Indiretas

Podemos usar, em geral, tanto *whether* quanto *if* para introduzir perguntas indiretas de sim ou não.

I'm not sure whether/if I'll have the time.

I asked whether/ifshe had any news for me.

Depois de alguns verbos, *whether* é preferida a *if.*

We discussed whether we should go away for the weekend.

Em um estilo formal, *whether* é normalmente preferida em perguntas de duas partes com *or.*

Let me know whether you will be there or not (...if you will be there é também possível).

The managers haven't decided whether they will recommend expansion or purchase another company.

2. Preposições

Após preposições, somente *whether* é possível.

We had a big argument about whether we should take a vacation.

He hasn't decided the question of whether to stay here or go home.

3. Infinitivos

Whether, e não *if,* é usada antes de infinitivos com *to.*

They can't decide whether to get married this year or next.

4. Sujeito, complemento e *adverbial clauses* (em português, cláusulas adverbiais?).

Quando for o sujeito ou complemento, *whether* é a palavra normalmente escolhida.

Whether she can stay with us is another thing entirely (sujeito).

The question is whether he can be trusted (complemento).

Num estilo bastante informal *if* é, às vezes, possível.

The question is if the man can be trusted.

Bem, espero ter ajudado, pelo menos um pouco. Parece tudo difícil? Colocado na forma que você pede, como se fosse simples, admito que possa parecer complicado, mas há uma maneira mais simples de entender a questão... e de aprender inglês. Sabe o que é? Leitura e mais leitura, e todos os outros meios de aprender a língua numa forma simples. Esta decisão é sua apenas.

Uma pergunta de 19 palavras. Uma resposta de 266, fora texto. Percebo que

estou sendo bonzinho demais, pois não acredito que aquilo que estou fazendo esteja nos melhores interesses do leitor. *Spoonfeeding** mesmo, e não funciona.

Para entender melhor minha atitude, coloque-se no lugar de alguém que acaba de receber uma pergunta tão simples a respeito de português, do tipo: "Quando devo falar 'como' e quando falo 'quanto'?" Uso este exemplo, pois estou pensando em inglês e nas ramificações de *as*. Um exemplo: As much as they did (seria "tanto quanto eles", "assim como eles" ou "assim quanto eles". Deu para entender? Não precisa me enviar a resposta. Só estou tentando mostrar as minhas dificuldades com o português.

51. Subject: Como dizer.....?????

Fala mano !!!!! Beleza pura ??? Me chamo *** e sou da capi-tal-SP....Tem 2 anos que faço curso de Ingles.... Se tu puder,gostaria que vc me desse uma maozinha,certo ??? Como eu diria "lixadora de unha", (1) "trocador de ônibus",(2) "pochete(aquela pequena espe-cie de bolsa que guarda dinheiro e documentos que fica presa a cintura e os homens usam)".....(3) "enferrujado"(quando alguem estamuito destreinado em alguma coisa)..(4) valeu mano!!!!!!!!!!!!! a huge hug !!!!!!**

(1) *Emory board* na Inglaterra. Pode ser também *nail file* (2) Trocador? Ou cobrador? Na Inglaterra, *Bus conductor.* Nos EUA? Acho que só existe o motorista que cobra e dá o troco. De qualquer forma, na Inglaterra a coisa já mudou bastante. Vide também meu livro *Como não aprender inglês.* (3) *Money pouch.* Vide meus artigos na revista *New Routes* em www.disal.com.br e o livro *Tirando dúvidas de inglês.* (4) *Rusty.*

Quantos assuntos diversos, mas, puxa vida, Rafael! Dois anos fazendo inglês e ainda não comprou um dicionário? Por que está esperando? Dizem por aí e também ouvi dizer que dicionários são um ótimo investimento para quem quer aprender inglês, e estou vendo que não leu o meu livro *Tirando dúvidas de inglês*, não é?

52. Subject: Help me please

Tomei a liberdade de lhe mandar um IMENSO email, porque estou precisando de uns conselhos. Vou tentar ser breve. Ha cinco anos atras eu passei 6 meses em Boston tentando aprender Ingles, mas como morava com Brasileiros voltei p/ casa mais pobre e bem frustada c/ o que tinha aprendido. Aqui estou eu c/ 4 anos de America e ainda me sentindo muito frustada c/ o meu Ingles. No primeiro ano que eu morei aqui eu estudei Ingles c/ uma Brasileira. O metodo dela era s/ livro. Na realidade ela me ensinou a comunicar e muito pouco de gramatica. No meu segundo ano aqui eu entrei p/um college e comecei a fazer ESL. O que eu sinto e que meu Ingles deveria estar muito melhor do que esta. Nao tenho grandes problemas c/ gramatica e escrita, mas qdo se fala de pronuncia eu sou um fracasso. Outra coisa e que qdo eu leio algum artigo ou study case eu preciso de um tempo ou talvez ler pela segunda vez p/ conseguir captar a mensagem o que dificulta o meu desenvolvimento nas aulas. Isto e normal?

Talvez vc que ja passou por isto consegue entender a minha frustacao. Sou formada em Administracao de empresas ai no Brasil e no entanto me sinto um mosquitinho perdido neste pais. E como se meu passado nao existe mais. E tudo tao novo e tenho que esta sempre correndo atras de alguma coisa que nem lembro mais que sou formada. P/ lhe ser honesta eu leio bastante (revistas e artigos) e ja li dois livros em Ingles. Nao sei mais o que fazer p/ melhorar o meuIngles e ficar mais esperta na sala de aula. Qual e o seu conselho? Sabendo um pouco da minha estoria o que vc tem p/ me dizer?

Desculpe por ter escrito bastante, mas acho que so assim sabendo um pouco da minha estoria e que vc podera me dar alguns conselhos. Pode ser bem sincero comigo.

Não sei não, posso estar errado (o que não seria uma novidade) mas tenho a nítida sensação de quem me escreveu a carta seja uma pessoa - pelo menos me transmite essa impressão - perfeccionista. Quando você disse "Outra coisa e que quando leio algum artigo ou estudo de caso preciso de um tempo ou talvez ler pela segunda vez p/ conseguir captar a mensagem o que dificulta o meu desenvolvimento nas aulas" e pergunta se isso é normal, a minha resposta é não, de jeito nenhum, que não deve ser nada normal para aquelas pessoas que têm um QI acima de 140 ou de gente como Albert (Einstein), mas para a maioria de nós, meros mortais, pode ser considerado normal.

Quer uma sugestão? Desencana, relaxa, tente viver um dia de cada vez,

não se cobre tanto.

Por falar em cobrar, para este tipo de ajuda cobro US$150 a consulta. Pode me mandar um cheque se quiser.

Para assuntos da língua inglesa, não cobro, mas recomendo os meus livros. Mais ainda, pois você diz... "P/ lhe ser honesta eu leio bastante (revistas e artigos) e ja li dois livros em Inglês. Não sei mais o que fazer p/ melhorar o meu Inglês e ficar mais esperta na sala de aula. Qual e o seu conselho?" ...só posso pegar pesado. Já leu dois livros em inglês. **Dois!** Tudo isso? Parabéns! (Peço desculpas pela ironia, mas você pediu uma resposta sincera.)

Ainda bem que ela tentou ser breve, né? Sem mais comentários, exceto o de que ela nunca me pagou o cachê. Ah! E eu ia esquecendo. O original dela tinha 517 palavras, o que justifica seu uso de "imenso" no início. (Acabou aqui com 329.)

Percebi que ela usou a palavra "estoria" o que me fez lembrar um artigo que escrevi recentemente a respeito e queria compartilhar, veja a seguir.

ATITUDES & SUGESTÕES 12
Contando histórias

Em 1999, no livro *Como não aprender inglês,* teci comentários a respeito das diferenças entre *story* e *history,* já que aparentemente os brasileiros têm muitas dificuldades em discernir um uso do outro. Dei o assunto por encerrado e parti para outros rumos, pois ficou óbvio para mim que *story* é estória em português e *history,* história. Em inglês uma *story* pode ser fictícia ou real e *history* é o relato de algo verdadeiro no passado.

Mas não é que recentemente fui obrigado a reexaminar a questão, pois me foi chamada a atenção para o fato de que a palavra estória não é mais aceita pelos entendidos da língua portuguesa. Segundo Eduardo Martins, autor do excelente *Manual de Redação e Estilo* (Editora Moderna): "Estória". Em qualquer sentido, use apenas *história.* Sob história diz: Use apenas esta forma e nunca "estória". As aspas são do Eduardo. Já que não posso usar "estória" para me referir a *story* quais são os recursos que me sobram?

Vamos ver o que o *Aurélio* tem a dizer: estória. S. *f. história.* [recomenda-se apenas a grafia *história,* tanto no sentido de ciência histórica, quanto no de

narrativa de ficção, conto popular, e demais acepções]. Bem, não há nenhuma falta de coerência pelo menos, mas como explicar numa maneira fácil, quando o assunto for a língua inglesa, a que está se referindo?

Como já falei, *story* é um relato de eventos, um conto. Pode ser verídico ou fictício, usa-se a mesma palavra.

I told them the story of my life in Brazil.
(Relatei-lhes a história da minha vida no Brasil.)

I made up a story to get the kids to sleep.
(Contei uma história para as crianças dormir.)

The husband told his wife a story to try to explain why he was late, but she didn't believe him.
(O marido contou uma história à sua esposa para tentar explicar por que estava atrasado, mas ela não acreditou.)

Logicamente, a tal *story* que o marido contou pode ter sido verdadeira, ou não. Cabe a sua esposa decidir, não a gramática.

History, por outro lado, é uma narrativa de eventos; (e *a story).* Uma história cronológica dos eventos, muitas vezes incluindo comentários e explicações. Como assunto de estudo, não leva necessariamente uma letra maiúscula.

I studied European history at school.
(Estudei história européia na escola.)

The doctor took my medical history.
(O médico levantou a minha história médica.)
"You're history", said the angry wife, kicking her drunken husband out of the house.
("Você já era", disse a esposa zangada, chutando o marido bêbado para fora de casa.)

Bem, com esta baixaria vou deixar você com sua história enquanto fico com *my stories, and history,* mas, cá entre nós, inglês é bem mais prático neste quesito, concorda? Também não entendo muito bem por que existe "estória", se não é para usar - e ainda tomar espaço nos dicionários - mas que teria sido útil, pelo menos para mim, teria.

AUTOBIOGRAFIA 9: O PRIMEIRO EMPREGO

Asking only workman's wages
I come looking for a job
But I get no offers
Just a come-on from the whores on Seventh Avenue
I do declare
There were times when I was so lonesome
I took some comfort there.
THE BOXER, BOB DYLAN

Logo depois que cheguei em São Paulo estava sendo entrevistado numa empresa inglesa em São Paulo. A entrevista foi mais ou menos assim: "O que você sabe de refrigeração? Você fala português?" Menti na resposta à primeira pergunta (disse que entendia a teoria, mas nem isso entendia) e para a segunda fui sincero (não, nada). Quando quer começar? "É para já," acho que disse, pois me mandaram de trem a Barretos, interior paulista, distante pouco mais que 400 quilômetros de São Paulo, cidade famosa pela Festa de Peão de Boiadeiro. E lá fiquei seis anos trabalhando num frigorífico. Casei lá com uma mineira de Valadares e tivemos o nosso primeiro filho, Michael Henry, em 1972. (Henry era o nome do meu pai.)

Mudamos de Barretos para São Paulo em 1973, com a Lucia esperando o nosso segundo filho, Christian, que nasceu aqui em 1974, seguido por Bianca, em 1977.

O meu primeiro emprego em São Paulo era legal, aprendi muito, e o salário era bom, mas havia um porém - não pagavam em dia. Que sufoco! Foi aí que aprendi o significado de cortes na linha de crédito.

Ingressei numa empresa multinacional do ramo farmacêutico em 1974 e lá fiquei quase seis anos. Depois, em uma empresa holandesa de eletrônica, e finalmente encerrei a carreira em mais uma empresa farmacêutica. Foram 22 anos de empresas, mas em 1989 não queria voltar à indústria, então resolvi me arriscar como professor de inglês. Será que seguia a velha máxima *Those who can, do, and those who can't teach?* Não, não acredito nesta máxima, só incluí aqui para testar seu inglês. Afinal, para o aprendiz de inglês é uma frase um tanto complicada: "Aqueles que podem, fazem, e aqueles que não podem, ensinam."

Dizer que comecei a lecionar inglês é realmente um exagero. Apenas por ser um *native speaker,* um falante nativo da língua, me qualificava para ensinar?

Nem um pouco, pode crer! Não tinha um pingo de experiência em como transmitir meus conhecimentos de como a língua era falada de fato para aquele que queria aprender. Ingressei numa escola excelente e comecei o meu treinamento. Lembro de uma tarefa que a instrutora me deu. Tinha que preparar uma aula, simulando o ensino do terceiro condicional. Como eu era muito orgulhoso, não quis dizer que não tinha a mínima noção do que era tal coisa, mas tive que admitir a minha ignorância no dia seguinte. Ao aprender que era uma afirmação de algo inverídico no passado, contrário ao fato, fiquei na mesma. Mas persistiram comigo e logo consegui introduzir a minha própria realidade na sala de aula e começar a agir como professor.

53. Subject: Adorei seus livros

Aproveito a oportunidade, eu peço para você me tirar uma dúvida de verbos que, pelo menos, parece ter o mesmo significado olhando um dicionário, são eles: TO ACCOMPLISH, TO ACHIEVE, TO OVERCOME. Eles realmente são sinônimos, você poderia me informar a particularidade de cada um deles.

Os sentidos das palavras que menciona podem variar de acordo com o contexto. Sinônimos nunca são absolutos, variam dependendo do uso e da situação. Neste caso, *accomplish* é mais para executar, realizar, concluir e completar, enquanto *achieve* é mais para concluir, realizar e conquistar. *Overcome* é bem diferente, querendo dizer superar, vencer, conquistar e dominar. Logicamente há uma superposição entre os sentidos das três palavras que provavelmente não pode ser percebida pela análise simples tirada do dicionário (daí sua dúvida), mas será certamente sentida e compreendida pela leitura constante, por prazer. A leitura fornece a compreensão mais completa da língua inglesa (como fornece para mim uma compreensão cada vez maior de português).

Ler e praticar é a solução para entender e usar um vocabulário cada vez maior, e se estiver lendo com prazer, o próprio processo de aprendizagem se torna indolor e muito mais eficaz do que tentar apreender a língua questionando e consultando cada palavra individualmente. Parece-me que você, como tantos outros estudantes de inglês, procura um atalho. Em minha opinião, a leitura, por prazer, é o melhor atalho que existe. Qualquer outra forma de aprender torna-se mais demorada e trabalhosa. Mas infelizmente, para a maioria dos estudantes, esta é uma verdade que não

quer enxergar.

54. Subject: Nem sempre o dicionário ajuda!

Tento me virar com livros e confesso que nem sempre o dicionario ajuda. Por exemplo, meu noivo me disse " watch the curb" enquanto eu tentava estacionar o carro na semana passada. Entendi que era relacionado a sarjeta mas checando em portugues e em ingles no meu dicionario Michaelis pude verificar que o que se explica como sarjeta = gutter as pessoas nao conhecem como tal. Ele apontou uma casa do outro lado da rua, mostrando me um desnivel de um telhado, dizendo ser aquilo o que chamam de gutter. (1) Bem, baseado em "coisinhas" do tipo, resolvi mais uma vez perturbar voce. Aqui vai:

Como posso dizer: Esta passando tal programa na TV (so neste exato momento) (2) Tal novela passa semanalmente (3) Esta passando tal filme no cinema" (4) ou esta em cartaz" (e a mesma ex-pressao?) Por falar em estreia, tem alguma expressao pra explicar que estamos usando algo pela primeira vez (estreando ou inaugurando) (5) No Brasil a gente brinca dizendo que esta louca pra estrear o carro novo (6). Se puder me" iluminar" mais uma vez lhe serei grata.

(1) *Gutter* é uma canaleta onde corre água. A palavra serve tanto para a sarjeta quanto para a calha de um telhado. *Curb* é a guia que separa a sarjeta da calçada. Em inglês britânico a ortografia é kerb. (Fatos confirmados por meu dicionário. O seu não ajudou mesmo?).

(2) Usa-se "on". ER is on now.

(3) *That serial is on every week/That soap runs weekly.* (4) "On": *Troy is on at the movies/Troy is running this week.* (5) *Troy is showing this week* (6) *Give the new car a run/go for a run (drive) in the new car/take the new car for a spin, try out the new car,* são algumas opções.

Preciso concordar com o assunto deste e-mail (nem sempre o dicionário

ajuda), mas será que só assim é possível ajudar? Acho este tipo de pergunta típica de quem está precisando ler mais e depois de ler, ler mais e... você sabe. Este negócio de pedir a tradução de frases muitas vezes me deixa perplexo, pois não vejo nexo entre o tipo de pergunta, não há continuidade. Sinto mais uma vez que há, além de uso, um abuso envolvido. Vejamos este exemplo. A leitora faz uma série de perguntas sobre programação de atrações no cinema e na televisão. Será que não existe um site de programação dos estúdios norte-americanos e das redes de TV a cabo que inclua este tipo de informação e tipo de vocabulário? E justo agora me ocorreu uma pergunta, por sinal uma baita pergunta. Se aprendi português fazendo um monte de perguntas, por que posso achar ruim uma leitora fazer exatamente isso?! No mínimo preciso ser coerente. Bom, para aproveitar a situação, basta lembrar que o Michael Jacobs não estará sempre disponível, então é bom ir se acostumando a aprender sem ele!

55. Subject: Verb + Infinitive (x) Verb + Gerund

Há alguma explicação (uma necessidade brasileira, acho) sobre por que alguns verbos pedem o infinitivo e outros o gerúndio, ou que pode usar os dois? Procurando nos livros só achei uma lista de verbos que se aplicam a uma determinada situação ou outra.

Para evitar responder a essa pergunta... de novo, e poder deixar algo gravado para a posteridade, o que vou fazer agora é reproduzir, traduzido, um trecho de *Practical English Usage*, de Michael Swan (OUP), página 606, unidade 579, que diz:

Complementação de verbos: o que pode seguir um verbo?

1. Verbos diferentes, estruturas diferentes

Verbos diferentes podem ser seguidos por tipos diferentes de palavra e estrutura. Isto é devido parcialmente ao significado: após um verbo como *eat* ou *break*, por exemplo, é normal esperar um substantivo; após *try* ou *stop*, é natural esperar um verbo. É também parcialmente uma questão de regras gramaticais que nada têm a ver com sentidos, ou significados. Antes de um objeto, *wait* é seguido pela preposição *for; expect* não tem uma preposição. Pode *tell somebody something*, mas não pode *explain somebody something.* Alguém *hopes to see somebody,* mas alguém *looks forward to seeing somebody.* Uma pessoa *advises somebody to see the doctor,* mas outra não *suggest somebody to see the doctor.* Não há regras

simples para este tipo de problema; é necessário aprender, para cada verbo, o tipo de estrutura que o segue (o destaque é meu, Michael).

O Michael Swan então procede com quase mais 10 (dez**,** viu!) páginas de explicações pormenorizadas sobre o que pode seguir um verbo, mas não pretendo continuar traduzindo para você, nem para ninguém!

A única coisa que questiono no trecho de Michael é quando ele diz que não há regras simples. Quer dizer então que há regras complexas? Não sei não. No livro dele, que tem 658 páginas, há explicações de praticamente tudo, e se ele não nos digna nem com a explicação complexa, pessoalmente começo a suspeitar de que ela não existe. Ou talvez ele nos brinde com uma futura publicação só para brasileiros, que adoram e precisam deste tipo de coisa.

---

56. Subject: Please, help me!

Por que eu não posso responder "yes, I would", ou "yes, I could" em *requests?*e.g. Would you turn off the lights before you leave? Yes, I would. *(gramaticalmente está errado, por quê??? Quando estaria certo usar???)* (1) o correto seria: of course, sure, certainly, etc. Would you like a piece of cake? Yes, I little. Yes, I small one. (Yes, I would???) *errado por se trde offer???* (2) Em livros gramaticais como Focus on Grammar, afirma que NÃO se pode usar "would / could" em resposta a 'polite requests', mas não deixa claro o motivo. Dê-me uma luz! Please! Como explicar isso aos alunos?

(1) A pessoa perguntando não sabe se você vai concordar, portanto faz a pergunta no condicional. Quando você responde na afirmativa não há mais dúvida ou questão. Basicamente é a mesma coisa em português, não é? "Você apagaria as luzes para mim?" Você vai responder "sim, apagaria" ou "sim, apagarei"? É só pensar um pouco.

(2) A mesma coisa em português. Aqui é uma questão de boas maneiras.

Espero ter respondido adequadamente à sua pergunta. Por que você (e eles, seus alunos) não aceita simplesmente o certo em vez de procurar motivos para trás de tudo? Tenho certeza de que o seu aprendizado iria mais rápido assim, e o dos seus alunos também.

Sugiro que peça para eles procurarem o sentido de *nitpicking* nos seus dicionários. E também sugiro para tentarem entender o que os livros de gramática procuram transmitir.

57. Subject: Quando precisamos usar o apóstrofe?

Eu sei que é para indicar posse, mas eu li numa revista em quadrinhos a frase bathroom floor, não deveria ser bathroom's floor?

Estudos regulares amigo? Uma dica: talvez revistas em quadrinhos não sejam a melhor fonte para você melhorar seu inglês, principalmente ao precisar aprimorar o quesito gramática.

Os livros existem para serem usados (leia-se "lidos"). Permita-me fazer uma observação. Desde a publicação do meu primeiro livro, *Como não aprender inglês*, em 1999, tenho assumido uma missão, palavra bonita para descrever o que mais gosto de fazer, ou seja, ajudar o estudante brasileiro com seu aprendizado da língua inglesa.

Não sou o único, claro, pois há milhares de títulos disponíveis que tratam do assunto em pormenores. O que diferencia meu trabalho dos demais é que tento cobrir aqueles assuntos que não se enquadram nas dúvidas comuns, assuntos que ocorrem quase que exclusivamente ao estudante brasileiro. Sinto que as suas dúvidas não se enquadram nesta categoria, e que podem ser respondidas por outras publicações, que tratam seu assunto com muito mais habilidade e competência do que eu poderia fazer. Afinal, não preciso ficar aqui reinventando a roda, concorda? Tenho certeza de que entenderá minha posição e coloco-me à disposição para ajudar com as outras questões, a minha especialidade.

Não sei onde surgiu a bobagem de dizer que coisas inanimadas não podem "possuir" nada. *Table's leg* está OK. Também *leg of the table* e *table leg.*

Então, o *bathroom* não é "dono" de nada, apesar de o *floor* ser no *bathroom*, não é do *bathroom.* Basta usar *bathroom* como adjetivo do substantivo *floor.*

58. Subject: Articles

Podería me ajudar? Parece ser uma dúvida pequena, mas ao procurar em várias gramáticas e até em vários sites, não encontrei uma resposta satisfatória.
Quanto ao uso dos artigos indefinidos antes das palavras que começam com u. A Regra geral não é difícil, mas há palavras q iniciam com u e não colocamos o a, e sim o an e pq antes da palavra one-story building, eu tenho q colocar a e não an, seria por causa do som de anone ? Se vc conhecer alguma,gramática q possa me ajudar, eu agradeço se vc me mandar o nome. Um baita abraço (Sou sua fã) já possuo três de seus livros!!! e tenho certeza se existir mais algum eu comprarei.

Sim, você matou a charada. Nas escolas o aluno aprende que se usa *a* quando o substantivo começa com consoante e *an* quando começa com vogal. Isto é verdade apenas parcialmente, embora sirva na maioria dos casos. Mas quando o substantivo começa com vogal e esta tem som (pronúncia) de consoante, muda-se esta "regra". Alguns exemplos:

A University
An honest man
A one-hour class
A useful book
Sending out *an* SOS (Sting na canção "Message in a Bottle")
An X-ray
A European
A unit, porém, *an* underpass.

Deu para entender? *University* leva a pronúncia de *You*, a letra *h* de *honest* é suprimida, *one* tem som de w, *useful* de *you, S* de SOS tem pronúncia de *es*, *X* de *ex*, e *European* de *you* de novo. *Unit* tem a pronúncia de *you* mas *underpass* de a (andapas).

Você pede a indicação de uma gramática para ajudar nesta questão mas sinceramente acho que não é tão complexa nem extensa para justificar um investimento seu. De qualquer maneira, não costumo indicar livros e outros materiais pelo simples fato de não fazer idéia de tudo o que existe no mercado. Agora, comprar mais um ou dois dos meus livros (ou mesmo os três) sempre vai lhe valer a pena, e mesmo se já os têm, servem perfeitamente como presente para alguém querido.

E você, leitor, deu para entender também? Gostou da minha explicação? Se sim, aviso desde já que qualquer crédito não é meu, pois copiei a explicação diretamente do livro *How English Works,* de Michael Swan e Catherine Walter (OUP), apenas traduzi do inglês naturalmente, pois o Michael escreve em inglês para o mundo todo. Não que ele não pudesse ter escrito em português, ou em muitas outras línguas, pois quando o conheci pessoalmente em 2002 na conferência Braz-Tesol em Florianópolis - SC ele se interessou pelos meus livros. Perguntei se para ele não seria um problema lê-los em português, ao que ele respondeu, muito humildemente, que sabia todas as línguas românicas. Não falou com orgulho. Simplesmente citou um fato. Aprendi uma lição importante naquele momento, que nada tinha a ver com línguas.

AUTOBIOGRAFIA 10: APRENDENDO PORTUGUÊS

O meu aprendizado da língua portuguesa foi muito lento. Vim para o Brasil em 1967 e comecei a trabalhar em uma empresa de origem britânica, localizada no interior de São Paulo. No meu primeiro ambiente profissional predominava o contato com ingleses e outros executivos estrangeiros habituados a se comunicar em inglês. Foi assim também que estabeleci minha vida social nos primeiros anos de Brasil, só falando português quando precisava ir até a cidade. Alguns meses após chegar, estava tomando umas cervejas com o vice-presidente da empresa em que eu trabalhava e falando sobre as dificuldades de viver num país distante de minhas origens sem dominar o idioma local. Ele de repente me disse: *If I'd had the opportunities that you had I wouldn't have done what you did* (se eu tivesse tido as oportunidades que você teve, eu não teria feito o que você fez). Olhei para ele com certa perplexidade, pois essa divagação não tinha nada a ver com o assunto em pauta. *"What?"*, disse. E ele repetiu a frase. "Tudo bem, mas por que está me dizendo isso?", perguntei. "Michael, na minha carreira já vivi em muitos países, falo sete idiomas, e cada vez que mudo e preciso aprender mais uma língua a primeira coisa que faço é aprender essa frase no novo idioma. Tente fazer o mesmo e você entenderá com mais facilidade tudo o que virá depois.""If *I'd had the opportunitie...*" é uma frase muito complexa gramaticalmente, o que chamamos de *third conditional* (terceiro condicional).

Ela contém os seguintes *verb tenses*:

- *had had (past perfect)*
- *had (past simple)*
- *wouldn't have done (present perfect conditional)*
- *did (past simple)*

E assim fiz.

59. Subject: Good x nice

Gostaria, se possível, obter esclarecimentos básicos entre os significados existentes nas palavras good e nice.

Ao ver sua pergunta pensei "Que pergunta mais simples! Deixa comigo", mas ao pensar um pouco mais, percebi que não é tão simples como imaginava. O problema básico é que o estudante de inglês vai ouvir as duas palavras usadas como sinônimos, pois são usadas assim até por nativos da língua. Mas há diferenças que devem ser entendidas, pois talvez, na maioria das vezes, não sejam sinônimas.

O sinônimo de *good*é *right*, e de *nice* é *pleasant, agreeable, attractive* (prazeroso, agradável, atraente). Mas vamos falar dos antônimos. O antônimo de *good*é *bad* (ou wrong) e de *nice* é *unpleasant, coarse, gross, vulgar,* para citar apenas quatro (desagradável, áspero, grosso, vulgar). *Nice* implica na capacidade da discriminação, de julgamento, ao distinguir o que é muito bom daquilo que é apenas bom. *Nice* é mais específica, mais abrangente. Implica na aprovação explícita de algo. *Good* diz apenas que é bom, mas não necessariamente merecedor de aprovação. É apenas o certo, o correto. *A nice person* quer dizer que a pessoa é simplesmente agradável, não necessariamente boa. *A nice book* apenas que o livro é agradável, prazeroso de se ler, oferece algumas horas de distração sem, necessariamente, acrescentar algo (os de J.K. Rowland - Harry Potter?). *A good book,* por outro lado, acrescenta algo para o leitor. (Obviamente, você já deve ter percebido que acho que meus livros são *nice* AND *good).*

Mas, dito isso, concordo que, na realidade, muitas vezes *nice* e *good* sejam usadas para dizer a mesma coisa. E é isso mesmo na prática.

Espero ter ajudado, pelo menos um pouco. Talvez a minha resposta seja *a good answer, not a nice answer.*

60. Subject: Inglês Americano x Britânico and more...

Gostaria de abordar um assunto que volta e meia os alunos tra-zen à toma: O Inglês Americano e Britânico. Eles perguntam qual é o mais correto, eu digo que ambos são, o que muda, às vezes, é a maneira de falar e algum vocabulário. Acontece que um de meus alunos foi fazer um curso temporário na Inglaterra, e cada vez que ele falava alguma coisa tipicamente americana ele era corrigido, por exemplo, se ele dissesse faucet (torneira) o professor corrigia dizendo que não o correto é tap, tamém não admitiam a pronúncia americana. Não sei se o mesmo ocorre nos EUA. Mas é uma atidude exagerada dos professores, Don't you think so? Ainda sobre o teu último livro tu usaste traffic cop para policial de trânsito, pergunto se o mesmo termo também se aplica para o policial rodoviário que cuida do trânsito das estradas. E pelo que eu entendi Grant e scholarship podem ser traduzidos como bolsa de estudos. Há alguma diferença significativa entre eles?

As diferenças entre as duas vertentes são diversas e vão muito além da simples maneira de falar e de vocabulário. Aconselho aos estudantes a não ligar muito, senão não farão outra coisa na vida e, com certeza, vão acabar atrapalhando seu progresso. Claro, cada um faz e acha o que quer, mas sou da opinião de que não existe certo ou errado, há apenas diferenças. Usando seu exemplo de *faucet* e *tap*, diria que às vezes é útil para o aluno saber, dependendo das circunstâncias, mas corrigir? Só se corrige algo errado e neste caso *faucet* não está errado. Claro que acho um exagero no caso citado mas tudo vai depender do contexto e do objetivo da aula.

A denominação de guarda rodoviário muda de acordo com o local. A minha sugestão seria prestar bastante atenção aos filmes e seriados para perceber as diferenças.

Em termos gerais creio que *grant* é concedido pelo governo e *scholarship* pela própria instituição de ensino.

61. Subject: Dúvida

Na música de abertura do seriado "Friends" tem uma parte que diz: You're broke, your love life's D.O.A.; o que significa esta sigla?

D.O.A.? Simples. *Dead on arrival,* sigla usada para descrever uma pessoa que chegou um pouco tarde demais ao hospital. Morto ao Chegar. Não sei se temos no Brasil algo similar para descrever a situação. Você sabe?

Portanto, *your love life is D.O.A.* quer dizer que sua vida amorosa não anda, está morta antes mesmo de começar. (Parece a minha ultimamente.)

ATITUDES & SUGESTÕES 13

O comentário a seguir parece fora de seqüência por um motivo muito razoável. É fora de seqüência. Mas, se você já escreveu saberá como é difícil pegar a tesoura e cortar texto (neste caso, a tesoura é a tecla "delete". Então como acho o trecho pertinente, resolvi deixar (e o editor parece que concordou). É só lembrar que deveria ter entrado mais para o início do livro, e provavelmente seja um pouco repetitivo.

Bem, tendo dito (e escrito) tudo isso, o que vou fazer agora? Vou negar a ajudar? Claro que não, pois você vai ver que esta publicação traz mais exemplos de perguntas e respostas a respeito de inglês, mas vai muito mais fundo em relação aos meus escritos anteriores. Desde a publicação de *Como não aprender inglês* em 1999, um livro em que tentei deixar claro que a parte do aluno, ou melhor, do estudante é de suma importância no aprendizado da língua, atendo com prazer a todas as dúvidas dos leitores, porém sempre ficou na minha cabeça muita coisa a dizer, mas que evitei mencionar para, muitas vezes, não correr o risco de ofender. É claro que quem se dispor a ler as entrelinhas, as minhas dicas, as atitudes, os comentários às vezes irônicos, um pouco debochados, sabe de que estou falando, mas que nunca disse com clareza. Só que ultimamente percebo que as minhas respostas têm refletido cada vez mais esta posição, o que me levou a escrever mais este livro, pois mudei de idéia. Vou agora tentar dizer tudo o que penso. Portanto, você verá que muitas das perguntas são seguidas por minha resposta original, mas acrescentei em muitos casos uma parte extra, que é

o que eu queria dizer, mas que não disse naquela ocasião. E outras, amplamente respondidas no estilo que tenho desenvolvido mais e mais ultimamente. *Telling it like* is! Ou seja, dizendo como é na realidade. (Pelo menos na minha realidade.) Tudo que passa pela minha cabeça quando respondo a certas perguntas, mas que não tive a coragem de dizer. É claro que estando neste livro não há a identificação do leitor. E se porventura um leitor agora se identifique, bem... peço desculpas se algo que escrevi não agrada. Mas deve se lembrar que considero meu papel como alguém que está aqui para ajudar, e não necessariamente para agradar. Se eu conseguir as duas coisas, so *much the better* (melhor ainda).

62. Subject: Porque dentista é "dentist"?

Durante a aula me ocorreu uma dúvida sobre a palavra "Dentist". Se em inglês escrevemos *"tooth"* e *"teeth"* para nos referirmos a *"dente"*e *"dentes"*e escrevemos *"odontology"* para nos referirmos a *"odontologia"*, porque escrevemos "dentist" para referirmo-nos ao profissional *"dentista"?*

Pode se perguntar por que é também "dentista" em português. Daria no mesmo, não daria? A palavra vem da raiz de latim recente *dentalis* e do latim mais antigo *dens, dent - tooth* em inglês (e dente em português).

A história da palavra é interessante. *Eating, biting, teeth* e *dentists* são todas relacionadas, como é amplamente conhecido, mas a relação vai mais longe do que se pode imaginar, ou seja, as raízes das palavras *eat, tooth* e *dentist.*

A raiz Europeu Proto-Indo "ed-", significando *to eat,* e a fonte da palavra *eat,* significando originalmente *to bite* (morder). Uma forma do particípio de *"ed"* neste sentido era *dent-, biting,* que se tornou *tooth.* A nossa palavra *tooth* vem de *dont,* uma forma de *dent,* com mudanças do som que resultaram na palavra germânica *tanthuz.* Esta palavra se tornou no inglês velho/arcaico *toth* e no inglês moderno *tooth.* Neste ínterim, a forma *dent* por si em latim se tornou *dens* (raiz - *dent), tooth,* da qual for derivada a nossa palavra *dentist.* Encontramos uma descendente (sem trocadilho intencional) de outra forma Europeu Proto-índio *(o)dont* na palavra *orthodontist.*

Gostei das descobertas a respeito. Sim, descobertas; tive que pesquisar, ou você acha que sei sobre essas coisas? (Mas não contei isso ao meu leitor.)

63. Subject: Why not Brazilian sausages

Estou lendo o artigo "Why not Brazilian sausages?" na *New Routes* # 21 no qual você fala de "she" usado para navios e carros. Eu trabalhei como intérprete para dois engenheiros britânicos numa subsidiária de indústria metalúrgica e ficava intrigada ao ouvi-los usando "she" referindo-se às máquinas. Claro que questionei a razão e um deles esclareceu: "As máquinas são tão complexas e temperamentais quanto as mulheres". O que você acha? Era só brincadeira?

Outra questão relacionada ao uso de pronomes que me intriga é o uso de "it" para bebês mesmo após o nascimento, enquanto referem-se a animais de estimação como "he/she".

Continuo achando pura frescura o uso de *she* nestes contextos. Tenho a ligeira impressão de que os dois engenheiros estavam tirando um sarro de você com essa explicação meio esdrúxula. Mas quem sou eu para criticá-los? É muito difícil não saber o sexo do bebê, portanto, dificilmente vai ouvir *it.* Eu nunca ouvi. *It* para animais, tudo bem, se não souber se é macho ou fêmea. (E se você pensou *Is it a girl or a boy?* Lembre-se de que *it* é usado antes de saber o sexo.)

AUTOBIOGRAFIA 11: "ENSINANDO" INGLÊS!

Viu? Apesar dessa experiência, eu não sabia que isso se chamava terceiro condicional, ou seja, *third conditional.*

Além desse bicho de sete cabeças, havia outras nomenclaturas que desconhecia. Lembro da instrutora falando em ensinar *phrasal verbs* aos alunos. *Phrasal* o quê? Foi a minha reação. Ao explicar que era um verbo que, com a adição de uma preposição diferente, mudava de sentido; entendi. E assim aprendi sobre *modal verbs, present, past* e *future perfect tenses.* Gente, eu nem

tinha muita certeza do que eram verbos regulares e irregulares!

64. Subject: Hello

Gostaria que voce me desse uma ajuda extra. Estou mudando para a Inglaterra e meu ingles enferrujado e a minha unica forma de comunicacao da qual disponho no momento. As vezes, quando preciso falar, solto alguma bobagem e depois me dou conta de que sabia o que dizer, mas na hora nao saiu. Acabo tendo vergonha de conversar com as pessoas por causa disso. Qual e a melhor forma de transpor esse obstaculo?

A questão de sentir vergonha deve ser ultrapassada quando você adquirir mais confiança; um dia de cada vez, e logo deixará de existir. Vai por mim, please?

Acho que no fundo o que você sente chama-se medo, e isso acaba provocando a sensação de vergonha. Não precisa se sentir assim, pois normalmente estará no meio de gente que não domina uma segunda língua. Você já domina uma, o português, e estará bem encaminhada com uma segunda, no caso, o inglês. Tenha fé e sinta-se feliz pelo que já sabe e não se cobre tanto pelo que ainda não aprendeu.

65. Subject: Inglês com orientação

Estudo e ensino inglês há muitos anos.Gosto de escrever na lingua, mas encontro dificuldades que, só poderão ser superadas com auxilio de professores ou nativos da lingua,que também tenha competência para isso.Gostaria de obter informações sua de como é a sua atividade com estudantes de Inglês.

Não existem métodos milagrosos nem atalhos para desenvolver competência numa língua, e nos meus livros acho que deixo isso bem claro, tanto nas entrelinhas como diretamente também.

Para mim, aulas são apenas um complemento ao aprendizado. O

estudante deve ser muito mais estudante do que um simples aluno. Pode ser aluno por uma parte do tempo, sim, para receber principalmente orientação, mas ser estudante em tempo integral é que vai trazer progresso. Infelizmente, a maioria pensa que ser aluno - e isso implica em ter um professor, ou alguém - é o suficiente. Na minha experiência são fadados ao fracasso com esta atitude, onde transferem para outra pessoa a responsabilidade de aprender. As coisas não funcionam assim, nem para aprender inglês nem para qualquer outra coisa que valha aprender. E, afinal, há tanto para se aprender de uma língua que seria humanamente impossível aprender tudo com alguém, com uma pessoa apenas. Mas vejo os alunos esperando justamente isso; que eles irão aprender tudo o que precisam dentro de uma sala com um bom professor ou professora. E quando não acontece, culpam os outros, ao professor, a complexidade da língua alvo, a idade (jovem demais ou velho demais)... Tudo menos a si mesmos. E depois reclamam que não sabem falar, ler, escrever e entender inglês. Coitados, né? Mas pelo menos o professor ganhou seu salário. Parafraseando eu nem me lembro quem: "O professor finge que ensina e o aluno finge que aprende". E assim vão se perpetuando os mitos, com gente pagando e outras ganhando dinheiro, às vezes muito.

Recebi o seu email e agradeço sua atenção. Compreendo a sua bem colocada relação qto à diferença entre aluno e estudante. Vejo a sua experiência com estudantes parecido com a minha e, a falta de professores e escolas para vencer essa dicotomia fez com que o ensino no Brasil tivesse o pior desempenho nos últimos anos.Exs:? Os noticiários fartam de mostrar Faculdades cujos alunos não conseguem lêr e interpretar textos. Por isso, acredito, como você, que não existe métodos milagrosos e nem atalhos para desenvolver competência em uma dada lingua.

A palavra estudante, deveria assumir conatação mais abrangente, não somente para alunos e professores, mas também para todas as pessoas em atividade. O *Aurélio,* **não estabelece diferença no significado de ambas. Mas, o que motivou o meu primeiro contato com você foi o desespero, causado, principalmente, pelo conflito de lin-guas; a minha, o português, e o inglês.Desde que eu me afastei do convivio com o meu professor, e isso hà muitos anos, o meu trabalho com a lingua tem sido solitário com os livros. A polemica é viva e transformadora, o que torna o aprendizado mais seguro e lúdico. Assim,penso,o professor vai continuar sendo uma peça importante no**

jogo educacional; e aquela dicotomia que você estabelece entre aluno e estudante tem que ser superada para que o aluno-estudante tome posse do conhecimento de forma mais integral.Os livros nunca serão muitos, e o preço nem caro, se eles realmente suprem, de alguma forma, o desejo de conhecimento de quem o busca.

Concordo, em parte, mas o meu problema é que aprendi o português, até o ponto que sei, sozinho. Lógico, estando no Brasil facilitou bastante, mas o alto grau de exposição do brasileiro à língua inglesa deve garantir uma redução da necessidade de investimentos e um maior aproveitamento das oportunidades já existentes. Mas pelo jeito isso é simples demais para tantos estudantes, que preferem ser eternos alunos.

---

66. Subject: Oi

pq cuter nao dobra o t, como em bigger

Porque viraria cutter que é diferente.

---

67. Subject: I loves your book

Quando devo utilizar (Would) e (Could)? Eu tenho um livreto que mostra as seguintes mensagens...

Frase - 1 (Could you tell me...?) Frase - 2 (Would you fetch...? Frase - 1 (Você poderia dizer-me...?) Frase - 2 (Você poderia trazer...?)

Ainda não entendi quando devo utilizar Would e Could sendo que no exemplo acima significam a mesma coisa.

Realmente seus exemplos não diferenciam um uso do outro. Não sei ao certo quantos *modal verbs* existem em inglês, talvez uns vinte? Sei lá, mas juntos são dignos de até preencher quase livros inteiros. Tá! Lá vou eu exagerando um pouco de novo, mas só um pouco. Tenho um livro comigo, *Understanding and Using English Grammar,* de Betty Schrampfer Azar, segunda edição, onde o assunto toma da página 68 a 110, inclusive com muitos capítulos dedicados a *would* e *could.* Acredito que em uma edição posterior a minha, o assunto ocupe mais espaço ainda. Como se vê, a

questão é vasta e longe de mim fazer, ou tentar fazer, melhor que a autora. E, afinal, não é bem a minha praia, pois há tantos títulos na praça que eu estaria sendo pretensioso - mais do que já sou - ao tentar fazer melhor que os *experts.*

A minha sugestão seria desistir de procurar atalhos e dedicar mais tempo aos seus estudos regulares para tentar desvendar *would* e *could*, entre outros, incluindo bastante conversação com os amigos. Assim, tudo se torna mais interessante também.

E, quem sabe, ajude a evitar erros do tipo *I loves your book.* Apesar de simpático pelo sentimento, dói o ouvido.

AUTOBIOGRAFIA 12: MICHAEL E A LEITURA

Só muito recentemente percebi um dos motivos que me levaram desde cedo a ter paixão pela leitura. Como já disse, sou filho único e meus pais sempre trabalharam fora. Isto me obrigou a gastar boa parte do meu tempo sozinho em casa em Londres. Havia rádio, mas a televisão custou a chegar. E qual foi a minha diversão? Claro, livros. Meu pai lia constantemente, e eu o copiei. Havia muitos livros em casa, mas do que eu gostava mesmo eram os meus *comics.* Sim, os famosos gibis. Recebia-os em casa regularmente e eles me transportavam até aquele mundo mágico da imaginação. Não parei mais, e logo estava lendo os livros do meu pai. Boa parte do que lia não era exatamente os *classics*, que em grande parte infelizmente até hoje não li, mas serviu para despertar o interesse e criar esse hábito saudável.

68. Subject: Stone in your eyes...

Primeiro gostaria de parabenizá-lo pelo seu livro "Tirando dúvidas de Inglês". Acabei de comprá-lo e ele é fantástico. Como você me disse anteriormente o custo beneficio é excellente. Aprendi muito! Aliás, eu o li em dois dias! (believe it or not!) Percebi que neste livro, ao contrário dos dois primeiros, você esclareceu muitas dúvidas de letras de músicas. Por coincidência, meu professor deu uma música na última aula e eu fiquei desconfiado com a tradução de algumas linhas. Acredito que você possa me ajudar. A música é do "U2" chama-se

"with or without you" Aí vai a letra:

see the stone set in your eyes/see the thorn twist in your side/I wait for you/ Sleight of hand and twist of fate/And I wait for you/through the storm we reach the shore/you give it all and I want more/and you give yourself away...

Dúvidas. O que significa stone? pedra? cisco? eu aprendi no SEU livro que cisco é speck! Como traduziria a segunda linha? Veja o espinho torcido do seu lado? ou veja a pedra no seu sapato? twist of fate seria "desvio de destino"? (1) you give it all = você deu tudo? (2) and you give yourself away = você se entrega? é o mesmo que "o bandido se entregou para a polícia"? (3)

(1) Ou obra do destino? (2) Sim. Você dá tudo. (3) Não, é mais no sentido de se render espiritualmente, acho.

Você termina sua carta dizendo "acredito que você possa me ajudar". Sinto muito, mas acho que não vou poder ajudar muito desta vez. Adoro esta canção do U2, mas, ao examinar a letra, ela não é nada clara para mim. Para falar a verdade, nem sei ao certo se Bono está se referindo a Jesus, a uma mulher, ou a... sei lá. Sei que Bono tem uma enorme e inquebrantável crença em Deus, mas... devemos lembrar também que ele é irlandês, e você sabe a reputação que eles têm, não sabe? (Além de terem inventado a cerveja Guinness). *Stone set* pode ser pedra colocada como pode ser *stone* usada como adjetivo e *set* como substantivo. Algo como "olhar de pedra". Veja o espinho torcer ao seu lado, parece-me o sentido da frase *see the thorn twist in your side.*

Uma observação. As letras de música popular em inglês algumas vezes não fazem muito sentido, e ao traduzi-las para o português, acabam também não fazendo muito sentido. Não seria exagero dizer que certos *songwriters* e *singers*, ao comporem suas letras, às vezes estão sob a influência de certas substâncias ilícitas. E ainda há leitores que querem me convencer de que não sei do que falo, tentando insistentemente encontrar algum sentido em algo que literalmente não tem sentido nenhum. Veja este a seguir.

69. Subject: Saudações

Querido Michael, um prazer entrar em contato com você. Adquiri o livro Tirando dúvidas em inglês e adorei. Quanto a sua comparação com um crocodilo, descordo plenamente acho você fofinho. Gostaria de saber a tradução de parte da musica HOME do SIMPLY RED, que por sinal gosto muito. "...So fake cool image should be over. Cause I long for a felling of home..." Eu não entendi muito bem, apesar de estar no 9 nivel de inglês. Adoro esta língua, mas as vezes tenho muita dificuldade de comunicação com o professor e mesmo assim os níveis vão passando e eu vou ficando frustada achando que o que importa na verdade para a curso é o pagamento em dia.

Desculpe-me pelo desabafo sei que você me compreenderá. Aguardo resposta e agradeço.

Você não entendeu muito bem apesar de estar no nível 9? E eu? Apesar de ser inglês não sei de que nível, também não entendi. Será que *fake cool image* pode ser imagem falsa de bacana? *Should be over* deve ser acabado? Mais do que isso minha cabeça não consegue. *Long for a feeling* (acho que deve ser isso e não felling) *of home* pode ser ter saudades daquela sensação de estar em casa?

Este negócio de procurar muito sentido nas letras de música populares muitas vezes leva à frustração, compostas como são, às vezes, parece, pelo menos, por gente que, às vezes, podem ter abusado de certas substâncias ilícitas nos seus momentos de criatividade. Não quero ser chato, mas...

70. Subject: Dúvidas

O que significa a expressão *I'll go with?* (1) E o significado da palavra *dump* na seguinte frase: *I thought you and Helen were going steady. We were, but she* dumped me.(2) Mais uma dúvida, com o uso de *dump,* o que significa nesta expressão: *down in the* dumps. (3) Outra dúvida que tenho é em relação à posição dos objetos direto e indiretos em inglês. Na frase: *We bought* a CD palyer for Denise. A palavra a CD player é considerado um objeto direto, porque não vem

precedido de preposição. Denise é considerado objeto indireto, pois vem precedido da preposição for. E agora na frase: *We bought* Denise a CD player. Por que Denise é considerado um objeto indireto, sendo que não vem precedido de nenhuma preposição, somente do verbo? (4) Qual a diferença entre for e to. Gostaria que o senhor me desse alguns exemplos de verbos que são regidos por essa preposição.(5)

(1) *I'll go with* sozinho não quer dizer muita coisa (Irei com). Aliás, é uma frase incompleta que não diz absolutamente nada! Falta completar com um objeto *I'll go with* you, por exemplo. (Irei com **você).** (2) A tradução: Pensei que você e Helen estavam namorando firme. Estávamos, mas ela me deu um fora (terminou o relacionamento / deu um chute no meu traseiro). (3) *Down in the dumps* quer dizer "na fossa". (4)

As suas dúvidas quanto à parte gramatical e à análise que quer não são exatamente o meu ponto forte, não são mesmo minha praia. Acho que devem haver muitos livros de gramática que expliquem esse tipo de coisa muito melhor do que eu posso. Mas me parece que você está usando as regras e o raciocínio da língua portuguesa para tentar entender a gramática inglesa. Sabe onde isso pode te levar? No mínimo à loucura! Meu conselho é: desencana e aceita inglês como é na realidade, simples ao extremo. Essa questão das *prepositions* já coloquei no meu livro. Ocupa várias páginas, até sugiro que o leia, de preferência comprando o livro, mas se pegar emprestado de alguém para ler, não posso fazer nada (exceto chorar).

ATITUDES & SUGESTÕES 14

Leitura

"Mas o Michael é um chato", posso ouvir alguns reclamando, "só fica falando sobre a leitura, leitura e mais leitura. Já deu para cansar deste lero lero".

Sei que sou um chato quando toco neste assunto (é claro que posso ser também quando toco em outros assuntos, mas aqui você é poupado disso). Muitas vezes percebo que assumo uma postura arrogante quando fico "mandando" meus alunos, os estudantes em geral e você, querido leitor deste livro, fazerem o que determino. Vamos mudar então a palavra "mandar" para

outra mais suave: sugerir. Melhorou? Talvez um pouco.

É que não posso me esquecer por que estou escrevendo tudo isso aqui. Tenho certa experiência ajudando alunos (13 mil horas-aula); escrevi e publiquei alguns livros com o intuito de ajudar ao estudante e ao aluno brasileiro (e no início e sem querer, aos professores também), sou nativo da língua inglesa e falo razoavelmente bem o português, tenho mais de 40 anos de vivência neste país (mais que boa parte dos meus leitores), já fui executivo e empresário, sou pai e avô de filhos brasileiros, um neto e uma nesta, não sou fanático por futebol; portanto, não revelo para quem torço... enfim, tenho uma idéia do que se trata quando o assunto é o ensino de inglês.

Vou fazer uma operação agora. Vou contar quantas vezes até o momento a palavra "leitura" está inserida ao longo do texto... Deu 35 vezes! Hummm, até pensei que ia ser mais, mas mesmo assim 35 vezes não é tão pouco, concorda? Percebo, ou melhor, uma pessoa me fez perceber que, com a minha insistência neste assunto da leitura, (agora 36) corro o risco de me tornar antipático, que o outro é o outro e devo respeitá-lo, sem tentar impor a minha vontade e verdade. Sim, vejo isso com bastante clareza, portanto sou obrigado a pensar sobre qual é o meu objetivo com este livro e os outros que escrevi. Na minha cabeça não há dúvida de que a prioridade número um aqui é ajudar você, e a única maneira que sei fazer isso é recomendar o que tenho recomendado ao longo dos últimos anos. Não sei de outra maneira, mas você sempre tem uma escolha. Pode acreditar em mim e fazer, pode acreditar em mim e não fazer ou pode não acreditar em mim e fechar este livro agora. *The choice is all yours. It's up to you my friend.* E, lembre: sempre temos escolha. Em tudo.

71. Subject: Tirando dúvidas

Last night, I was preparing an English test for my high school students about Present Continuous Tense when I saw the sentence "The whole family are leaving for Japan within two weeks". I got surprised because I've never heard this before. I've been to the USA in 2000 and everybody says The whole family is leaving..., The family has... So, I looked at family up in several dictionaries and I found out that both sentences are right. You can write/say the family + singular or plural form of a verb. Is this right? I have some doubts about it. Could you explain me it better, please?

Aqui vai a minha tradução da carta (deixei no inglês original para

comentar, no fim da minha resposta, sobre as falhas, sublinhadas, da professora):

Ontem à noite estava preparando uma prova para os meus alunos do ginásio sobre Present Continuous Tense quando eu vi a frase "The whole family are leaving for Japan within two weeks". Fiquei surpresa pois nunca escutei isso antes. Estive nos Estados Unidos em 2000 e todos dizem The whole family is leaving..., The family has... Logo, o procurei família em vários dicionários e descobri que ambas as frases estão corretas. Você pode escrever/dizer the family + a forma singular ou plural de um verbo. Está certo isso? Tenho umas dúvidas a respeito. Poderia me explicar melhor, por favor?

Antes de tentar responder à sua pergunta, farei a mesma pergunta em português.

A família foi para a praia ou a família foram à praia? Família aceita singular e plural? Acho que em português só aceita a forma singular, não é?

Well, let's concentrate on English. First British English...

Espera um momento! Deixe-me responder em português para que esta resposta possa servir para uma publicação futura. Aí, eu não precisarei traduzir mais tarde. OK?

Primeiro, inglês britânico. No inglês britânico palavras singulares como *family*, *team* e *government*, que se referem a grupos de pessoas, podem ser usadas com o verbo no singular ou no plural. *This team is/are going to lose.*

As formas no plural são mais comuns quando o grupo for considerado uma coleção, ou melhor, um conjunto de pessoas fazendo coisas pessoais, como, por exemplo, decidindo, esperando ou desejando. Nestes casos usamos *who* no lugar de *which* como pronome relativo. As formas singulares (nas quais *which* seja o pronome relativo) são mais comuns quando o grupo for visto como uma unidade impessoal.

My family ***have*** *decided to move to Santos.* ***They think*** *it's a better place to live.* (Pessoal)

The average British family has 3.6 members. It is smaller today. (Impessoal)

The team are enthusiastic. (Pessoal)

A team with a good coach is more successful. (Impessoal)

Às vezes pode-se misturar:

The group gave its first concert and they are already booked up for the year.

(A banda deu sua primeira apresentação e já está lotada de apresentações.)

Exemplos de substantivos em grupos que podem levar o verbo no plural e no singular.

bank; the BBC; choir; class; club; committee; family; firm; government; jury; ministry; orchestra; party; public; school; staff; team; union; England (a equipe de futebol, a seleção).

No inglês americano, verbos no singular são normalmente usados com a maioria destes substantivos (embora *family* possa levar o verbo no plural). Mas mistura-se também.

The *team is playing in Detroit this weekend. They have a good chance of winning.*

Se algum leitor atento perceber que as minhas respostas a esta questão são familiares, talvez seja porque são baseadas no livro *Practical English Usage*, de Michael Swan (OUP). Como vivo de assuntos ligados à língua inglesa e não tenho todas as respostas para tudo (aliás, sem meus livros de referência eu estaria boiando muitas vezes), preciso consultá-los constantemente. Se eu não fizesse isso, correria o risco de dar respostas incompletas ou equivocadas. Afinal, livros foram inventados por um motivo, mas o estudante parece muitas vezes esquecer esse fato. É por isto que já escrevi em algum lugar que considero uma primeira tarefa do professor ensinar aos alunos usar um dicionário.

QUATRO ERROS BÁSICOS, O MOTIVO E A SOLUÇÃO

I got surprised.	Tradução mental de "fiquei surpresa".	I was surprised.
I've been to the USA in 2000.	Uso incorreto do present perfect. O ano 2000 é no passado, logo deve-se usar simple past tense.	I was in the USA.
I looked at family up in several dictionaries.	Separação indevida do phrasal verb "look up", e inclusão desnecessária da preposition "at"	I looked up "family" in several dictionaries.
Could you explain me it better, please?	Sintaxe errada. "Explain me"? Erro muito comum, pede para explicar a pessoa e não a situação.	Could you explain it to me better?

AUTOBIOGRAFIA 13:
ESCREVENDO O PRIMEIRO LIVRO

Comecei a lecionar inglês em 1989. Entrei numa escola muita boa, e logo após o treinamento - aliás, mesmo antes de terminar já me deram uma aluna - me soltaram por cima dos alunos insuspeitos. E aí começou a jornada. Um corre-corre sem parar por tudo que é lado de São Paulo e a grande ABCD e mais as aulas dentro da escola. (Foi com alívio que depois de anos trabalhando aos sábados, e muitas vezes domingos também, tirei um fim de semana só para mim). Empresas mil, (bem pelo menos centenas), a maioria multinacionais. Interessante é conhecer essas empresas da maneira que as conheci, pois quando se está com o aluno, a tendência é falar muito naturalmente sobre seu trabalho, sua área de atuação e, por conseqüência, passa-se a saber muito sobre a empresa e a concorrência, seus produtos, pontos fortes e fracos e sua cultura.

Foi nessa escola que acabei adquirindo a maior parte das 12 a 13 mil horas-aula de experiência que estimo que tenho no ensino de inglês, quase tudo com executivos brasileiros. Houve algumas exceções, como a vez que tinha um aluno francês, transferido para cá e obrigado a aprender, naturalmente, português, mas também contra a vontade dele, o inglês também. Foi meu aluno mais difícil?

Não sei, mas com certeza um dos. Cheio de ressentimentos, já que a língua inglesa sabidamente não é das mais queridas pelos franceses em geral e este aluno não era exceção à regra.

Bem, trabalhei intensamente nesta escola e em algumas poucas outras durante praticamente toda a década de noventa, e foi lá pelo ano de 1995 ou 1996, não me lembro exatamente, que um evento mudou a minha vida de forma profunda. Eu fazia terapia com uma psicóloga desde 1991, em grupo e individual. Aliás, já estava fazendo análise desde 1987 com profissionais dos mais variados tipos e escolas, sem, no entanto, progredir muito ou me sentir melhor com a minha vida até então. Estando muito tenso e revoltado, uma noite briguei com a psicóloga e nunca mais voltei, até encontrá-la novamente em 1999.

Não me lembro exatamente quando, questão de poucos meses apenas, mas algum tempo depois da minha explosão de raiva e ressen-timento com a boa pessoa que é a psicóloga, comecei a fazer umas anotações para ajudar os meus alunos com a pronúncia de inglês, elaborando uma relação de palavras que mais causaram dificuldades a eles, e, ao lado, uma explicação da pronúncia usando a fonética do português para ajudar. Sei que isso funcionava, pois havia feito exatamente isto em sala de aula. Palavras como *money* /má-ni/; *country* /kan-tri/; *purchase* /per-tchis/. E pretendia distribuir aos alunos mas nunca cheguei a fazer. Eu tinha também guardadas pilhas de anotações colhidas durante as aulas que, além dos erros de pronúncia, continham também comentários e correções, palavras grifadas, explicações de sintaxe, correção de gramática.

A minha lista de pronúncia foi crescendo até que um dia... a engavetei e esqueci! Passaram-se meses até encontrar a lista novamente e acrescentar mais algumas palavras colhidas das anotações. E depois? De volta à gaveta. Um dia pensei em escrever algo para explicar a diferença entre os verbos remember e *remind,* que sempre representaram dificuldade aos alunos, pois ambos podem ser "lembrar". E depois, uma explicação a respeito de nosso pãozinho francês que não é *french bread* em inglês. E assim prosseguia, entre vários outros "engavetamentos", até que um dia olhei a massa de papel na minha frente e percebi, com uma enorme surpresa: "Minha nossa! Isto tudo aqui está parecendo um livro. Pera aí! *E* um livro! Estou escrevendo um livro? Estou escrevendo um livro!". Jamais foi a minha intenção. Eu só queria ajudar.

E assim foi, aos trancos e barrancos. Tive que aprender muito -aliás, muito não, tudo - sobre como se produz um livro, desde a determinação do tamanho (14x21cm, o lado menor é sempre citado primeiro) até palavras e siglas estranhas como fotolitos, cadernos, ISBN, co-pidesque, diagramação e editoração e dezenas de outras, incluindo o layout da capa. Tudo foi extremamente complicado mas tive a ajuda de tantas pessoas, pessoas que

apareciam na minha vida na hora certa, que sem elas jamais poderia ter feito o que fiz. Uma em particular faço questão de agradecer aqui nominalmente, Cláudia Rodrigues, jornalista excelente e hoje grande amiga. Sem ela, sem a paciência dela, o primeiro livro dificilmente teria saído, e com certeza não no jeito que saiu. Brigadão, Claudia, por ter me ensinado tanto... e sobre copides- que também!

Pois é, o fato é que nunca estava sozinho. Não foi fácil não, mas foi facilitado por algo superior a mim. Fiz o trabalho, e há muitos lugares em que gostaria de ter feito melhor, mas, talvez por que havia uma necessidade de uma publicação assim, não tenho dúvida de que à medida que escrevia o livro tinha ajuda. Não posso realmente explicar esta ajuda, mas sei que a experiência não é singularmente minha. De fato, ajuda assim é, no fundo, o assunto deste livro.

Levei bem mais de três anos para "escrever" meu primeiro livro. Nem sei por que quase nunca pensei em entregar nas mãos de uma editora. Talvez porque, para mim, o projeto era meu e não queria dividir nada com ninguém. Queria aprender. Pena, pois se eu tivesse pedido mais ajuda, se *soubesse* pedir ajuda e se fosse menos orgulhoso, o produto teria saído melhor, tenho certeza, mas não o fiz. Quero aqui registrar algo que escrevi no meu segundo livro, pois permanece valido até hoje. É impressionante perceber quantas pessoas realmente ajudam a gente, quando pedimos. Quando admitimos que não somos onipotentes, que não sabemos tudo. Só precisamos um pouco de humildade.

A forma positiva como o público tem recebido meu trabalho excede todas as melhores expectativas. E isso graças a tanta gente, que eu nem teria como citar aqui nominalmente. Desejo fazer, no entanto, uma menção especial.

Eu estava com o primeiro volume deste livro pronto para a impressão. A gráfica, inclusive, já havia feito a prova heliográfica, a impressão azulada e com cheiro de amónia que mostra, em parte, como o livro ficará depois de pronto (acabei conhecendo essa parte técnica na marra). Aí o trabalho empacou, num lugar-comum - a falta de dinheiro.

Eu estava endividado e sem recursos para continuar o projeto. Pedi empréstimos aos amigos, mas eles também já tinham investido tudo o que podiam no livro. O que fazer? Já quase no desespero, lembrei-me do pai de uma ex-aluna, que se tornou minha amiga. Conversei com ela. Luz verde. Embora não o conhecesse pessoalmente, concordou em me receber, e lá fui eu com a minha heliográfica nas mãos.

Fui recepcionado por uma pessoa elegante e bonita. Não apenas na aparência, mas principalmente no espírito. Aquele homem que não me conhecia, ouviu pacientemente a minha história e se identificou com ela. A mãe dele, também escritora, havia falecido antes de ver a sua obra publicada. Coincidentemente,

nossos caminhos se cruzaram, pois ele estava editando com muito esmero e acabamento perfeito a obra de sua mãe para ser distribuída aos membros da família.

Estimei o valor necessário para ter o meu livro pronto, e ele perguntou quando eu poderia devolver o dinheiro. Em um mês, respondi. Após alguns segundos, disse-me que emprestaria 50% a mais do que eu havia pedido, e que eu poderia devolver-lhe em três meses, sem juros.

A única exigência foi o meu comprometimento de fazer uma doação referente a 10% da quantia emprestada a uma instituição de caridade de minha escolha. Ele faria o mesmo com a parte devolvida. Saí de lá diferente, transformado com o exemplo de simplicidade e fé daquele homem. Com um gesto ao seu alcance, ele conseguiu ajudar não só a mim, mas também a duas instituições de caridade, à gráfica que aguardava um sinal, e, em última instância, a você também leitor. Graças a ele pude publicar o meu primeiro livro. Essa lição valeu muito para mim.

Dizer obrigado é pouco, muito pouco, diante da grandeza do gesto que permitiu a materialização de um sonho, um ideal, e hoje me sinto recompensado, e compartilho com ele esta felicidade. Uso muito o pronome "ele", pois tenho certeza de que, pela sua humildade, jamais gostaria dever seu nome aqui mencionado. Ah! Consegui pagar o empréstimo em apenas 60 dias!

Após ter tido a ajuda financeira que precisava, encomendei 5 mil exemplares na gráfica, que até então só produzia obras religiosas! Os 5 mil chegaram da gráfica em minha casa no dia 26 de março de 1999, aniversário da minha chegada ao Brasil. Olhei este montão de livros e pensei: "E agora? O que vou fazer com quase uma tonelada e meia de papel?" Foi quando procurei a Disal, uma distribuidora de livros da qual tinha ouvido falar. Fui recepcionado por Sr. Renato Guazzelli, que olhou o livro por alguns segundos e perguntou o preço. Gelei. "Boa pergunta", pensei, pois não havia chegado tão longe no meu raciocínio. Sugeriu uma figura acima dos R$30, mas até eu sei o valor psicológico do numero 9 nestas ocasiões e fechamos em R$29. Ele pediu cinqüenta! Já havia vendido meu primeiro livro! Que alegria. Mais aí veio a má notícia. Ele queria um desconto e tempo para pagar. Como eu não estava acostumado com essas coisas concordei sem piscar. Só chorei por dentro.

Mas espera aí! Estou me esquecendo de algo muito importante neste relato que estava acontecendo paralelamente. Deixe-me contar este "detalhe".

Quando o "livro" estava tomando forma, estava numa versão impressa em Word, sem a capa que mais tarde se tornaria tão comentada, mas a diagramação estava feita, mostrei para um grande amigo, Paulo Freire. Paulo sempre atuou na área de marketing farmacêutico e sabendo do meu projeto, gentilmente aceitou

meu convite para nos encontrar para ele ver o trabalho. Enquanto ele lia estranhei, pois estava lendo um tempão, muito maior do que o necessário para uma avaliação. Depois de uma meia hora, ele se desgrudou das páginas, obviamente impressionado, e explicou que estava para apresentar uma proposta no dia seguinte a uma empresa do ramo farmacêutico, propondo sugestões para brindes, mais ou menos baratos, para médicos; cardiologistas, psiquiatras e clínicos em geral. Escutei em silêncio, mas pensei: "O meu livro... como brinde! O meu nobre e fantástico livro... apenas um brinde? Um *free gift, a giveaway!"*. Tive muita dificuldade com a idéia, até que ele mencionou a quantidade. Trinta mil. Pensei por um longo tempo - dez segundos? - e concordei. Foram vários meses de negociação, mas deu tudo certo, e o laboratório ainda pediu mais, pois tinha mais gente que também queria um exemplar. Acabou comprando quase 40 mil exemplares. Nada mal para divulgar as boas novas. É claro que tantos exemplares acabaram espalhando e semeando estas boas novas aos quatro cantos do Brasil, aumentando as vendas dos exemplares "não laboratoriais". Assim, fui catapultado aos holofotes.

Mencionei anteriormente a capa e é interessante também a história atrás disso. Eu pensava em algo que mostrasse a mistura de línguas que o estudante faz automaticamente, com muitos erros puxados pela influência natural do português. Fui apresentado ao Leonardo que me apresentou uma imagem simples, apenas o Cristo Redentor, na frente naturalmente, com as torres gêmeas do World Trade Center no fundo. Perfeito! A Estátua da Liberdade e Ipanema vieram depois. Lembro de ter olhado encantado a imagem por uns dez minutos. Este ato de criação do Leonardo me tirou o fólego *(it took my breath away).*

72.Subject: Conch

Teacher Jacobs, Please what does "conch" means?? (a tipical snail - like see animal, or its flesh eaten as food, or its shell).

Pergunta interessante. Você me pergunta o significado de *conch* mas também me diz o que é, respondendo à sua própria pergunta. Se quiser me testar, não deve me dar a resposta. Se quiser saber o que é em português, a resposta é *concha de molusco*, ou *molusco, especialmente o gênero Tritão.* Não entendo muito bem por que você mesmo não checou no dicionário, pois é mais que óbvio que sabe usar. É claro que não posso saber por que precisa desse tipo de coisa, mas sinto que talvez poderia se beneficiar mais, grafando *typical* e *sea* corretamente, bem como corrigindo a

gramática na pergunta *What does conch mean?* - sem "s".



Vamos melhorar o inglês dele? Este uso de Teacher Michael primeiro. Tão comum, mas tão errado. Não se traduz Professor para *Teacher,* simplesmente trocando as palavras ao se referir à pessoa. *Teacher Michael,* ou quem quer que seja, não existe. Você pode se referir ao professor, chamando ele de "Teacher", como em *Teacher, I've got a problem. Can you help me?*Mas não se chamaria o professor usando *teacher* seguido pelo nome. Não se for nativo de inglês pelo menos. E o que se faria então? Simples. Usa-se Mister. *Mr. Jacobs, I've got a problem.* Se o professor for um doutor, pode dizer: *Dr. Smith, can you help me please?* Lembre que *professors* são a classe universitária que ensina em universidades. Eu, Michael, não sou *professor.* Sou *teacher,* ou *instructor.* Outro erro comum na carta do leitor é a famosa, ou melhor, notória colocação de "please", como tradução ao pé da letra de "por favor". Funciona de uma maneira diferente em inglês. No caso aqui, ele poderia ter dito *Michael, could you please tell me what "conch" means?*

E para aqueles que acham que sei tudo, ou pelo menos muito, eu não fazia idéia do que era um ou uma *conch.* Mas molusco ainda passava.

SPANGLISH

"Spanglish", ótimo filme de 2004 estrelado por Adam Sandler e Paz Veja, no papel de Flor Moreno, uma imigrante mexicana nos Estados Unidos que se dedica a aprender inglês. (O título é a mistura das palavras *Spanish* e *English*.) Achei interessante que a moça é vista perguntando um monte de vezes, "Como se fala 'tal coisa' em inglês?" e, com fones de ouvido e livro nas mãos, repetindo frases em inglês, vai aprendendo. É assim que se faz, gente, pois ela, em menos de 131 minutos, aprende inglês. Eu achava que demorava mais, mas vivendo e aprendendo... não é?

Oh quê? 131 minutos é o tempo do filme, e não o tempo real? Ah! Entendi. Mas mesmo assim ela parece aprender rápido quando se dispõe a fazer para valer. Antes disso, parecia meio sonsa nesta questão. Parece comigo ao aprender português. Nunca freqüentei uma escola e nunca tive aulas, principalmente porque estava ocupado demais fazendo perguntas, lendo, consultando meu dicionário, e tentando entender o que as pessoas estavam dizendo. Pelo resultado e os erros que ainda cometo você pode dizer que é até óbvio, como quando eu

disse para meus filhos, não faz tanto tempo assim, querendo impressioná-los, que eu tinha varrido a noite trabalhando. Para não perder a oportunidade de tirar uma, todos fizeram o movimento de varrer o chão, dizendo: "Papai varreu a noite, rsrsrs."

Nada tenho contra aprender inglês numa escola, só estou dizendo que pelo menos eu e Flor Moreno não sentimos a necessidade de nos matricular. Mas questiono a singularidade, a exclusividade, dessa opção. O brasileiro, pelas minhas observações, ao pensar em aprender inglês, em dois nanossegundos a sua mente automaticamente vai para o menu:

Inglês

- dinheiro para a escola - muito,
- dinheiro - inglês - escola, dinheiro (pouco no bolso),
- livros = muito dinheiro,
- materiais, muito dinheiro,

e assim, sucessivamente. Só $$$$$$$$$$$$. E confrontado com esse "fato", já está a meio passo de desistir, muitas vezes convencido do que sem dinheiro não há jeito.

Gente! Não é necessariamente assim. Em primeiro lugar, vejo isso como, muitas vezes, mais uma questão de cultura. Você pode ser aluno ou estudante. Eu e a Flor fomos estudantes. Lembra-se da minha definição? O aluno preciso de alguém. E isso muitas vezes se transforma, em vez de "ensina-me inglês", "aprenda-me inglês". Impossível, tanto gramatica-mente como na prática.

Vi isso ilustrado nesses dias em duas ocasiões distintas. A primeira foi com uma mãe e filha. Após a mãe ter dado o almoço à filha, que almoçou sentada no sofá assistindo televisão, a mãe recolheu o prato dela do chão, com a advertência de que ela precisava descansar. A filha tem 13 anos de idade e nenhum defeito físico ou mental.

O segundo é um rapaz que conheço, que tem um relacionamento peculiar com seus dois filhos. Parece mais garçom que pai. Faz tudo para eles, coloca no prato, só falta colocar na boquinha. Depois recolhe os pratos e os lava. Não sei com que idade vão aprender a lavar louça finalmente, se é que um dia vão aprender. E falo só de lavar louça. E para outras responsabilidades maiores? Será que os três jovens mais tarde terão iniciativa de aprender inglês (ou qualquer coisa) sozinhos? De se virar? Ou vão procurar uma escola, na esperança que mamãe professora ou papai professor vão alimentar as palavras na boquinha, tal qual a mãe pássaro alimentando os filhotes com minhocas? Os filhos vão esperar

isso? Os filhos saberão *de fato, na prática,* fazer de outra maneira? Creio que atitude é a palavra mágica. Esta e ação. Atitude e ação de quem está querendo aprender.

Mas enquanto essa atitude não domina, por parte do aluno, as escolas vão cumprindo seu papel nesta nossa sociedade capitalista. Mas será que capitalismo dispensa o dono de um negócio de ter competência no ramo escolhido?

Recebi a visita em casa outro dia de um senhor que já conhecia, me avisando que havia desistido da sua escola de inglês franqueada. Problema de muita concorrência, disse. Mas ao procurar saber mais, ele disse que tinha dificuldades de administrar a escola, pois como não falava inglês, tinha dificuldade de realmente avaliar os resultados e resolver os problemas. É como se eu quisesse fazer sucesso abrindo um salão de cabeleireiro franqueado.

Para mim soa incoerente tentar administrar uma escola de inglês sem saber o assunto básico, mas quem sou eu para criticar se eles querem ficar ricos? O que eu sei? Nunca fiquei rico.

AUTOBIOGRAFIA 14: O TÍTULO

E o título? Por um bom tempo chamei o livro simplesmente de *Como aprender inglês.* Até que certo dia um grupo de professores e alunos se reuniram em volta de uma mesa de bar para relaxar depois de mais um dia de trabalho árduo (já me perguntavam se eu apenas lecionava inglês ou se eu trabalhava também, como se lecionar inglês fosse apenas hobby), e eu estava com um exemplar do "livro" sobre a mesa, onde eu tinha deixado "por acaso". Juro que não estava querendo chamar atenção à minha criação (e se você acredita nisto, deve ainda acreditar em Papai Noel e no coelhinho da Páscoa também). Uma professora perguntou de que se tratava e respondi, tentando demonstrar o máximo de humildade (e fracassando redondamente), que era meu livro, *Como aprender inglês,* disse ela, lendo o título. Aí, pensei com meus botões: "Não é *Como aprender inglês",* pois se trata de erros comuns, e como evitá-los, é mais *Como não aprender inglês.* Havia uma caneta vermelha na mesa, estranho como isso pode ser, peguei-a e fiz a flecha em forma de "V" e inseri a palavra "não". Assim, nasceu o título que permanece até hoje, apesar de ter sido aconselhado por muitos que um livro que inclui uma palavra negativa no título jamais acharia a simpatia do público.

Bem, tanto o volume 1 quanto o volume 2 tinham que acabar após os eventos de 11 de setembro de2001 (9/11 ou *nine eleven,* como a gente fala em inglês). Não sei até hoje até que ponto Osama e seus comparsas foram inspirados nos meus livros. Espero sinceramente que eu nada tinha a ver com os ataques.

ATITUDES & SUGESTÕES 15

Aqui vai uma novidade. Uma resposta sem pergunta. Procurei nos meus arquivos até cansar mas não achei a pergunta, só esta resposta. E não me lembrava, nem da pergunta e nem da resposta. Mas achei interessante o que escrevi (claro, né? Sou escritor, e qual o escritor que não acha interessante - no mínimo - aquilo que escreve?), então convido você a imaginar a pergunta que caberia aqui.

E o que você pode fazer? Acho sinceramente que você deve parar, pensar e fazer as seguintes perguntas: "Eu preciso mesmo de inglês? Como seria minha vida se eu não falar inglês, nem hoje, nem amanhã? Será que esta tal de febre de falar inglês é realmente tão importante para minha vida, ou estou procurando sarna para me coçar? E se eu não falar inglês vou morrer? Passar fome? Ficar sem trabalhar pelo resto da minha vida?".

São perguntas importantes, e muito sérias. Vamos ver por quê. Tenho visto alguns casos em que o estudante lamenta a falta de oportunidades profissionais, de avanços na carreira, tudo devido a uma suposta falta de domínio da língua inglesa, mas ao mesmo tempo percebo certas atitudes que também poderiam estar atrapalhando sua ascensão profissional e pessoal, tais como nunca chegar na hora para as aulas, viver cancelando aulas por estar atarefado no trabalho, não demonstrar um mínimo de interesse no processo, não fazer sua lição de casa. Não é raro achar que a vida não lhe proporciona aquilo que acha que merece. Mas culpa a falta de inglês! Pode acreditar, já vi isso muitas vezes. E já que toquei no assunto da assiduidade na freqüência às aulas, uma vez fiz uma enquete com professores de inglês e concordamos que em torno de 40% das aulas para as quais estávamos recebendo na época, não foram efetivamente dadas, devido a cancelamentos nas últimas vinte e quatro horas. Quarenta por cento, gente! (Mas cá entre nós, estar na cama, de preferência não sozinho, num dia frio, e de chuva, sem precisar levantar, e saber que está ganhando dinheiro honestamente... que sensação ótima! Pois é, ser professor de inglês tem suas vantagens.)

Sabe, descobri uma coisa importante a respeito do que venha a ser uma pessoa madura e uma imatura. Uma pessoa madura não fica sentada na b-n-a reclamando das coisas. Ela toma decisões completas, seja para estudar inglês, seja para usar seu tempo para fazer outra coisa produtiva. Mas não reclama. Sabe como se falar "círculo vicioso" em inglês? É quase a mesma coisa: *a vicious circle*. E se eu continuar a falar e a escrever sobre isso, será um aqui também.

ATITUDES & SUGESTÕES 16
COMO O TÉCNICO DE COMPUTADORES APRENDE

Sou técnico em informática e pela minha profissão um dos requisitos desejáveis é o domínio da língua inglesa, mesmo sabendo disso fui empurrando com a barriga e me virando com o inglês aprendido na escola.

Em meados de 2003, tive a sorte de atender a um chamado técnico do Professor Michael e ao final daquele atendimento ele me deu de presente dois volumes de *Como não aprender Inglês* e a partir da leitura desses livros resolvi aprender inglês.

Pois bem, comecei achando que podia ler alguma revista com o meu inglês de escola e comprei um número da *Time;* tentei ler e não consegui.

Passei algum tempo pensando se iria entrar em alguma escola, mas com meus horários atrapalhados eu não conseguiria freqüentar e acabaria deixando de lado.

Então cheguei à conclusão de que iria aprender sozinho.

Para fazer isso, concluí que iria repetir tudo o que fiz quando aprendi minha própria língua.

Na primeira etapa, comecei a ler gibis em inglês, exatamente os mesmos que li quando criança; como eu era fã do "Fantasma" ou "Ghost who Walks", naturalmente esses gibis eram histórias que eu já conhecia.

Pois bem, hoje tenho 1400 revistas do "Fantasma" todas lidas e relidas.

Bem isso começou a ajudar pois, surpreendentemente, após esse estágio eu já começava a compreender melhor a língua.

Na segunda etapa, comecei a reler todos os clássicos que havia lido na juventude, li todos os livros de Julio Verne, do *Tarzan* de Edgard Rice Burroughs, as obras de H.G.Wells, e *Hércules, Cabana do Pai Tomás, Letra Escarlate, Huckeberry Finn* e muitos outros.

Neste ponto eu já estava preparado para reler literatura adulta e optei por livros de ficção que também já havia lido, todos os livros de Frederick Forsythe, Eric Ambler, a maior parte da obra de Aghata Christie, P.D. James, John Le Carre, Leon Uris e outros.

Durante todo o tempo sempre lendo livros que já havia lido e enquanto lia grifava as palavras que não entendia e após a leitura eu revisava essas palavras para saber o significado correto.

No começo eu grifava uma média de 10 palavras por página, hoje, grifo 10 palavras por livro, quando muito.

Lembrando sempre que até esse ponto eu apenas li em inglês livros que já havia lido e já conhecia a história.

Já haviam passado cerca de dois anos desde o primeiro encontro com o

Professor Michael.

Na terceira etapa eu comecei a ler os chamados pockets books, inéditos e obras de não-ficção.

Neste ponto percebi que já lia tão bem em inglês quanto em português, mas havia uma falha: eu não conseguia entender muito bem o inglês falado.

Para passar a entender o processo foi o mesmo, descobri na internet o www.gutenbergproject.org, um site gratuito onde você pode baixar literalmente milhares de livros sem custo algum, e por acaso eles começaram também a fazer audiobooks gratuitos.

Assim, comecei a escutar no iPod todos os livros que já havia lido, resultado após uns 40 livros eu estava entendendo qualquer coisa que ouvia. Utilizando o iTunes, comecei a ouvir programas de rádio americano e comédias (imaginem na internet podemos encontrar até aulas da Universidade de Stanford, e de graça).

Hoje tenho alguma dificuldade para falar devido mais à timidez que à falta de conhecimento.

Agora estou revisando a gramática pois estou em uma fase que sei que determinada frase está errada sei qual é a correta, mas não sei por que, gramaticalmente.

Ramón Monte Mór

73. Subject: Garage

Deixa eu abusar um pouquinho e te perguntar uma coisa: aprendi inglês basicamente no "cinema" assistindo o mesmo filme 5 vezes sem ler as legendas (graças ao benefícios da carteirinha de estudante) e também lendo muito e de tudo um pouco. Aí, sempre que cruzava o caminho de um gringo eu já dava um jeitinho de puxar conversa. Assim venho fazem uns bons anos. Só que agora tenho um problema que muitos dizem não ser um problema, mas que me incomoda bastante. A questão do sotaque.

Não que eu queira falar como um nativo ou algo do gênero. O problema é que em uma mesma frase eu digo coisas na forma britânica e também na americana, misturadas!!! Por exemplo, "Garage"... essa palavrinha têm pronúncias muito diferentes nas duas línguas não tem? Outros exemplos seriam "either", "neither", "direct" e por aí vai... Há algum meio de corrigir isso? Há diversos complicadores como "qual forma adotar"! Você conhece algum meio de ao menos, atenuar o problema?

A questão de "garage" pode realmente confundir. Na Inglaterra uma garage, que normalmente leva a pronúncia de /gá-wridj/, pode ser uma oficina mecânica, um posto de gasolina, a parte de um prédio ou casa se onde guarda um carro. Nos Estados Unidos pronuncia-se /ga-wrárj/ ou /gá-wrardj/ e refere-se ao lugar para estacionar um ou mais veículos. Às vezes a uma oficina mecânica também, mas é mais raro.

Neither se pronuncia /ni-tha/ ou /nai-tha/, tanto faz, e seja onde estiver. Sugiro que use a pronúncia que mais lhe convenha.

Tenho a nítida impressão de que só o estudante brasileiro de inglês se preocupa com essas pequenas diferenças. O nativo nem percebe. E se ouve duas pronúncias diferentes por aí, nos filmes, nas músicas, nas bocas de professores, etc., acho que pode presumir que há de fato duas. É só pensar um pouco e verá a simplicidade desta afirmação. Portanto, não há como atenuar o "problema" nem corrigir algo que não está errado. A mesma coisa se aplica a direct, /di-wrekt/ ou /dai-wrekt/.

74. Subject: Once more (Changed!)

1) Estes dias no meu curso de letras estavamos conversando sobre a pronuncia de 'AUNT' e 'ANT'. Eu sempre identifiquei uma diferença entre elas, mas para outras não há diferença, nem nos diciona-rios. Até meu professor que morou na Inglaterra e nos Estados Unidos ficou surpresa também.

As pronúncias de *ant* e *aunt* em inglês americano são basicamente as mesmas, levando em consideração as diferenças regionais. Parecem com o "ant" do meu segundo nome, Anthony. No inglês britânico, *aunt* leva a pronúncia de contração de "are *not: aren't,* or /arnt/.

Questão simples e não a teria incluído aqui não fosse pela oportunidade de fazer uma brincadeira para treinar a pronúncia.

Ants have aunts too.

Ants aren't aunts if they're uncles.
Aunts aren't ants if they're women.
My aunt's ants aren't going away.
The aunts of Anthony's ants aren't really aunts.

Todas gramaticalmente corretas, embora, preciso admitir, não tenha conseguido exemplos que fizessem muito sentido. Quer uma tradução? *(Just Kidding.* Por favor, não leva essa pergunta a sério).

77. Subject: Muito obrigado!

Olá professor, esta não é a primeira vez que que mando-lhe um e-mail, acredito que já mandei umas duas vezes há um tempo atrás, espero que ainda tenha meu e-mail salvo em sua lista de contatos.

Na verdade este e-mail não é para que você tire uma dúvida minha, e sim para que leia e dê sua opinião a respeito do meu aprediza-do de inglês.

Li seu último livro (acho que é o último), Tirando dúvidas de inglês, em especial o penúltimo capítulo (Orientação), o que você escreveu neste capítulo me fez abrir a cabeça, ampliar minha visão em relação a um bom apredizado de inglês, o que até então nunca, nem meus próprios professores de inglês tinham parado para me dizer isto.

Concluí que para qualquer aluno que não seja nativo de um país de língua inglesa, seja ele qual for, para adquirir uma boa *listening comprehension,* **um bom vocabulário e a fluênciana na língua desejada, precisa acima de tudo dedicação, força de vontade e interesse de aprender, você pode estar achando que parece óbvio, mas eu vou lhe contar o que aconteceu comigo.**

Confesso que não me considero um aluno esforçado, e sim acomodado. Estudo inglês há quase sete anos e meio, e desde quando comecei a estudar (ainda um pouco jovem aos nove anos), eu achava que apenas as duas aulas semanais de uma hora e meia que o curso me oferecia, seriam suficientes para eu "sair" da escola com todos aquelas capacidades que eu já citei acima. Na verdade é isto que as propagadas de marketing e às vezes até os professores "pregam", todo aluno que cursar seus cursos sairão de lá com o inglês na ponta da

língua.

Hoje eu sei que o fato de meu inglês não estar melhor é porque eu nunca tive incentivo e estímulo por parte de meus professores para que estudasse em casa, como ouvindo músicas tentando entender suas letras, assistindo filmes, em fim praticar o que você aprendia em sala. Sempre só fui prendido em casa estudando inglês através das tarefas, que não são e nunca serão o milagre que todos nós queremos.

Você me abriu os olhos e me fez enchergar as verdades e "segredos" para um bom aprendizado de inglês, só depende de você, e não só da escola e de seu professor como eu achava (é claro eles são degrais importates para você chegar ao topo de uma montanha). Muito obrigado por ter me dito o que há sete anos atrás eu deveria ter ouvido, agora o que tenho a fazer é correr atrás do tempo perdido.

Li com bastante interesse seu e-mail. Fico muito contente em saber que pude contribuir um pouco com seu despertar e progresso. Como você deve ter percebido, a atitude que está demonstrando se aplica também a um sem-número de outras atividades e áreas da vida. Aliás, eu diria a todas as áreas. Então, se quiser a minha opinião, é isso: vai fundo, continue fazendo o que já descobriu, e os resultados virão naturalmente - com a língua inglesa e com qualquer outra coisa que desejar. Só lembrando que você pode fazer **qualquer coisa** que quiser, só não pode fazer **tudo** o que quer.

AUTOBIOGRAFIA 15: TRABALHANDO CEDO

I'm a-lookin' for a job at honest pay,
I'm a-lookin' for a job at honest pay,
I'm a-lookin' for a job at honest pay, Lord, Lord,
An' I ain't a-gonna be treated this way.
Woodie Guthrie, "Goin' Down the Road Feelin' Bad"*

Recebi um e-mail de um leitor se identificando como operador de máquina, e que estava se esforçando muito para progredir com o inglês. Lembrou-me o início de minha "carreira". Já escrevi antes que meu primeiro emprego foi de *paper boy* - entregador de jornais, dos 10 aos 13 anos de idade. O segundo foi

por dois anos, o de entregador de frutas e legumes. Pedalava uma bicicleta daquelas de uma roda pequena na frente com uma cesta enorme para carregar as caixas de madeira para efetuar as entregas. Haja pernas!

O próximo emprego foi em uma lanchonete. Servia hambúrgueres, milk shakes e outras coisas tão saudáveis quanto. Depois de um tempo me mandaram para a cozinha - não para cozinhar. Mandaram-me para a parte em que se lavava a louça. Louça, pratos, copos, talheres, etc. Que saco!

Comecei a trabalhar como aprendiz numa fábrica. Primeiro D. Napier & Sons, depois Rolls Royce e finalmente CAV Ltda.

Em seguida, trabalhei como *toolmaker* em duas empresas, e só parei para vir aqui para o Brasil.

Aos 18 anos, já trabalhava em um pub britânico. Lembre-se de que pub é *short for Public House*. Lá continuei meu aprendizado com o copo, bom britânico que eu era.

76.Subject: Oi amigo Michael

Meu nome é *****, sou estudante e adorei seu livro ("Como** não **aprender Inglês"), saiba que ele está sendo uma grande alavanca para o meu ingles, (que é basico). Estudo só e tenho muitos livros de estudo e gramática. Bem! O meu problema é, entendo o que as pessoas falam comigo em Inglês, mas minha maior dificuldade é responder as perguntas que me fazem e escrever, perdoe me a minha ignorancia professor pelo que vou perguntar agora, mas o senhor poderia me dar uma ajuda com o meu problema, ou até masmo algumas dicas?.**

Parabéns pelo seu progresso com a língua inglesa. Pois é, parabéns mesmo, já que entende o que as pessoas falam. Sabe, o aprendizado de uma língua segue os mesmos passos de quando aprendemos a nossa língua materna, ou seja, primeiro entendemos, depois repetimos (a fala), e só bem mais tarde entramos na escola e aprendemos primeiro a ler e só por último a escrever. Isso mostra que você está bem posicionado. O que me parece, no entanto, é que está impaciente e quer dominar tudo desde já, não é mesmo? Infelizmente, no mundo real as coisas não acontecem como gostaríamos; não há atalhos, pílulas mágicas nem soluções milagrosas que substituam o esforço próprio. Falei infelizmente, mas na verdade a palavra certa é felizmente. Felizmente para as que querem crescer de verdade, e infelizmente para as preguiçosas.

Quanto às dicas, só posso recomendar o que já escrevi nos meus livros até hoje, especialmente no seu caso *Tirando dúvidas de inglês*, na parte referente às atitudes e orientação.

Interessante como este tipo de e-mail restaura meu ânimo.

77.Subject: Pronunciation question

Por favor me responda uma pergunta que sempre me confunde, e nao acho explicado nos livros. Quando é que "A" ou"AN" tem o som de /ei/ e/ou /aen/? E quando "THE" tem o som de /thi:/? Há uma regra ou é apenas um detalhe inútil?

Vai ser difícil achar algo nos livros, pois cada caso é um caso. Não há regras. Não considero um detalhe inútil, apenas sem resposta. A pronúncia varia de pessoa a pessoa, de local a local, região a região, país a país. Outro forte fator é a ênfase que a pessoa está dando no momento de falar, até a emoção do momento terá uma influência. Posso sugerir que preste atenção aos filmes, às letras de música e às conversações do dia-a-dia e imite o que ouvir? Tenho certeza de que assim ficará mais fácil para você do que tentar ensaiar e decorar um jogo de "regras", mesmo que estas existissem.

Você não é a primeira a fazer essa pergunta e, como tenho respondido a outros leitores, honestamente acho que essa necessidade do estudante brasileiro de encontrar regras, lógica e explicações para tudo relacionado ao inglês é algo que atrapalha e impede o aprendizado, tornando o que é basicamente simples em algo complicado. Também acho que essa busca por regras é semelhante à busca por atalhos no aprendizado de inglês, chinês, ou qualquer outra coisa. Simplesmente não há.

80. Subject: Fun/funny

Oi Porf. Michael

Comprei seu livro "Como (não) aprender Inglês" e estou adorando! ë **um livro riquíssimo e interessante, com linguagem**

acessível e exemplos reais.) By the way, vi sua entrevista no Jõ. Muito boa.Tenho uma dúvida e não consegui me satisfazer com as exlicacões encontradas:

Fun (adj. enjoyable) Funny (adj. engracado) até aqui Ok. O problema é com o superlativo: Funny - funniest "She is the funniest girl..."BUT: "Cali - The most fun city in Columbia." Por que não: The funniest city em Columbia?

Quanto à sua dúvida, você está parcialmente certa, mas deve se lembrar que *fun* é basicamente um substantivo, significando diversão. *Funny* é adjetivo e quer dizer engraçado ou esquisito. Um sinônimo é *weird*. O sentido de *funny* vai depender do contexto.

I don't think Sergio Malandro is funny, querendo dizer que não acho nada engraçado naquilo que ele faz.

I think Sergio Malandro is funny, ou seja, acho ele esquisito pra caramba! Deu para perceber a diferença?

Nas últimas décadas, talvez começando nos anos setenta, os americanos começaram a usar *fun* como adjetivo também para divertido, *a fun person, a fun time, a fun city,* assim dizendo que uma pessoa é divertida, a balada foi divertida, a cidade, o local são ótimos. Lembre-se de que temos um *fun fair* que é parque de diversão/diversões.

A frase *She is the funniest girl* deixa uma pergunta pairando no ar: ela é esquisita ou engraçada? Não dá para saber. Esta dúvida também se levanta entre nativos da língua inglesa, às vezes provocando a pergunta: *Funny? Do you mean funny haha or funny peculiar? (Funny?* Quer dizer funny de haha (risos) ou *funny* esquisito?). É claro que temos o mesmo coisa em português com engraçado e engraçada.

A propósito, não sei quem você viu no programa do Jô, qual outra pessoa linda, maravilhosa, inteligente e engraçada (haha) que viu, mas ainda não fui convidado para ir. Quem sabe um dia?

AUTOBIOGRAFIA 16: MUSIC

Offspring

Ah, it's time to relax and you know what that means a glass of wine, your

favourite easy chair and of course this compact disc playing on your home stereo. So go on indulge yourself, that's right, kick off your shoes, put your feet up, lean back and and just enjoy the melodies. After all, music soothes even the savage beast....

From Shakespeare's Twelfth Night.
DUKE ORSINO If music be the food of love, play on;
Give me excess of it, that, surfeiting,
The appetite may sicken, and so die.

Muitas vezes percebo que não devo reclamar de nada, e sabe por quê? Por que aos treze anos de idade fui apresentado ao mundo do rock 'n' roll. Algo pelo qual serei eternamente grato. Para falar a verdade, antes de ouvir rock and roll pela primeira vez, eu não ligava muito para música. E se você pudesse ouvir a música da Inglaterra antes do advento do rock and roll, talvez concordasse comigo e entendesse muito bem o porquê.

Mas agora apareceram artistas como Chuck Berry (assisti ao vivo três vezes-fenomenal!), Gene Vincent (uma vez ao vivo), Fats Domino, Eddie Cochrane, Bill Haley (com a pronúncia de /rei-lí/, nada de /har-li/, que é uma marca de motocicleta). Assisti a Bill Haley and his Comets em São Paulo. Tommy Steele, Cliff Richard and the Shadows, Buddy Holly, Dion and the Belmonts, Ritchie Valens, The Everly Brothers, Bob Dylan (Assisti ao show dele em Londres, em 1966, com The Band. Inesquecível! Depois, em São Paulo, com The Rolling Stones, etc. Claro, a lista é muita extensa e não vou lembrar de todos os *rockers* da época. Estava esquecendo Elvis, para mim o rei, mesmo.

E os Beatles? Rolling Stones? Ah, Sim! Admiro os Beatles demais, muitas canções lindas. Mas meu coração sempre foi mais inclinado aos Stones. Acompanhei as duas bandas como qualquer inglês da época. A década de sessenta foi muito rica e eu estava lá até sessenta e sete. Que sorte. Que privilégio.

Sinto-me muito sortudo de ter sido criado com estas lendas. Pode ser que meu gosto em música não seja muito sofisticado, e sei que não é mesmo, mas estou feliz com as coisas como foram e são (na área musical também).

E há mais um motivo de ter ficado no Brasil para viver a minha vida. Dependendo de qual rádio sintonize, escuto muito música da Inglaterra e dos Estados Unidos. A minha "dieta" musical está sempre assegurada. Graças a Deus, pois *rock 'n' roll has never let me down* (rock 'n' roll nunca me decepcionou)

79. Subject: Doubts

Como posso dizer "cesta básica"? A outra expressão é "desenvolvimento sustentável".

Segue algo que escrevi a respeito de *"cesta básica"*. Acho que *sustainable development* pode ser o termo que está procurando quanto a *desenvolvimento sustentável.*

CESTA BÁSICA

Recebo muitas solicitações para saber como se fala "cesta básica" em inglês. Não é o caso de simplesmente traduzir o termo; se fosse, teríamos *Basic Basket,* e não se fala mais nisso, nem de procurar no dicionário (sei porque acabei de procurar no meu inglês-português do pessoal da Mi-chaelis e... nada!), pois precisamos levar em consideração questões econômicas e culturais, além das puramente lingüísticas. Tudo isso para dizer que não existe uma expressão exata em inglês. Vejamos o porquê.

A cesta básica é um termo econômico brasileiro, ou seja, "Uma cesta de consumo suficiente para o atendimento das necessidades mínimas de uma família típica" *(Aurélio).* Um benefício estabelecido pela legislação brasileira na tentativa de garantir o mínimo de sustento e nutrição ao povo, normalmente às camadas mais necessitadas da população. Não é isso? Veja bem o que diz a definição "aureliana". Uma família típica.

Mas já que uma *Basic Basket* não existe nos países de língua inglesa, o que vamos fazer? Será que não há gente necessitada por lá? Claro que há. Nos Estados Unidos, os mais carentes recebem *Food Stamps* (uma espécie de selo ou "vale-comida" emitido pelo governo para ser trocado por comida nas lojas e supermercados). Na Inglaterra, recebem ajuda do *local go-vernment,* mas não sei como funciona com detalhes.

Acho que essas questões mostram os possíveis perigos daquilo que chamo de *simplistic thinking,* pois atrás de questões como essa existe um mundo, literalmente um mundo, de diferenças.

Mas agora tenho uma pergunta: Por que meu dicionário não fez uma distinção muito clara entre o que venha a ser uma cesta e um cesto? (E tem quem ache que inglês confunde!)

80. Subject: Doubts....and so on ..lol...

A friend of mine told me ...when we say OF COURSE.... this "OF" exceptionally has "F" sound instead of "V" sound.....so we must say "OF" /OV/ course ...

Tradução: Um amigo me disse que, quando dizemos OF COURSE.... este "OF" tem, excepcionalmente, o som de "F" em vez de "V".....portanto, devemos dizer "OF"/OV/course ...

"Ov course" of course. Se não, vai parecer com "off course", e aí você está perdido. (E não é excepcionalmente.)

81. Subject: Seu português

Sempre leio seus artigos na revista *New Routes* e os curto bastante. Quero lhe fazer uma pergunta a respeito de seu português... Sou estrangeira (turca) morando aqui por quase três anos e pratico bastante o português todos os dias, mas quando leio seus artigos em português sinto me envergonhada, já que são tão perfeitos. Pode me explicar como você consegui aprender tão bem? É o resultado de *self-study* ou você teve ajuda de uma escola ou professor?

Acho que a melhor coisa seria lhe contar um pouco da minha estória, cujo ponto principal é o fato de eu ter aprendido português muito lentamente. Não que estou, ou sou, excepcionalmente limitado no campo de habilidades lingüísticas, não é isso, embora quando cheguei aqui no Brasil eu só soubesse falar inglês. É mais devido ao fato de que no meu primeiro emprego estava trabalhando para uma empresa inglesa, falando inglês a maior parte do tempo no trabalho e em grande parte do meu tempo livre também. Isto significou que eu não usava muito o português, exceto quando ia me divertir na cidade. Logo, para os primeiros dois anos, não tinha muitas oportunidades de exercitar meu português. O que eu fazia, no entanto, era fazer milhões de perguntas, dando o meu melhor para aprender, mas me sentindo extremamente frustrado em uma boa parte do tempo. Aí conheci a minha primeira esposa, que falava inglês, mas a esta altura meu português havia chegado a um ponto no qual era mais fácil

falarem português com ela, já que estava um pouco melhor do que o inglês dela. Refiro-me a isso usando uma fórmula matemática: o menor denominador comum. Isso continuou a ser verdade após o nascimento do nosso primeiro filho, em 1971, e é o motivo pelo qual quase nunca falei inglês com meus filhos. Depois de seis anos, mudei-me para São Paulo e comecei a trabalhar em uma empresa brasileira, onde meu inglês era útil, mas passava o dia inteiro usando, e melhorando, meu português. De fato, **tive** de fazer isto, e meu progresso foi meteórico!

Nunca tive uma aula formal sequer, a não ser que conte uma hora que gastei com uma brasileira muito atraente que queria me "ajudar", mas a verdade é que em pouco tempo ficamos um pouco distraídos com o objetivo básico. Diria que a certa altura do campeonato estava me sentindo bem confortável com português, mas nunca parei de fazer perguntas, de ler e de usar meu pequeno dicionário verdinho *Collins Gem.* Portanto, tornei-me fluente somente depois de uns seis anos. Como se pode ver, eu era um aprendiz que aprendia muito lentamente.

A respeito daquilo que escrevo, nunca disse que meu português é perfeito; ainda cometo vários erros, mesmo estando aqui desde 1967. Mas todo trabalho meu que é publicado sempre passa por uma revisão de um ou mais brasileiros capazes e qualificados, estes profissionais são chamados, no meio jornalístico e editorial, de copidesques (em inglês, *copy editing).*

E agora, vamos chegar ao ponto realmente importante da sua carta. Você se sente envergonhada? Espero que tenha usado essa expressão, infelizmente muito comum, apenas por hábito, mas mesmo assim sugiro que você reflita sobre os fatos. Do que há de se envergonhar? Que não é perfeito? Que comete erros e depois aprende com eles? Envergonhada por que, exatamente? Você fala três línguas, não fala? Turca, inglês e português (a propósito, querido leitor, ela escreveu para mim em um inglês impecável; eu que estou traduzindo a carta dela para o português). Até onde sei, pode ser que fale outras também. E sente vergonha? Pare com isso, minha querida. Sugiro que você olhe profundamente sua realidade e pare de ser tão exigente consigo mesma.

82. Subject: Vocabulário

Tenho uma dúvida muito básica: quem possui maior vocabulário, no total, inglês ou português? isso já gerou ferrenha discussão por aqui, e como se calcula a quantidade de vocábulos de uma língua.

Sei que a língua inglesa possui o maior vocabulário de todos os idiomas. Li uma vez em um livro didático, *Headway*, que há pelo menos 600 mil palavras no léxico inglês, sem contar palavras científicas e especializadas; o espanhol tem em torno de 70 mil. Presumo que a língua espanhola possa ser comparada ao português.

E se gerou ferrenha discussão por aí, em outros lugares acontece o mesmo. Todos os lingüistas são unânimes ao declarar que é impossível contar o vocabulário inglês, como também deve ser igualmente impossível contar com algum grau de precisão outros idiomas.

O autor Bill Byson no seu livro *Mother Tongue* aborda este assunto, mas como emprestei o livro, e não o recebi de volta, não está comigo para consultar. Lembro apenas de que estava escrevendo sobre algo em torno de 1 milhão, fora as científicas e especializadas. E se quem estiver com ele ler este, por favor...

O *Oxford English Dictionary* (OED) contém 290 mil verbetes com 616.500 formas de palavras, sem contar gírias e terminologias regionais, nomes próprios, termos científicos e técnicos e jargões. Há, por exemplo, 1,4 milhões de insetos já nomeados. Ao todo, estimativas do vocabulário total de inglês começam na casa dos três milhões, mas numa coisa todos concordam: a resposta à pergunta é impossível de ser apurada.

Destas, em torno de 200 mil estão em uso comum. Uma pessoa instruída usa em torno de 20 mil palavras, mas numa semana usa apenas 2 mil destas. Claro, vai depender de quem está contando quem. Não são números absolutos.

Espero que tenha ajudado (em 248 palavras, incluindo as repetidas).

Um abraço,

Michael

PS: Outro motivo para dificultar a contagem é existirem 14 tipos de inglês, de acordo com a minha verificação ortográfica (MS).



ATITUDES & SUGESTÕES 17

83. Subject: Dúvidas

No seu 1º livro você ensinou que a resposta para "Have a nice weekend" é You too."E agora no 2º você disse que a resposta para "Best Wishes" é "For you too".(pag. 94).Você pode me dizer qual é a diferença?

Outra dúvida surgiu na pag. 24 do 2º livro com relação a TO MEET, TO GET ACQUAINTED e TO KNOW. No 1º parágrafo você disse que TO KNOW é o 1º passo. No 3º parágrafo você colocou que TO KNOW é o 3º passo. Não entendi nada. Você pode me esclarecer?

O que tento mostrar no meu trabalho são os erros e dificuldades mais comuns para o aluno brasileiro de inglês e como ele pode melhorar. Para responder a sua primeira pergunta, acho que a resposta é fácil. *Have a nice weekend* tem um verbo (have), e você não deseja um verbo para uma pessoa. Você deseja coisas, como no caso de *best wishes.* Vamos pensar juntos. Ao dizer *Have a nice weekend,* qual seria a resposta completa? Seria *Thank you. I hope you have a nice weekend too.* Caso comum de uma elipse *(I-hope-have-a-nice-weekend).* No segundo caso, *Best wishes for you too,* usa-se a preposição *for* porque os *best wishes* são algo, um substantivo abstrato, direcionados no sentido de uma pessoa. Deu para ajudar? Espero que sim.

Quanto à polêmica em torno de *to meet/know/get acquainted with/see/visit*=saber/conhecer; não me surpreende terfeito confusão. Já escrevi em algum lugar que um dia escreverei um livro, se um livro inteiro for necessário, para explicar todas as diferenças e como funcionam aqueles diabinhos na vida do estudante brasileiro de inglês, devido às complexidades provocadas pelas peculiaridades entre nossos dois idiomas. (Ainda não sentei para começar este livro.)

Um fato interessante me ocorreu neste exato momento. Estive pensando em como aprendi português, como me sentia em relação ao uso das palavras saber e conhecer e em como essas duas palavras diferem no uso, quando comparado ao do inglês. E sabe a qual conclusão cheguei? Nem me lembro de ter tido qualquer dificuldade com elas. Porque sempre aceitei o português como veio para mim. Tentava entender, claro, e fazia perguntas mil (mas não questionava); aceitei a língua portuguesa pelo que era. Claro que também não é todo mundo que aprende da mesma maneira.

Uns precisam de regras, de gramática, de motivos, mas, sinceramente, acho a minha maneira mais fácil (quero dizer, menos difícil), menos trabalhosa, mais rápida e mais eficaz.

Para você sentir, mais que entender, os vários usos dessas palavras em inglês, nada melhor que aceitá-los como de fato são e ir se acostumando por meio da leitura e de todos os outros meios de exposição. Mas a leitura, por prazer, é sempre o melhor caminho, pode crer! Quem sabe se, até o dia em que você estiver tinindo com *know, meet, get acquainted with*, nem precisará mais do livro que, até então, devo já ter escrito.

AUTOBIOGRAFIA 17: ORGULHO

"Michael, você deve se sentir bastante orgulhoso por ser inglês, não sente?"

Pego assim de supetão, não tive resposta. Orgulhoso? Eu? Por ser inglês? Nunca havia, até aquele momento, pensado a respeito. Tanto que só pude responder: "Orgulhoso, nem tanto. Sortudo, com certeza." Afinal, viver e trabalhar num país como o Brasil, com a demanda quase que insaciável para aprender a língua inglesa, de ser um professor desta língua tão requisitada, e ainda de fazer o que gosto, escrevendo para ajudar os brasileiros a progredir com inglês, só posso mesmo me considerar uma pessoa de sorte. Privilegiado mesmo. Mas orgulhoso?

A pessoa que havia feito a pergunta era uma professora de inglês, mas um pouco diferente de mim (além de ser atraente), pois não é uma inglesa, e sim uma peruana. Ela disse que se sentia muito orgulhosa da sua língua materna, da sua cultura e herança hispânicas, das suas origens. Enfim, de ser de Peru. (Ou será do Peru? Da Peru?). E estranhou. Como poderia eu não ter orgulho de ser inglês?

A pergunta mexeu bastante comigo na época, acho que foi lá pelo ano de 1998, mas nunca parei muito para analisar o assunto em mais detalhes, exceto de introduzir o tema nas minhas palestras, perguntando à platéia se sabiam quais eram Os Sete Pecados Capitais em inglês. Para os que esqueceram das suas aulas, são cada um dos sete vícios, ou faltas graves, catalogados pela Igreja católica na Idade Média, e que fazem parte da tradição cristã. Sinal dos tempos é que parece que a maioria lembra-os mais pelo filme "Seven" com Brad Pitt.

Os pecados capitais em português são... Sabe? Em inglês são chamados *The Seven Deadly Sins.* Repare que os pecados são *deadly* (mortais, letais, de matar)

em inglês, não apenas capitais (Eu disse "apenas"?). Vamos fazer uma tabela para facilitar:

The Seven Deadly Sins	Os Sete Pecados Capitais
Pride	Orgulho
Anger	Ira
Covetousness	Avareza (Cobiça)
Envy	Inveja
Gluttony	Gula
Lust	Luxúria
Sloth	Preguiça

Mas, recentemente, fui obrigado a considerar a questão, pois o orgulho tem assumido um ponto importante na minha vida ultimamente e quero entender mais e melhor sobre o assunto.

Para início de conversa, será que sei o que quer dizer a palavra "orgulho"? Afinal, sinto-me bastante orgulhoso dos meus filhos quando fazem coisas boas, quando vejo que estão se virando, buscando sua independência e crescimento.

Mas o orgulho não é considerado o primeiro dos sete pecados capitais? O chefe da guangue? Não sei se é realmente o mais importante dos sete (se "importante" é a palavra certa), mas em todos as relações que já vi, aparece encabeçando a lista. (Pera aí um pouco; a palavra "relações" pode confundir um pouco. Eu queria dizer relações no sentido de listas.)

Então, ter orgulho dos meus filhos é pecado? Para ter certeza de que estamos falando da mesma coisa, vamos dar uma espiada no *Aurélio,* página 1.456: orgiástico... órgio.... e... orgulhar, achei! *V.t.d.* 1. Causar orgulho a; ensoberbecer: 2. Sentir orgulho; ufanar-se (isto é dizer "ufa?").

Acho que não me ajudou muito ainda. Vamos para o próximo verbete (quando eu estava começando a aprender português, acreditava que "verbete" era um *little verb.* Pensei, *little verbs* são o quê? *Run, cut, put?* E *big verbs? Procrastinate? Appreciate?* Levei tempo para compreender que "verbete" era *"an entry*' em inglês, e que em português consistia em outras coisas além de verbos).

O próximo *entry,* então, é orgulho (substantivo) propriamente dito. E começa assim: "Do frâncico *urguli,* excelência. Sentimento de dignidade pessoal; brio, altivez". Até aí nada que a defina como pecado. Concorda? (Mas, será que entendo o que venha a ser altivez? Vamos tirar a dúvida? Diz o *Aurélio*: "Altivez -1. Qualidade de altivo. (2); nobreza, elevação, brio. 2. Qualidade de altivo. (3);

arrogância; orgulho; amor-próprio". E "altivo" é mencionada como: elevado, alto, brioso, digno, ilustre, arrogante, orgulhoso, presunçoso). Alguns significados são bem negativos, mas observe-se que mantêm os dois sentidos.

Continuando... "Conceito elevado ou exagerado de si próprio; amor próprio demasiado; soberba". Agora sim, entra uma conotação bem negativa, com certeza. Com as palavras "exagerado" e "demasiado", mostra, do mesmo modo que o uso de *too* em inglês, que já se passou de um limite. E essa tal de soberba? Preciso checar novamente meu *Aurélio.* Será *superb?* Vamos ver. Não, não é *superb,* é "Elevação ou altura de uma coisa em relação a outra. 2. Orgulho excessivo; altivez, arrogância; presunção". Em inglês,*pride, haughtiness,presumption, arrogance.* (Claro, essas peguei de outro dicionário, pois o *Aurélio* se limita ao português).

Epa! Que linguagem sofisticada. Vejo que estou usando a linguagem correta dos dicionários em tudo que escrevi até o momento. Vamos dar os nomes mais populares para tudo isso: convencida, metida, cheia de si, se acha; e, para incrementar seu vocabulário em inglês, essa pessoa insuportável é orgulhosa e metida a besta, chata, sabe-tudo, convencida seria chamada de *conceited, swollen headed, big headed, stuck up, a prick, conceited, big headed, swollen headed, a real prick, a pain in the neck,* além de ser uma *pain* em outro lugar do corpo que não pretendo mencionar aqui.

Será que a minha colega peruana acha que sou assim por ser inglês ou por ser eu apenas? Eis a questão que preciso responder para poder entender.

E agora que já definimos o verdadeiro sentido de orgulho, preciso me posicionar a respeito do comentário da ilustre colega. Sinto-me orgulhoso de ser inglês? De jeito nenhum. E sinto-me orgulhoso de ser eu? Aí são outros quinhentos. Se há orgulho dentro da minha cabecinha, ou cabeção, está lá não por eu ser inglês, mas simplesmente por eu ser eu.

E os espanhóis? Será que devem entrar na equação? E por que não? Afinal, foram eles que colonizaram grande parte da América Latina. Não sei qual opinião você tem sobre eles, mas a minha tendência é pensar primeiro em um dos melhores amigos, Antonio, espanhol. Grande amigo, mas um pouco prepotente? E a Espanha? O país cujo esporte nacional é reconhecido como *bullfighting* (tourada), o que chamamos em inglês de *bloodsport* (esporte de sangue) sem paralelo (Claro, você deve ter lembrado que nós ingleses, britânicos, também temos o nosso *bloodsport* predileto, *fox hunting,* caça à raposa.)

E, infelizmente, há de admitir, os nossos vizinhos, os argentinos, raramente são vistos com bons olhos por parte dos brasileiros, que os consideram como... bem, você sabe. Como também deve saber aquela piada sobre eles pensando que

são ingleses. Nem quero entrar no mérito. Só estou dizendo isso para lembrar que há características comuns ao povo da língua espanhola, visto pelos brasileiros.

E o brasileiro? Qual é a característica pela qual é conhecido? Pela prepotência? Pela arrogância? Nunca. Como dizia tantos anos atrás a personagem televisiva interpretada por Kate Lyra: "Brasileiro é tãããão bonzinho" (Minha nossa! Com esta percebo mesmo há quanto tempo estou no Brasil, como os anos passam. Alguém aí lendo isto lembra da Kate?). Claro, ser cordial não é o único traço positivo, mas é um que é reconhecido e aceito por todos. Outros são a hospitalidade, o calor humano... Con-corda? Já viu alguém dizer que brasileiro é sabidão, sabe-tudo, arrogante, prepotente? Claro que não. Mas, e outros povos e nacionalidades...? Não quero, nem posso, entrar neste campo minado e potencialmente perigoso para minha integridade física. Basta você formar suas próprias opiniões, chegar às suas conclusões, se já não as tem.

Mas, recentemente, lendo um excelente livro chamado *Steps to an Ecology of Mind* (Passos para uma Ecologia de Mente), de Gregory Bate-son, percebi outra faceta do orgulho. É uma questão também de tempo, do momento quando o que se chama de "orgulho", não está contextualmente estruturado quanto às realizações passadas. A palavra não é usada assim no sentido de ter orgulho em algo realizado. A ênfase não é sobre "Eu consegui", mas sobre "Eu posso...". É uma aceitação obsessiva de um desafio, um repúdio da proposição "Eu não posso".

O que me traz de volta à minha colega. Por que devo me sentir orgulhoso por ser inglês? Não vejo no meu íntimo motivo de "ser" orgulhoso. De "estar" orgulhoso, aí sim. Claro, a Inglaterra tem um passado histórico, cheio de glórias e vitórias, e de bom futebol. E a vitória na Copa do Mundo de 1966, merecidamente ganha, apenas atesta isso: o juiz não facilitou em nada, viu?!

Mas de ser orgulhoso? Mas há leitores que me escrevem de vez em quando, mencionando que em certos textos que escrevo, em certas respostas que dou, detectam certa arrogância. E quer saber de uma coisa? Eles têm razão. As vezes tenho deixado certo ar de irritação penetrar nas minhas respostas e colocações. Mas não é por eu ser inglês. É porque muitas vezes, infelizmente, ainda posso ser mesmo bastante metido. Foi algo que percebi com clareza esses dias, quando vi que meu orgulho ferido estava me causando sofrimento sem ao menos saber os motivos. Achava que eu tinha razão quando não tinha. E mesmo se tivesse, perdi toda razão por uma série de justificativas, de racionalizações totalmente sem fundamento. E era meu orgulho entrando em jogo para justificar o injustificável. Portanto, se você já recebeu uma resposta mal-criada minha, peço já perdão. E posso lhes garantir; orgulho ferido dói... muito. Melhor é me livrar

deste pecado, o quanto antes.

Percebo também que a questão do orgulho sofre uma pequena alteração quando falamos *I am proud, she is proud.* Assim, ser simplesmente orgulhoso é ruim, mas to be proud *of* algo, aí sim, parece que melhora: *Iam proud of my children, I am proud of my country's achievements.*

Então, sou orgulhoso sim, não por ser inglês, mas por ser Michael. E como é permitido pela língua portuguesa, espero não apenas "estar" cada vez menos, mas também "ser" menos orgulhoso no futuro.

Nunca me deixa de impressionar esta questão entre "ser" ou "estar"... nesse caso ser ou estar orgulhoso. Inglês não permite essa distinção. Ou você é ou não é. Para terminar, se fui orgulhoso, espero não continuar sendo. A não ser dos meus filhos, claro.

84. Subject: Dúvidas

Estou trabalhando num Hotel e a maioria dos hospedes são de fora, então venho praticando o inglês com frequencia. Gostaria de saber como eu falo para pessoa: Fique a vontade! Coisas de um bom atendimento, futuramente pretendo um cargo de recepção, oq eu faço já é quase isso. Bom, tampem tenho dúvidas quanto a Present perfect: simple and continuous, and past simple. Ai eu não sei direito isso sempre troco, será q vc poderia me dar uma breve explanação, sem querer te encomodar mas já encomodando.

Lamento não poder atender sua solicitação a respeito de explicações simples - e menos ainda breves - para os tempos verbais mencionados. O fato é que há muitos livros didáticos disponíveis que tentam fazer exatamente isso. E não vejo como simplificar o assunto mais do que já fizeram. Se eu fosse tentar, estaria caindo na mesmice de sempre, acho. Não consigo pensar numa frase equivalente a "Fique à vontade". Não é que não possa dizer "feel at home"; "make yourself at home"; "make yourself comfortable" (e, quem sabe, etc.). É que estas situações requerem outras frases comuns, e não simplesmente traduções do português. (Um leitor meu queria saber qual a diferença em inglês de pois, pois é, pois sim e pois não, tanto como perguntas como afirmações. Em inglês! E em português?)

Tendo dito isso eu diria que quando o brasileiro fala "fique à vontade", o americano e inglês diriam no mesmo momento "Anything else?", "Will

that be all sir?".

Num restaurante onde almoço com freqüência, sempre a garçonete fala após encher meu copo de Coca-Cola "Fique à vontade", eu sempre estranho, pois já me sinto e estou à vontade, especialmente porque almoço lá há um bom tempo. Traduzir? Para quê?

Sabe ******, acho que seria mais produtivo se você entrasse com a sua parte a respeito das afirmações que quer no seu ramo de atividades. Além de facilitar para mim, você não correria o risco de eu dar frases que você não quer e ao mesmo tempo omitir frases de que porventura vai precisar. O que acha? Vamos trabalhar juntos? Estou às ordens.

O que será que aconteceu? Nada. Nunca mais ouvi falar deste leitor. Será que a vontade dele era mesmo aprender? Será que ele quis fazer a parte dele? Talvez tenha sido demitido. Sei lá. Arrumou emprego como professor de inglês? (Vira esta boca para lá, Michael.)

Aha! É possível que tenha encontrado o livro *Enjoy your stay* (Inglês para hotelaria e turismo), de Enaura de Biaggi (Disal Editora).

85. Subject: Dúvida de inglês

Comprei o seu livro "tirando dúvidas de inglês" e estou adorando a leitura... vc é muito divertido. Você possui o tipo de humor que me agrada. "Nice to meet you!" (só uma exclamação, viu? apesar de achar que vc mereceria mais de uma...).

Só pra vc saber um pouco mais sobre mim, já que eu já sei alguma coisa sobre vc. Sou brasileira, paulistana e recomecei a dar aulas de inglês faz um ano. Achei que seria uma maneira legal de praticar... acho que acertei. Estou me divertindo bastante! Às vezes irritando também, se é que me entende?

Eu estava doida pra ter uma dúvida para poder te escrever. Enfim, ela apareceu!

Sabe, é o verbo "to improve". Eu estive fazendo exercícios de gramática naquela livro azul do Grammar in Use, e apareceu como certa a seguinte frase: "her English has improved". Eu tinha respondido " She has improved her English". Agora vai a dúvida: eu

tenho pra mim que *improve* é melhorar algo. No caso do estudo de uma língua, nós dois sabemos que a "ação" do aluno é de suma importância, não é? Dizer que ela teve o papel ativo de melhorar o inglês dela soa melhor aos meus ouvidos, do que dizer que o inglês foi melhorado. O estudo era para o present perfect, mas eu acho que tocaram uma voz passiva aí e na minha opinião o *improve* deveria ressaltar o papel do aluno neste caso. Concorda? Meio filosófico, né?

Concordo com você, *lock stock and barrel* (grau, número e gênero - será que acertei a seqüência?)... e absolutamente também. Não acho meio filosófico. Acho bem pertinente.

Gozado. Percebo agora que nem respondi a pergunta da leitora. Ou será que respondi? Mas queria comentar sobre a questão da ação, fora do campo da gramática. Acho que fiquei tão empolgado que ela havia sacado que o segredo para progredir com inglês é AÇÃO, deixando a passividade pra lá, que não respondi.

AUTOBIOGRAFIA 18:
MOTIVO POR EU ESTAR AQUI

Here I am — this is me
There's no where else on earth I'd rather be
BRYAN ADAMS, "HERE I AM"

Voltando para aquela colocação do meu cardiologista: "Michael, juro que não entendo. O que você, inglês de Londres, de um país do primeiro mundo, está fazendo neste Brasil? Por que você escolheu o Brasil para viver?".

Talvez possa até entender os motivos que levam o brasileiro a ser céti-co em relação a certos fatos tristes da vida brasileira. Por exemplo, estou escrevendo este texto em setembro de 2005, domingo, dia 18, para ser exato, e a manchete da capa da edição da *Veja* de hoje (Editora Abril, edição 1923, ano 38, n. 38, de 21 de setembro de 2005) diz: "PT... era vidro e se quebrou - A história de uma tragédia política".

Agora, entre a decepção com a classe política e a achar que o Brasil não presta - que tudo o que vem de fora e é de fora é melhor, que tudo é melhor "lá fora" - há enorme distância.

É ignorar as qualidades deste Brasil. Ou porventura quem reclama acha que tudo "lá fora" é perfeito? Para estas pessoas tenho uma notícia chocante. "Lá fora" há muita coisa errada. Certo, não tem a extensão dessa nossa classe política, evidenciada pela quebra da estrela do PT, mas sabe-se que há políticos corruptos também.

Não pretendo ficar aqui elaborando listas comparativas, mas o que posso fazer é falar das minhas impressões como um gringo morando aqui desde 1967.

Em primeiro lugar, sem dúvida, vem uma palavra mágica. Chama-se aceitação. Fui aceito por este país desde o primeiro momento que pus os pés aqui.

E vem a pergunta: Por que escolhi o Brasil? Pois é, escolhi. Uma amiga da minha filha me fez uma pergunta que já ouvi muitas vezes os jovens fazerem entre eles: "Tio. Se pudesse escolher, onde você escolheria morar?". Parei para pensar um pouco e me caiu uma ficha... Já escolhi! Tenho e tinha escolha e escolhi o Brasil. É muito provável, leitor, que você seja brasileiro e tenha nascido aqui. Mas eu não. Escolhi aqui. E nunca me arrependi, nenhuma vez. Nunca duvidei, exceto talvez logo no início da minha estada aqui, quando achava tudo tão assustador, nunca duvidei que tivesse feito a escolha correta, certeira, exceto... exceto... me remete a uma questão que acho interessante e que me foi colocada anos atrás.

Foi numa palestra, nem me lembro de que ou de quem, e o palestrante disse algo como nós não escolhemos os nossos empregos, somos escolhidos por eles. Considerei uma noção estranha na época, porém mais uma daquelas colocações que por mais estranhas que possam parecer, sinto a verdade na afirmação. Sinto a verdade em algum lugar que não seja no intelecto. O que naturalmente hoje me leva à pergunta: Eu escolhi o Brasil ou ele me escolheu? De quem foi a vontade exercida? Estou cada dia mais inclinado a acreditar, ao olhar para minha vida, a perguntar... será que a minha vida foi do jeito que eu queria, do jeito que planejei, ou simplesmente foi do jeito que foi? Será que as palavras da Oração do Pai Nosso, "seja feita a Vossa vontade" não são aplicáveis aqui? Três anos atrás eu teria achado esta noção ridícula. Hoje não. Por eu ter chegado até o Brasil não há tantas explicações assim, acho.

Não foi o John Lennon que disse: *"Life is what happens to you while you're busy making other plans"* (A vida é algo que te acontece enquanto você está ocupado fazendo outros planos)?

Bem, como já disse, nasci em plena Segunda Guerra Mundial, em uma família de classe operária. Uma das minhas primeiras lembranças é acompanhar minha mãe ao trabalho dela. Era faxineira em casas de grã-finos. Estas casas, tão bonitas e muito maiores do que a minha, me impressionavam. Meu pai era

almoxarife numa fábrica de peças. Sempre chegava em casa com cheiro de graxa e aço. Aposentou-se na função. Minha mãe chegou à supervisora de contas a pagar (ou a receber, nem lembro bem) numa grande multinacional norte-americana fabricante de pneus.

Hoje, o sistema de classes na Inglaterra é mais ameno do que antigamente, quando, não importava o quanto você tivesse de fortuna, sua classe social permanecia a mesma (e olha que eu já não tinha nenhuma fortuna na família).

Então vejo hoje que este foi um dos motivos mais fortes que me impulsionaram para fora da minha terra, rumo ao novo mundo, pois isso representava romper com a passividade que tanto condeno até hoje.

Escapar das limitações impostas pelo sistema de classes. E o Brasil me acolheu com todo o calor e a hospitalidade que lhe são peculiares. Nunca me arrependi da minha escolha (exceto talvez naquele primeiro dia sozinho na cidade de Santos), vendo a nave-mãe sumir no horizonte.

86. Subject: Metodologia

Qual, na sua opinião, é a melhor metodologia para se aprender inglês?

Não sei. Próxima pergunta... O quê? Já é a última? Então vou tentar caprichar para não ficar com fama de mau colaborador. Parece que a pergunta tocou num nervo, não parece? É, tocou mesmo, pois não sei quase nada a respeito de metodologias, mas posso escrever muitos nomes. Aliás, repare que escrevi "escrever" e não "descrever", pois aprendi os nomes com Jack Scholes, que entende dessas coisas. Vou listar algumas.

Audio visual + other technical stuff
Communicative Approach
Dictation & Translation
Direct method approach
Eclectic Methodology
Functional notional
Grammatical approach based on Latin
Grammatical method
Latin Model
Non-grammatical method Silent way
Structural Functional Structural methodology

E o *Ungrammatical method* - Escrevi isso de brincadeira, mas percebi que realmente existe, como uso de música popular, linguagem de rua, gírias, etc. Peço licença para ir correndo registrar e patentear o nome. Depois vou abrir uma escola e ficar rico.

E por que não? Posso até falar aqui sobre uma escola que usa a "metodologia Headway", já que usa o livro famoso de Jack Richards. Mas, pensando bem, acho que a escola já fechou, então é melhor ficar calado.

Tem mais? Provavelmente, mas por efeito de comunicação de idéias, acho que você vai concordar comigo que podemos, ou devemos, parar por aqui com a lista de metodologias.

"E qual é a melhor?", posso ouvir você perguntando. A minha resposta é, claro, para você que me conhece pelo menos um pouco agora: "Não faço idéia". Mas de uma coisa eu suspeito: se houvesse uma metodologia melhor que as outras, todas as outras teriam saído de campo e fariam parte da história, lingüisticamente falando. O que obviamente não é o caso. E o que me acontece quando alguém quer ter aula comigo e pergunta qual é a metodologia que uso? Para não perder a chance de ajudar (e não jogar dinheiro fora) coloco a minha mascara de sábio, aliado ao meu ar de sabichão e respondo: "Vamos ver com o decorrer do tempo as suas necessidades para depois ver a que for mais apropriada". E é mais ou menos isso que faço mesmo, utilizando talvez todas as metodologias sem pensar muito e sem me prender a nenhuma (e nem podia... porque não as conheço).

AMAZING GRACE

Pretendo dedicar esta parte final do livro ao tema de *grace* (graça). Recebi um e-mail de um leitor perguntando a respeito da palavra *twas.* Percebi que estava se referindo à contração *'twas.* Repare que a diferença está no uso do apóstrofo inicial, antes da letra t, pois é a contração de *it was.* Lembrei de um dos usos de *'twas* conjugado com a palavra *wretch.* Uma *wretch* é uma pessoa desgraçada, miserável e, com certeza, infeliz. (Eu poderia até perguntar se seria possível uma pessoa desgraçada e miserável ser outra coisa?)

Então é a minha intenção concluir este livro com *a hymn* que pode ajudar melhorar a sua compreensão e vocabulário. Chama-se *Amazing Grace*, escrito por John Newton (1725 - 1807).

Com este título também já foi feito um filme e um livro de Philip Yancey.

Observe que *a hymn* não é automaticamente "um hino" em português. Um *hymn* é uma canção religiosa em louvor ou graças a Deus, ou outra deidade. Não se deve confundir *hymn* com um hino do tipo "God Save the Queen" e "The Star-Spangled Banner", respectivamente os hinos nacionais da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, que são, em inglês, *The National Anthems*. Repare bem, são *Anthems*, não Hinos. O nosso "Hino Nacional" seria "The Brazilian (National) Anthem" em inglês.

Bem, John Newton se arrependeu da sua vida anterior (já que era um traficante de escravos, talvez sua decisão não seja muito surpreendente, e assim podemos entender melhor este ato e até simpatizar com ele), passou por uma conversão espiritual, decidiu entregar sua vontade e a sua vida a Deus e escreveu este lindo *hymn* para a posteridade.

A primeira vez que realmente o ouvi foi por meio de uma gravação de 1972, pelo The Pipes and Drums and Military Band of the Royal Scots Dragoon Guards, que chegou ao número um das paradas de sucesso do UK, vencendo artistas como T. Rex, Slade, Donny Osbond, Rod Stewart e, pasmem, Chuck Berry! É uma música instrumental com os *bagpipes* dominando. *Bagpipes*, literalmente "canos de saco". Nada mal para descrever a gaita de foles, concorda?

Amazing Grace também já foi gravada por vários artistas como Judy Collins, Elvis Presley, Janis Joplin, Johnny Cash, Willie Nelson, Tori Amos e Charlotte Church, LeAnn Rimes, Steve Tyler (Aerosmith), para citar apenas alguns. Indiscutivelmente é uma das músicas eruditas da língua inglesa mais conhecidas de todos os tempos.

Mas, primeiro, vamos dar uma olhada na palavra *grace*, ou graça. Aqui estamos trabalhando com o sentido de amor divino e proteção divina dados livremente às pessoas. *Amazing* (adjetivo) é a qualidade surpreendente e maravilhosa desta graça. Algo *amazes us* quando ocorre fora do curso normal dos eventos, quando não for previsível pela "lei natural".

Outro vocabulário útil conforme já mencionei é a palavra *wretch* que descreve com perfeição um desventurado, desgraçado, pobre coitado, miserável e infeliz; e *'twas*, a contração de *it was*, muito comum no inglês mais antigo e hoje usado mais para fins poéticas. E agora, a letra.

Amazing grace!

How sweet the sound
That saved a wretch like me!
I once was lost, but now I'm found
Was blind, but now I see

'Twas grace that taught
My heart to feel
And race, my fears relieved
How precious did that grace appear
The hour I first believed

Through many dangers, toils and snares
We have already come
T'was grace that brought us safe thus far
And grace will lead us home

When we've been there a thousand years
Bright shining as the sun
We'll have no less days to sing God's praise
Than when we first begun

E agora a tradução (se ainda precisa), mas antes uma observação.

Achei muito interessante o fato da segunda linha da segunda estrofe falar em *Twas grace that taught my heart to feel* (Foi a graça que ensinou meu coração a sentir). Parece que a letra original fala em *Twas grace that taught my heart to* fear. (Foi a graça que ensinou meu coração a temer.) Trocou-se a palavra *fear* para *feel* (temer para sentir).

Podemos lembrar que John Newton viveu numa época em que o "temor" de Deus era muito real (daí a palavra antiga *Godfearing)*, com a imagem de um Deus punitivo, castigador. Imagem, claro, que ainda existe hoje, infelizmente. Mas a letra de *Amazing Grace* tem sido modificada em algumas versões para refletir esta imagem mais moderna, e eu diria real, de um Deus amantíssimo, que quer o melhor para a gente e não pretende nos castigar quando não acertamos. Logo, não precisamos temer a Deus. Aliás é interessante observar que todas as religiões pregam quase a mesma mensagem, pelo menos ao meu ver, que é confiar e não precisar viver com medo. Incoerente então seria acreditar em Deus, ou quem ou seja o que for, e ainda ter medo. Pergunto: então por que crer?

Graça surpreendente! Como ê doce o som

Que salvou um miserável como eu
Estive cego, mas agora vejo
Estive perdido, mas me encontrei
Foi a graça que ensinou o meu coração sentir
E a acelerar
E a graça meus medos aliviou
Como esta graça pareceu-me preciosa
Na hora em que passei a acreditar pela primeira vez
Através de muitos perigos, trabalhos pesados e ciladas
Já passei
Foi a graça que me trouxe atê aqui
E a graça me levará para casa
E quando houvermos estado lá por dez mil anos
Brilhando como o sol
Não teremos menos dias para cantar em louvor a Deus
Do que quando começamos

E é isso mesmo que está acontecendo na minha vida ultimamente. Tanta coisa boa que só pode ser atribuída à graça. Começando em 1999 com a publicação do meu primeiro livro, finalmente encontrei o que gosto de fazer, e que quero fazer na minha vida e mais importante, o que eu escolho fazer - ajudar o estudante brasileiro com seu inglês e a outras pessoas com outros problemas. Sou um privilegiado de fato.

Descobri isso mais ou menos por acaso, pois, afinal, levei quase quatro anos para escrever o primeiro livro. Não, não precisa ficar boquiaberto por eu ter trabalhado durante este tempo todo, não foram quatro anos de trabalho contínuo, e ainda fiz sem realmente perceber que estava escrevendo um livro. Aí colocava tudo na gaveta, esquecia por meses a fio, até chegar a hora de ressuscitar o manuscrito e começar de novo. Eu não sabia o que me motivava a desenterrar o livro de vez em quando, mas hoje sei: chama-se "graça". Tampouco sabia, em 1967, o que me fez escolher o Brasil para viver minha vida. Hoje sei: chama-se graça. Foi por graça também que em 2002 detectei que sofria de uma doença traiçoeira, que me obrigou a me abster de beber qualquer *beverage* alcoólica - lembre-se de que *beverages* são bebidas em geral, com ou sem álcool, (água normalmente não é considerada uma *beverage).* E eu pensava que bebia muito apenas por ser inglês! Mais uma graça recebida.

(Falando nisso, se você está precisando de ajuda, ou se conhece alguém que precisa de ajuda por causa do álcool, sabe onde procurar, não sabe? Alcoólicos Anônimos é a solução. Procure-os, bem no início da lista telefônica. E tem ainda

Al-Anon para os familiares e amigos dos portadores da doença de alcoolismo.)

Ter feito essa descoberta me trouxe uma nova vida. Infinitamente melhor, sem tanta preguiça, mais produtiva, e indiscutivelmente mais feliz. Só hoje importa, pois só existe hoje. E como é bom perceber essa realidade, de que só posso agir hoje, no presente. Essa verdade também foi bem captada por Mário Quintana.

Meu saco de ilusões bem cheio, tive-o
Com ele ia subindo as ladeiras da vida
No entanto, a cada ilusão perdida
Que súbita sensação de alivio

Então, vou terminando aqui.

May God enlighten you all, English students and teachers and anyone else who may read this.

(Que Deus ilumine todos vocês estudantes e professores de inglês, e outros que porventura leiam isto.)

---

[*] Introduzi essa expressão muito comum para aproveitar o gancho. *Out of the blue* - também *like* a *bolt out of the blue* - literalmente "do azul" e "como um raio do azul" - se refere a um acontecimento inesperado e repentino, como um raio vindo inesperadamente de um céu azul.

[*]"Português em inglês", para quem não conhece a expressão que cunhei, acho, são frases com palavras em inglês, mas a estrutura, a sintaxe, é a do português. Um gringo que não entenda português provavelmente não compreenderia o teor da conversa, apesar de estar ouvindo palavras em inglês.

[*] Embora presunto em inglês seja ham, /râm/ Birmingham não leva *ham* na sua pronúncia. E mais para /ber-ming-um/. Agora, há uma Birmingham no estado de Alabama - EUA. Esta sim leva presunto: /ber-ming-ram/.

[*] Neste livro não estou muito afim de analisar o português dos leitores, mas... seria uma boa idéia, não?

[*] Em correspondência posterior Andrew descobriu que o termo *bunny* não era escrito bem assim, era "Bunny", com "B" maiúsculo. O nome do fabricante! Bem, como não gosto de desperdiçar nada que escrevo, vou deixar os comentários registrados para posteridade (quanta pretensão minha!).

[*]Cabe aqui uma explicação sobre a palavra, aexpressão, spoonfeeding. Feed = alimentar; spoon = colher: alimentar alguém com uma colher, tal qual um bebê. Dar toda a comidinhana boca,jámastigada. Tenhoaimpressão de que é assim que nossos alunos - assim como os outros estudantes, posso falar apenas dos meus aqui - querem aprender, especialmente no quesito vocabulário. Mais fácil abrir a boca como um passarinho recém-nascido e faminto, esperando o pássaro-mãe botar uma minhoca lá dentro.

[*] Woodie Guthrie também gravou outra versão dessa canção, lançada como "Blowing Down that Old Dusty Road" com a letra ligeiramente diferente.

Posfácio

Quando meu primeiro livro estava ficando pronto, e algumas pessoas estavam dizendo que era muito bom, comecei a pensar comercialmente, no mercado de ensino de inglês, ou como os profissionais de marketing falam: o universo de inglês.Inicialmente pensei em um universo de 500 mil estudantes de inglês no Brasil.Trocando idéias com alguns alunos elevamos essa estimativa para mais de um milhão.Conversando com a proprietária de uma boa escola, cuja opinião prezo muito, ela estimou o mercado em torno de três milhões. "Minha nossa!", pensei.

Ainda estava pensando quando li, na *Veja* ou na *Exame*, não me lembro ao certo, uma reportagem chamada, se não me engano, "A Febre de Aprender Inglês", a qual informou que esse mercado estava em torno de 20 milhões! (Agora sim, me permito uma exclamação.)

Depois, em outra publicação da Editora Abril, vi o mesmo número. Então, qual não foi a minha surpresa, um bom tempo depois, quando recebi uma ligação de um jornalista da própria Editora Abril perguntando-me se eu tinha uma idéia do tamanho do universo de estudantes de inglês no Brasil. "Vinte milhões", respondi prontamente, sem pestanejar.

"Como e de onde você sabe?"

"Das suas publicações."

"Pois é", disse o jornalista, "eu também vi este número nas reportagens, mas a jornalista que pesquisou o artigo na época não trabalha mais aqui e não conseguimos descobrir de onde ela pegou este número.Como podemos descobrir um número real? Há associações de classe? Sindicatos? Qualquer coisa que poderia dar uma pista?"

"Lamento. Desconheço", eu disse.

Hoje, eu teria um número.Fácil.Pega o peso de João Gordo da MTV e da banda Ratos do Porão, antes de perder peso, tira o peso que perdeu e multiplique o resultado pela velocidade do vento de três dias atrás, elevado à potência de mil (x1000). Viu?

Mas falando sério, se pegarmos a população brasileira (180 milhões em

janeiro de 2004) e jogarmos 10%, teremos, teremos... deixe pegar a minha calculadora... teremos 18 milhões. (Pelo menos descobri como a jornalista da Abril conseguiu o número dela, pois é só arredondar para a dezena mais próxima).

Acho que um público, ou um universo deste tamanho, merece mais alguns estudos e consideração, não acha? E com certeza não é o Michael Jacobs que vai fazer um estrago no mercado de ensino de inglês com as sugestões contidas neste livro.Já pensou no poder da consciência coletiva de 20 milhões de pessoas?

Mas de qualquer maneira, com um universo destes comercialmente disponível hoje e no futuro, acho que, parafraseando o Stephen Kanitz (Lembra? *Revolucione a Sala de Aula*, página5 e 6) podemos também revolucionar o ensino de inglês no Brasil.

E para melhorar, a única coisa que você tem que fazer é escolher. Escolher um melhor padrão de ensino de inglês para o Brasil.Você mere-ce, e é simples assim.

The End (Fim)

Bem, cheguei ao fim deste livro.Estive pensando: "Ele tem em torno de 45 mil palavras; é pouco para um livro, especialmente um livro que vai ser meu último título para ajudar o professor e o estudante de inglês". Mas aí pensei: "Será que preciso mesmo escrever tanto assim para transmitir minha mensagem?". E a resposta é: claro que não.

Então aqui está. Pronto.

Grande abraço,

Michael

Apêndice

Os três tópicos a seguir faziam parte do livro *Como não aprender inglês* – Volume 2, mas não foram inclusos na edição definitiva da Editora Campus/Elsevier. Agradeço a oportunidade de incluí-los aqui.

1. MATERIAIS

Desde a publicação do meu livro, recebo muitos e-mails de leitores. Uma das solicitações freqüentes refere-se à recomendação de materiais de estudo, ou seja, livros, CDs, dicionários, fitas de vídeo e áudio etc.

Tais solicitações me preocupam, pois a indicação de materiais depende, em primeiro lugar, do interesse do aluno, já que cada estudante de inglês tem necessidades e recursos financeiros específicos.

Além disso, essa escolha é algo muito pessoal e deve ocorrer em função de fatores como metas, níveis de conhecimento, preferências pessoais, área de atuação profissional, entre outros.(E, afinal, não tenho conhecimento de tudo que já foi publicado.Para falar a verdade, de muito pouco.)

Pouco tempo atrás, eu mesmo senti necessidade de incrementar meus velhos dicionários, após tantos anos de serviço fiel.Passei quase duas horas numa distribuidora de livros para selecionar quatro obras – três dicioná-rios e um livro de sinônimos.E mesmo assim só o tempo e a prática dirão se fiz a escolha certa.

Tento sempre esclarecer as dúvidas dos meus leitores, orientando-os no que for possível.Mas, quanto a indicações bibliográficas, vou logo avisando que não existem soluções fáceis.Não há atalhos.Temos de fazer um esforço! O prof.Dr.John Milton captou bem o que penso sobre o assunto no prefácio de *Como não aprender inglês* – Volume 1: "O autor tenta encorajar uma atitude menos passiva por parte dos estudantes brasileiros."

E é isso mesmo o que procuro fazer. Afinal, o mundo de ELT (English Language Training) e ESL (English as a Second Language) é riquíssimo.Os materiais podem ser encontrados em todas as livrarias e também na Internet.São literalmente milhares de títulos disponíveis, reno-vados constantemente.

Sei, pelos e-mails que recebo, que os leitores se identificam com as situações expostas no meu livro, e fico muito satisfeito de ter atingido meu objetivo como professor de inglês e autor, mas essa proximidade ainda não é suficiente para que eu possa indicar materiais

O que posso dizer para ajudar, e para tornar esta resposta mais positiva, é o seguinte:

- Confie na sua intuição.Você se conhece melhor do que ninguém; só você conhece as suas necessidades ou as do seu aluno.
- Preste atenção àquela voz interior, confie nela.Ao ver, ler e tocar o material sobre o qual você está ponderando, verifique se ele real-mente o agrada, não apenas intelectualmente, mas de coração, visceralmente.Para tomar uma decisão, sente-se com calma.Tente imaginar você, ou seu aluno, trabalhando com o material, tocando-o, tirando proveito, realmente aprendendo, bem e muito. Deixe que suas emoções aflorem para que possam ajudá-lo nessa decisão.
- Visualize *in your minds eye* como o material será empregado e sob quais circunstâncias.Se algum detalhe na capa do livro ou na embalagem não lhe agrada, considere isto um sinal, um forte sinal até, de que, após algum tempo, você provavelmente criará certo desgosto ou mesmo uma aversão pelo material.
- Não se prenda apenas aos fatos – preste atenção ao fator conforto. Aquele conforto interior. Se sente algum ponto de desconforto, por insignificante que seja, procure outra coisa.Escute o que seu corpo diz e confie nisto.

2. UM FILME PARA ESTUDAR

“A fish called Wanda” (Um peixe chamado Wanda)

Numa quarta-feira à tarde, momentos antes de sair de casa para um compromisso importante, vi passando na televisão "A Fish Called Wanda".Apesar da minha pressa, não me contive e parei para dar uma espiada.O filme inglês, de 1988, trata das peripécias de um quarteto de assaltantes e é, para mim, uma das melhores comédias recentes – tanto que já assisti incontáveis vezes, por inteiro e aos trechos.

Aliás, recomendo-o a você, leitor, como já recomendei a vários alunos.Além de divertidíssimo, o filme é leve, inteligente e oferece uma verdadeira aula (ou melhor, várias aulas) de inglês. Vejamos o porquê:

Em primeiro lugar, pelo aspecto cultural – que é tão importante para o

progresso do aluno no aprendizado da língua inglesa quanto a compreensão dos aspectos lingüísticos.Em "A Fish Called Wanda", são comparadas as diferentes facetas da cultura norte-americana com as da britânica: um verdadeiro choque cultural.Há uma cena, na qual o ator John Cleese, protagonista que interpreta magistralmente o papel de Archie, explica para Jamie Lee Curtis (Wanda) alguns dos sentidos de "ser inglês"(com um pouquinho de exagero, talvez) e as restrições sociais em que essa condição implica.

Em segundo lugar, pelas questões da língua inglesa nas suas duas principais vertentes.Archie é um advogado cujo sotaque reflete o mais puro inglês da elite britânica, bem como o de sua esposa, Wendy.Porém, sua amante (que tem o mesmo nome do peixe de estimação do filme) e o outro amante de sua amante (Otto, interpretado por Kevin Kline) tem sotaque americano neutro.Na trama aparecem ainda um gago (Ken, vivido por Michael Palin) e George, ambos com sotaque londrino de classe operária (coisa que, aliás, o Ken apenas tem quando consegue vencer a sua gagueira).

Os telespectadores mais safadinhos podem aproveitar para conhecer al-guns palavrões ao longo do filme. Contudo, esses termos não chegam a ofender os mais recatados, pois são ditos de maneira engraçada e oportuna. Se você já se interessou, ótimo.Pode ir correndo assistir.Enquanto isso, vou me aprofundar um pouquinho mais na história, da qual sou fã número um.

Otto tem verdadeiro ódio dos ingleses, e John Cleese, que é *a barrister* ou *barrister-at-law*, ou seja, um advogado altamente qualificado para exercer sua profissão nas *higher courts* – espécie de cortes supremas ou fóruns de instância superior na Grã-Bretanha – não fica atrás em relação aos norte-americanos.Nesse embate, as duas personagens oferecem uma boa aula do idioma inglês.Aqui vai uma pincelada dos termos usados no filme:

Clenched	cerrado
Cross examine	interrogar
Dumb	estúpido
I heard moaning	escutei gemidos
I was faking it	estava fingindo
I’m all yours	sou todo seu
I’m outta here	estou indo/saindo
It’s a smoke screen é	uma cortina de fumaça
Legal student	estudante de direito
Limey	um inglês

Limey fish	peixe inglês
Limey fruits	gays ingleses
Phoney accent	sotaque falso
Rub her out	matar/assassinar
Stutter	gaguejar
To pop in	visitar por pouco tempo sem avisar
Twerp	babaca
Uptight	tenso, ansioso, formal
Why on earth not?	por que não?

Quase no fim da história, surgem alguns trocadilhos brilhantes com os nomes Wanda e Wendy e o verbo to *wonder*.Aposto que a esta altura você já está convencido. Então alugue a fita de vídeo, assista aos *reruns* (reprises) na TV a cabo ou, melhor ainda, compre "A Fish Called Wanda"sem legenda.O custo dessa empreitada é insignificante se comparado às horas de aprendizado oferecidas.Use e abuse do *rewind/replay*, tente decorar as falas, esforce-se para compreender (sem ler as legendas) e, acima de tudo, divirta-se.Se preferir, faça tudo isso em grupo e tire suas dúvidas com os amigos ou com seu professor de inglês.

Ah! Antes que alguém pergunte, vou adiantar: não estou recebendo cachê pela propaganda.Minha recompensa é acreditar que esta indicação (e olhe que raramente indico algum título) realmente pode ajudar no seu progresso com a língua inglesa.E também não perdi meu compromisso, pois assisti apenas a um trecho particularmente engraçado do filme naquela quarta-feira, o suficiente para me estimular a alugar a fita mais uma vez e a escrever este artigo para você.

Só faltou responder uma curiosidade: Por que o casal foge justamente para o Rio de Janeiro?

3. UMA QUESTÃO DE GRAMÁTICA

To look forward to (something)

Você já deve ter visto algo similar à expressão *to lookforward to*... Trata-se de um daqueles *phrasal verbs* que tanto amedrontam a vida do estu-dante, com um agravante: este, à primeira vista, é ainda mais complicado, pois o verbo *to look* (olhar) é seguido por um advérbio *(forward)* que indica futuro, mais a preposição *to*.

Quanta coisa, não é mesmo? Mas fique tranqüilo.Você vai tirar de letra, juro. Deixe-me contar uma história antes de prosseguir. Quando saiu o Volume 2, cometi o engano de escrever *foward*, sem um dos fierresflem vez do correto "forward".Já que o artigo é um pouco extenso,eouso da palavra "forward"ocorre 30 vezes, saiu com 30 erros ortográficos.Não demorou para os leitores começarem a escrever reclamando e questio- nando.Havia leitores que estranharam tanto que chegaram a achar que seus dicionários estavam errados, tal a confiança que depositaram em mim e para a qual me sinto tão honrado.Mas o fato é que eu não havia percebido meu erro e a única ressalva é que, incluídos na lista dos que me ajudaram nas revisões, estavam dois amigos ingleses, que também nada notaram. Cada vez que hoje preciso escrever *forward*, redobro meus cuidados.

Bem, não vou apontar erros, embora meus alunos provoquem inúmeros quando tentam usar o *to lookforward to...* Meu objetivo aqui é incentivar o uso dessa expressão.Afinal, ela é uma das mais comuns da língua inglesa. *To lookforward to...* é tão útil e tão empregada que quero ouvi-la da boca de cada estudante, como se fossem gringos.

Então vamos lá! Usamos *to lookforward to...* para nos referir a qualquer coisa que acontecerá no futuro, mesmo sem saber exatamente quando.Ela indica certeza de que algo agradável está por vir.Foi por isso que não coloquei a tradução em português ao lado do título.Tudo o que acabei de explicar é a tradução (o título ficaria gigante).

Mas preste atenção: *to lookforward to* representa sempre uma emoção positiva. Se quisermos dar uma conotação negativa à frase, usaremos a palavra *not*, como veremos mais adiante.

Alguns exemplos positivos

I’m lookingforward to pay day.
(Que venha logo o dia do pagamento.)

I’m lookingforward to seeing you.
(Estou aguardando com prazer o momento de encontrar você.)

I’m lookingforward to hearingfrom you.
(Estou ansioso para ter notícias suas.)

I’m lookingforward to a beer with the lads.
(Mal posso esperar o momento de tomar uma(s) cerveja(s) com os rapazes.)

Viu? O que você está aguardando, isso vai acontecer.É fato.Portanto, não podemos dizer:

I’m lookingforward to winning the lottery.
(Estou aguardando ansiosamente para ganhar na loteria), pois não há certeza de que vou ganhar o prêmio da loteria.

I’m lookingforward to going to Hawaii one day.
(Não vejo a hora de ir para o Havaí um dia), pois o uso de one day indica ausência de dúvida.

Portanto, a frase é válida somente se você tiver absoluta certeza de que visitará as ilhas havaianas antes de morrer.
Você deve ter percebido que os exemplos estão no tempo verbal *present continuous*.Isso não é regra.A expressão *to lookforward to* pode estar em qualquer tempo. Veja:

Present simple

We lookforward to our vacations every year.
(Todos os anos aguardamos com expectativas positivas as nossas férias.)

Past simple
They looked forward to meeting his bride.
(Eles queriam ver/conhecer/encontrar a noiva dele.)

Past continuous

She was lookingforward to finally seeing the sea.
(Ela estava aguardando o dia em que finalmente veria o mar.)

Present perfect

We have been so lookingforward to having you here with us.
(Estávamos há tempos aguardando o momento de tê-lo conosco.)

Repare que a pessoa acabou de chegar; a ênfase é no resultado.

Present perfect continuous

They have been lookingforward to their vacation for some time.
(Eles estão aguardando as suas férias há algum tempo.)

A ênfase é na ação, e não no resultado.

Past perfect

He had looked forward to meeting her, and wasn't disappointed.
(Ele desejava muito conhecê-la e não ficou decepcionado.)
Ênfase no resultado.

Past perfect continuous

I had been lookingforward to meeting his newgirlfriend, but when I did I thought she was a dog.
(Eu estava querendo muito conhecer sua nova namorada, mas quando isso aconteceu a achei muito feia.)

Ênfase na ação.

Future simple

Come to my party next week.
(Venha à minha festa na próxima semana.)

Thanks. I'll lookforward to it.
(Obrigado. Tenho certeza de que vou adorar.)

Future continuous

After finishing this chapter I will be lookingforward to your comments. (Após terminar este capítulo, ficarei aguardando seus comentários, que, espero, serão cheios de elogios.)

Podemos também aproveitar a forma used to para incrementar um pouquinho mais as nossas frases.Se você ficou inseguro, lembre: used to refere-se a algo que acontecia no passado, regularmente, mas não acontece mais. Veja:

I used to look forward to parties, but nowadays I look forward an early night.

(Antigamente, eu sempre estava a fim de uma festa, mas hoje prefiro dormir cedo.)

Há ainda os tempos de *Future perfect simple e Future perfect continuous*, mas estes são de tão baixa freqüência, que não vale a pena apresentá-los.

Conforme mencionei, para inverter o aspecto positivo da frase para o negativo, usamos *not*:

I have to go the meeting.It will be boring and I'm not lookingforward to it.

(Preciso ir à reunião.Certamente ela será monótona, e não estou nem um pouco feliz com isso.)ss

I don't lookforward to filling out my tax return.

(Não fico feliz ao lembrar que preciso fazer minha declaração de imposto de renda.)

I had surgery last week. Naturally I wasn't lookingforward to it but was less painful than I imagined.

(Passei por uma cirurgia na semana passada. Naturalmente estava com muito receio, mas foi menos dolorida do que eu imaginava.)

Caro leitor, acredito que esses exemplos sejam suficientes para você tirar suas dúvidas e começar a usar mais e corretamente *to lookforward to (something).*

I hope you are lookingforward to trying!

(Espero que você esteja ansioso para colocar em prática!)

ÍNDICE

AlAnon,
Alcoólicos Anônimos,
Andrew Kelsey,
Betty Schrampfer Azar,
*Understanding and Using English Grammar (*Prentice Hall Regents),
BrazTesol
Callan Method,
ChiswickThamesGreenwich (pronunciação),
Church of England,
Douglas Bader,
Elton John
Elvis Presley,
Gregory Bateman, *Steps to an Ecology of Mind*,
Hugh Hefner,
Jack Scholes,
John Milton,
John Newton,
Kenneth More, *Reach for the Sky,*
MEC/Tocantins,
Michael Swan, *Practical English Usage* (OUP),
Michael Swan & Katherine Walter, *How English Works* (OUP),
Neale Donald Walsch, *Conversando com Deus* (Ediouro),
Oxford English Dictionary (OUP),

Raymond Murphy, *English Grammar in Use* (CUP),
Raymond Murphy, *Essential Grammar in Use* (CUP),
Roger & Marta,
Simon Winchester, *O professor e o demente* (Record), xi
“Spanglish”,
Stephen Kanitz,
TWI – SENAI,
U2,
Unique,
Veja (revista),
Wilson Liberato, *Compact English Book* (FDT)

Como não ensinar Inglês

A Editora Campus/Elsevier orgulha-se de publicar a mais recente obra do consagrado autor inglês Michael Jacobs, cujo coração está, sem dúvida, no Brasil, país no qual se radicou em 1967.

Michael nos brinda com mais uma obra-prima – repleta de bom humor, sua marca registrada, e de dicas para ajudar o estudante brasileiro – sobre o aprendizado da língua inglesa. Seu estilo leve e engraçado é ao mesmo tempo educativo e cultural.

Contudo, aqui Michael afirma que este será o último livro que escreve sobre o assunto! Diante disso, só nos resta perguntar: Por quê? Leia este livro, aprimore seu inglês e descubra por que o autor faz essa afirmação.

ELSEVIER
CAMPUS
Uma empresa Elsevier
www.elsevier.com.br

ISBN 978-85-352-3277-6